

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

**INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

**Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde**

**Roberto Carlos da Silva**

**A participação da mulher no movimento operário de Volta Redonda:  
Uma perspectiva da educação popular em diálogo com a CienciArte e a pesquisa  
baseada em artes.**

**RIO DE JANEIRO**

**Março, 2022**



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**

## **INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

**Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde**

**ROBERTO CARLOS DA SILVA**

**A participação da mulher no movimento operário de Volta Redonda:  
Uma perspectiva da educação popular em diálogo com a CienciArte e a pesquisa  
baseada em artes**

Dissertação apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biociências e Saúde.

**Orientadores:** Prof. Dr. Marcio Luiz Braga Corrêa de Mello  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Paula Bonatto

**RIO DE JANEIRO**

**Junho, 2022**



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**

**INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

**Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde**

**ROBERTO CARLOS DA SILVA**

**A participação da mulher no movimento operário de Volta Redonda:  
Uma perspectiva da educação popular em diálogo com a CienciArte e a pesquisa  
baseada em artes.**

**Orientadores: Prof. Dr. Marcio Luiz Corrêa de Mello  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Paula Bonatto**

**Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

**EXAMINADORES:**

**Prof. Dr. Nome – Presidente**

**Prof. Dr. Nome – Membro Titular**

**Prof. Dr. Nome – Membro Titular**

**Prof. Dr. Nome – Revisora e Suplente**

**Prof. Dr. Nome – Suplente**

Rio de Janeiro, junho de 2022



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**

(Anexar a cópia da Ata que será entregue pela SEAC já assim)

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	20
1.1 OBJETIVOS .....	23
1.1.1 Objetivo Geral.....	23
1.1.2 Objetivos Específicos .....	23
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
2.1 CONTEXTUALIZAÇÕES POLÍTICAS DE 1930 A 1950 .....	24
2.2 EMANCIPAÇÃO DE VOLTA REDONDA E GOLPE DE 1964: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER. ....	28
2.3 MOVIMENTO FEMINISTA.....	30
2.4 MOVIMENTO DE MULHERES, COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E MILITÂNCIA SINDICAL: FRUTOS DA EDUCAÇÃO POPULAR EMANCIPATÓRIA DE FREIRE .....	31
2.5 AS GREVES, A INTERVENÇÃO DO EXÉRCITO E MOBILIZAÇÕES DE GRUPOS POPULARES EM VOLTA REDONDA DE 1983 A 1988 .....	38
2.6. CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA A PSICOLOGIA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE: O PAPEL DAS NARRATIVAS .....	44
2.7 PESQUISA BASEADA EM ARTE – ABR, CIENCIARTE E ARTETERAPIA....	46
2.8 ARTETERAPIA.....	47
3. METODOLOGIA .....	52
3.1 CONTEXTO DO ESTUDO.....	52
3.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DA PESQUISA.....	55
3.3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	55
3.3.1 Narrativa Acadêmica.....	57
3.3.2 Narrativa Política .....	57
3.3.3 Narrativa Audiovisual .....	58
3.4. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO .....	59
3.5. OFICINA E ENTREVISTAS .....	60
3.6 VIVÊNCIAS DE ARTETERAPIA – ABR .....	60
3.7 ANÁLISE DE ENUNCIÇÃO DAS NARRATIVAS DAS MULHERES .....	62

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	64
4.1 SISTEMATIZAÇÃO DAS NARRATIVAS .....	64
4.2 NARRATIVA DAS MULHERES: PESQUISA DE CAMPO .....	64
4.3 ANÁLISE DOS DESENHOS DA LINHA DA VIDA NA ABORDAGEM CIENCIARTE.....	66
4.4 NARRATIVAS POLÍTICAS SOBRE AS MULHERES.....	77
4.5 NARRATIVAS AUDIOVISUAIS SOBRE AS MULHERES, CEBS E MOVIMENTO OPERÁRIO.....	84
4.5.1 Fotografias institucionais, retrato de um poema .....	91
4.5.2 Narrativa Acadêmica.....	97
4.6 POPULARIZAÇÃO DA PESQUISA POR MEIO DO AUDIOVISUAL .....	109
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	115
REFERÊNCIAS .....	118
APÊNDICES E ANEXOS .....	124

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os participantes desta pesquisa.

Agradeço de forma especial a minha mãe que passou grande parte de sua vida lutando contra preconceito e em defesa da liberdade de ser uma mulher independente. Agradeço também ao Antônio Calino, notório fotógrafo de Volta Redonda que, em vida, nos recomendou ao seu amigo Geraldo Bastos, com quem descobrimos um maravilhoso acervo fotográfico da história de Volta Redonda.

Às mulheres que, gentilmente, não pouparam esforços para nos contar suas histórias, revelando o método de educação popular das Comunidades Eclesiais de Base.

Agradeço à professora Paula Bonatto por aceitar fazer a coorientação deste trabalho; ao professor Márcio Luiz Mello; à Arteterapeuta Helena Ananias; a minha filha Maria Luiza Silva, estudante do Curso de Artes e Design da UFJF; a Lauriane Martins, Mestranda do IOC, ao Pedagogo Hugo Araújo, à revisão e orientação da Professora e jornalista Vânia Lee e ao Doutorando do EBS-IOC/FIOCRUZ, Sérgio Silva por sua contribuição na construção dos dados estatísticos.

Por fim, à minha companheira Gabriela, à Alice, minha enteada favorita e às minhas amadas filhas (por ordem de chegada) Mariana e Maria Luiza, agradecendo a compreensão pelos momentos de ausência, mas, como diz a música: “perdoem a cara amarrada, perdoem a falta de espaço, os dias eram assim”.

## Retrato do artista quando coisa

*Manoel de Barros*

A maior riqueza  
do homem  
é sua incompletude.  
Nesse ponto  
sou abastado.  
Palavras que me aceitam  
como sou  
— eu não aceito.  
Não aguento ser apenas  
um sujeito que abre  
portas, que puxa  
válvulas, que olha o  
relógio, que compra pão  
às 6 da tarde, que vai  
lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai. Mas eu  
preciso ser Outros.  
Eu penso  
renovar o homem  
usando borboletas.

Uma citação de Pitágoras se encontra na epígrafe do livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir: “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.” (BEAUVOIR,2009)



## RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada a partir de narrativas de mulheres que participaram do movimento operário de Volta Redonda, por meio da identificação de características dessa participação, durante as décadas de 1940 a 1980. Escolhemos este recorte geográfico por ser Volta Redonda uma cidade que surge após a chegada dos trabalhadores para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Nesse contexto ocorre em Volta Redonda o início das Comunidades Eclesiais de Base, que tiveram forte influência na formação dos/das trabalhadores/as dessa região. O presente trabalho é constituído por pesquisa teórico-documental e pesquisa de campo. Nessa pesquisa utilizamos a contribuição das teorias da Psicologia, assim como a produção teórica de Paulo Freire associada a ferramentas teórico-metodológicas da Pesquisa Baseada em Artes. Esses referenciais orientam entrevistas realizadas com mulheres que participaram do movimento operário. A pesquisa documental utilizou imagens (fotografias, vídeos, imagens de jornais e de livros), para entender a questão central: Quais as características da participação de mulheres no movimento operário de Volta Redonda durante as décadas de 1940 a 1980 a partir de suas narrativas? Na pesquisa de campo, utilizamos a Pesquisa Baseada em Artes para identificar nas narrativas das participantes, aspectos da participação da mulher no movimento operário de Volta Redonda, além de realizar análises com base nas teorias de análise de conteúdo. Consideramos os diferentes pontos de vista: o acadêmico, as produções audiovisuais e a visão político-literária da prefeitura sobre as mulheres de Volta Redonda e o movimento operário. A metodologia da Pesquisa Baseada em Artes nos possibilitou construir um mosaico de estratégias, revelando questões obscurecidas e ocultadas. Este mosaico foi composto pelas narrativas das participantes com imagens produzidas por elas na vivência de Arteterapia em uma perspectiva de Carl Gustav Jung. Na composição desse mosaico estão também as narrativas audiovisuais e a utilização de *frames* e fotografias para analisar como e por quem a história dessas mulheres estavam representadas. Também tivemos a possibilidade de analisar histórias de mulheres que foram homenageadas postumamente ao passo que as mulheres que permanecem atuantes, com raras exceções, dentro de uma narrativa política e acadêmica, foram invisibilizadas pela sociedade, o que foi perceptível também nas narrativas audiovisuais, como mostrou nossa metodologia. Apresentamos, como parte dos resultados, as entrevistas sintetizadas em formato de minidocumentário, valorizando o resgate da memória local e o potencial educativo presente nas narrativas das mulheres entrevistadas. Contribuindo para uma nova perspectiva dialógica entre as narrativas sobre as mulheres e as narrativas das mulheres na Pesquisa Baseada em Artes, o resultado foi uma nova narrativa sobre as histórias das mulheres no movimento operário de Volta Redonda, rompendo com esquemas culturais estigmatizantes e contribuindo para o surgimento de novas identidades.

**Palavras Chaves:** Mulher; Movimento Operário; Pesquisa Baseada em Artes; Psicologia; CienciArte; Arteterapia.

## ABSTRACT

The present work is the result of research based on the narratives of women who participated of workers' movement in the city of Volta Redonda, identifying features of this participation during 1940s until 1980s. We chose this geographical area because Volta Redonda arose as a city with the arrival of workers for the construction of Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). In this context, the beginning of the Base Ecclesial Communities took place in Volta Redonda, and had a strong influence on the training of workers at that region. The work consists of theoretical and documentary research and field research. In this research, we used the contribution of theories of Psychology regarding the promotion of health for the elderly; the theoretical production of Paulo Freire associated with the theoretical and methodological tools of Arts Based Research. These references guide interviews with women who participated in the labor movement. The documentary research used images (photographs, videos, images from newspapers and books), to understand the central question: What are the features of the participation of women in the workers' movement of Volta Redonda during the 1940s until 1980s from their narratives? In field research, we used Arts-based Research to identify, in the narratives of the participants, aspects of women participation in Volta Redonda workers' movement. The Arts-Based Research methodology enabled us to build a mosaic of strategies,

revealing obscured and hidden issues. This mosaic was composed by the narratives of the participants with images produced by them in the experience of Art Therapy in a perspective of Carl Gustav Jung. The composition of this mosaic also includes audiovisual narratives and the use of frames and photographs to analyze how and by whom the history of these women was represented. We also had the possibility to analyze stories of women who were posthumously honored while women who are still alive and remain active, with rare exceptions, within a political and academic narrative were made invisible by society in general, which was also perceptible in the audiovisual narratives, as shown by our methodology. In addition, we carried out our analysis based on theories of content/discourse. We considered the different points of view: the academic, the audiovisual productions and the political-literary vision of the municipal government about the women of Volta Redonda and the workers' movement. We present, as part of the results, the interviews synthesized in a mini-documentary format, valuing the recovery of local memory and the educational potential which is present in the narratives of the women interviewed.

**Keywords:** Women; Labor Movement; Research Based on Arts; Psychology; Science; Art Therapy.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01 -	Análise dos desenhos participante 01 na abordagem CienciArte/Arteterapia .....	68
TABELA 02 -	Análise dos desenhos participante 02 na abordagem CienciArte/Arteterapia .....	68

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 -	Acampamento	Central	25
FIGURA 02 -	As “Vira Latas”		32
FIGURA 03 -	Apoio das Mulheres		40
FIGURA 04 -	Intervenção do Exército Greve de 1988		40
FIGURA 05 -	Greve de 1988 Jornal O Globo		41
FIGURA 06 -	Monumento 9 de Novembro Forma Original		42
FIGURA 07 -	Monumento 9 de Novembro Após o Atentado		48
FIGURA 08 -	Monumento 9 de Novembro Recuperado		48
FIGURA 09 -	Linha do Tempo da Pesquisa		52
FIGURA 10 -	Construção Multidimensional do Grupo de Pesquisa		54
FIGURA 11 -	Mosaico das Narrativas de Pesquisa		57
FIGURA 12 -	Vivência de Arteterapia- Desenho da Linha da Vida		61
FIGURA 13 -	Desenho 1 Participante 1 da Linha da Vida		65
FIGURA 14 -	Desenho 2 Participante 1 da Linha da Vida		65
FIGURA 15 -	Desenho 1 Participante 2 da Linha da Vida		66
FIGURA 16 -	Filme História de Volta Redonda		86
FIGURA 17 -	Passeata das Mulheres		86
FIGURA 18 -	Apoio das Mulheres		87

FIGURA 19 -	..... Passeata                                  Panela                                  Vazia	87
FIGURA 20 -	..... Entrada                                  do                                  22°                                  Batalhão	89
FIGURA 21 -	..... Acampamento Central Alagado .....	91
FIGURA 22 -	..... Acampamento                                  Central                                  Alagado                                  I	92
FIGURA 23 -	..... Poema   “O Povo É Poeta”   de Maria Miguel	95
FIGURA 24 -	..... Capa o DVD A Importância da Mulher no Movimento Operário de                                  Volta                                  Redonda	109
FIGURA 25 -	..... Entrevista                                  de                                  Conceição                                  Santos	110
FIGURA 26 -	..... Desenhos do Vídeo de divulgação da pesquisa	112

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 -	Categorias de Análise Referentes à Narrativa Política	78
	.....	
GRÁFICO 02 -	Categoria Análise de Narrativas Acadêmicas	98
	.....	
GRÁFICO 03 -	Nuvem de Palavras	105
	.....	

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 -	Etapas da Vivência de Arteterapia .....	60
QUADRO 02 -	Narrativas da Pesquisa .....	64
QUADRO 03 -	Tempo de falas das mulheres nos filmes selecionados, indicando título, diretor, ano, produtora e duração de cada filme .....	84
QUADRO 04 -	Títulos selecionados a partir de pesquisa bibliográfica compondo as narrativas acadêmicas, segundo autores, ano de publicação, instituição e campo de contribuição .....	97
QUADRO 05 -	Categoria CEBs .....	101
QUADRO 06 -	Divulgação científica .....	113

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAPVR	Associação de Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda
ABR	<i>Arts-based Research</i>
ALN	Ação Libertadora Nacional
ANAMPOS	Articulação Nacional de Movimentos Populares
AVE	Associação Volta-redondense de Escritores
CACS	Ciência, Arte e Cultura na Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEP	Centro Estadual de Professores
CEP-FIOCRUZ	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Fundação Oswaldo Cruz
CGT	Central Geral Dos Trabalhadores
CONCLAT	Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras
CONAM	Confederação Nacional das Associações de Moradores
COSIPA	Companhia Siderúrgica Paulista
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
CUT	Central Única dos Trabalhadores
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
EUA	Estados Unidos da América
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDBEN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
LITEB	Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos
LS	<i>Lato Sensu</i>
MCP	Movimento de Cultura Popular
MEC	Ministério da Educação
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPM	Organização Popular de Mulheres
PBA	Pesquisa Baseada em Arte
PG-EBS	Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

POLOP	Organização Revolucionária Marxista Política Operária
PT	Partido dos Trabalhadores
RJ	Rio de Janeiro
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SEPE	Sindicato Estadual dos Trabalhadores da Educação
SME	Secretaria Municipal de Educação
SS	<i>Stricto Sensu</i>
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TF	Teologia Feminista
USI	União Sindical Independente

## MEMORIAL DO AUTOR

Sou Psicólogo e atuo com trabalho aprofundado no campo da Saúde Mental e no processo de desinstitucionalização desde o final dos anos de 1990. Iniciei os estudos em Arteterapia ainda na graduação. Na busca de uma especialização que contemplasse a interdisciplinaridade dos diversos campos da minha atuação, encontrei no Instituto Oswaldo Cruz a especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde. Nessa especialização iniciei na metodologia Pesquisa Baseada em Artes na abordagem CienciArte. Desse modo, a iniciação científica ainda na graduação tornou possível o diálogo entre teoria e prática, já que neste percurso da desinstitucionalização participei ativamente no processo de reforma psiquiátrica ocorrido no Município de Volta Redonda. Nesse processo atuei na equipe técnica do Hospital Psiquiátrico Casa de Saúde de Volta Redonda, na reabilitação psicossocial de pacientes internados durante muitos anos. Eram pessoas que haviam sofrido a perda de vínculos sociais e exibiam sequelas de um cuidado médico que praticava como única terapêutica o confinamento e o uso de medicamentos. Nesse contexto, realizei na FIOCRUZ em 1999 o curso de Psicofarmacologia para atuar criticamente na clínica dos transtornos mentais. Após o início do processo de desinstitucionalização dessa população, observamos que o excesso de medicação e o isolamento social no confinamento do manicômio haviam produzido estados regressivos e perda da identidade dessas pessoas. Nesse contexto, foi possível produzir cuidado para reabilitação psicossocial, tendo como base a história de vida de cada um dos internos. No ano 2000, concomitantemente ao trabalho de desinstitucionalização, eu participava da Pesquisa intitulada “Um Estudo sobre Psicose”, do grupo de pesquisa em Psicanálise, na Universidade Estácio de Sá, construindo assim, no curso de Psicologia desta Universidade, um diálogo entre teoria e prática. Essa ação dialógica produziu um manejo clínico para o resgate da memória de cada um dos participantes. Após o trabalho observamos que a inserção dessa população nas atividades de vida diária se tornou possível, consequentemente ocorrendo a reinserção em suas famílias ou nas residências terapêuticas com relativa autonomia. Nesse contexto, as oficinas de arte e movimento tornaram possível o fortalecimento dos indivíduos através da memória de procedimento, memória essa que não foi atingida no processo de cronificação da esquizofrenia. Em 2003, iniciei o percurso na Arteterapia, com a orientação da Psicóloga Junguiana Maria Cristina Urrutigaray, com quem atualmente participo em um grupo de estudos Junguiano sobre análise dos sonhos, na minha formação em Psicologia. Mas foi a partir da Especialização em Ciência, Arte e Cultura na

Saúde - inserido no grupo de pesquisa Arte, Cultura e Saúde - que avaliei o quanto a Pesquisa Baseada em Artes havia sido pouco explorada na academia brasileira. Encontrei arte como pesquisa nas metodologias participativas, mais precisamente, na formação de agentes populares de educação ambiental que se utilizam de estratégias pedagógicas com base na teoria de Paulo Freire, através da investigação pela arte. Exercendo a atividade clínica em terapias expressivas (Arteterapia), criei um processo de escrita, o qual culminou com a construção do meu segundo romance de ficção, *O Amuleto*, publicado em 2013. Neste contexto em que a Arte e a ciência passaram a ser constitutivas da minha prática como psicólogo, as diversas narrativas se tornaram modos de escuta tanto de mim mesmo quanto dos meus pacientes. Em 2015 fui convidado a atuar como psicólogo no Centro de Prevenção à Saúde do Idoso, em Volta Redonda, com a proposta de trabalhar com a literatura como promoção de saúde do idoso. Na AAPVR criamos a oficina Caminhos Literários, a qual foi aperfeiçoada com minha entrada na pós graduação do IOC de Ciência, Arte e Cultura na Saúde (CACS) em uma dimensão criativa com base nas oficinas de CienciArte, como ilustrado na figura 10, neste trabalho. Observei, no Centro de Prevenção à Saúde do Idoso, que também a população idosa de Volta Redonda havia vivenciado processos de educação popular, o que se refletia em suas falas e atitudes nos grupos de convivência. Esse processo de educação popular ganhou interlocução no CACS, nas aulas ministradas pelos professores Márcio Luiz Mello e Paula Bonatto, hoje orientadores e facilitadores deste processo de formação. Dessa dialética entre a teoria e a prática se originaram os seguintes trabalhos acadêmicos: “Um Estudo sobre a Psicose” UNESA, 2001; “A Importância da Memória de Procedimento no Tratamento e Reabilitação de Pessoas com Transtornos Mentais”. UNESA, 2012; “O Cinema e a Literatura como Promoção de Saúde do Idoso: uma história de educação popular em Volta Redonda”. Monografia da Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde. Instituto Oswaldo Cruz, FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 2018 e a presente dissertação.

Entendo que esse processo de formação e construção de conhecimento se constitui fundamental para pensar os desafios apresentados em meu campo profissional. Atuando no cuidado de pessoas portadoras do Transtorno do Espectro Autista, no atendimento clínico das crianças, adolescentes e seus familiares - sendo destes as mulheres em maior número as que se tornam responsáveis no cuidado dos filhos -, no atendimento à mulher na Prefeitura do município de Pinheiral e na política de Direitos Humanos na Coordenadoria da Mulher. Avalio que a Arteterapia tem contribuído para construir mais uma possibilidade de escuta através das imagens que constituem narrativas de vida, ampliam e constroem novos

significados. Nessas vertentes de trabalho a Especialização de Ciência, Arte e Cultura na Saúde foi fundamental para a produção de cuidado, entendendo os processos culturais e identitários dessas populações vulnerabilizadas.

O grande desafio desse percurso foi sempre conciliar os estudos com a carga horária de trabalho e acessos às instituições de ensino. Um esforço que muitas vezes não tem o reconhecimento acadêmico. Entendo o lugar de formação de um pesquisador que não pode atuar de forma independente, e as limitações impostas no valor da produção desse conhecimento gerado por quem está na linha de frente. Nesse contexto chego ao final deste mestrado com uma gama de conhecimentos que produzi em campo e que geram questões que precisam de mais investigações em um contínuo diálogo entre teoria e prática.

## 1. INTRODUÇÃO

A participação da mulher no movimento operário de Volta Redonda é um estudo interdisciplinar, por isso, pensamos sua relação com os diversos campos do conhecimento, a partir do que esses campos têm em comum.

Analisamos o processo de educação popular que compreende nosso campo no ensino e o campo da Psicologia Comunitária, refletindo sobre a promoção de saúde a partir da relação das mulheres trabalhadoras de Volta Redonda como produtoras de subjetividade e influenciadoras nas transformações históricas vividas no contexto desse município no período de 1940 a 1980. Em um primeiro momento abordamos aspectos históricos e políticos da primeira metade do século XX, quando se iniciam as articulações para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), apresentando nesse período a “história progressa” do sindicalismo.

Posteriormente abordaremos aspectos sobre: a fundação do município de Volta Redonda; o golpe de 1964; a criação das Comunidades Eclesiais de Base e as greves de 1984 e 1988 na Companhia Siderúrgica Nacional. Durante este percurso dissertativo enfocamos as histórias das mulheres que participaram do processo de construção da cidade e da siderúrgica, rompendo barreiras de gênero impostas pela época. Concomitantemente estaremos analisando o processo de educação que se construiu em cada fase deste processo sócio-histórico e suas intencionalidades.

Em nosso percurso metodológico realizamos a conexão entre a CienciArte, Arteterapia e a Pesquisa Baseada em Artes, investigando a participação da mulher no Movimento Operário de Volta Redonda. Essa participação influenciou tanto as atividades de educação-não formal construídas pela CSN e o Sindicato dos Metalúrgicos, como também as atividades de educação popular construídas por meio das Comunidades Eclesiais de Base orientadas pela Igreja Católica junto aos operários, no contexto dos bairros onde moravam. Nessa metodologia, analisamos as narrativas das e sobre as mulheres no contexto dos movimentos populares, destacando desafios para a construção de processos participativos na garantia de direitos dos trabalhadores associados ao desenvolvimento de políticas públicas.

Por fim, elaboramos um vídeo de divulgação científica para apresentar os resultados de uma pesquisa, por meio da qual participamos da Jornada de Jovens Talentos do IOC, recebendo o prêmio de menção honrosa em 2020.

Entendemos a relevância de realizar a pesquisa documental e a pesquisa de campo para que pudéssemos analisar as diferentes narrativas e os diferentes discursos sobre a

participação da mulher no movimento operário, bem como os diferentes tipos de abordagem em educação surgidos nesse contexto. Além disso, buscamos resgatar aspectos da memória local, em especial a feminina, contribuindo para a construção histórica de sua identidade e para a promoção da saúde integral das populações em questão, representando uma parcela significativa da população brasileira em suas lutas por direitos.

Para realização dessa pesquisa tivemos que enfrentar alguns desafios. O primeiro deles foi sobre o recorte geográfico situando a pesquisa na cidade de Volta Redonda.

Por que Volta Redonda? Essa escolha se deu por alguns fatores relevantes: i) a cidade foi criada durante a implantação da maior siderúrgica da América Latina; ii) a implantação da siderúrgica atraiu trabalhadores para a cidade e isso fez com que houvesse uma aglutinação populacional rica em diversidade; iii) o movimento de educação popular que se forma a partir das ações da Igreja Católica, ao se tornar agente de acolhimento para receber os trabalhadores e suas famílias, teve importância determinante para a história do país, resultando na implantação pioneira das CEBs em Volta Redonda; iv) porque na história desse município existem evidências da importância do papel da mulher como influenciadora da elaboração de aspectos estruturais em uma sociedade, a citar: educação do trabalhador, organização política, entre outros.

Essa população constituída com o advento da siderúrgica, em um dado momento histórico é atravessada por uma experiência de aprendizagem por meio de processos de educação não-formal pioneiros no país.

Investigar as histórias das mulheres, que vieram de outros Estados e se estabeleceram profissionalmente em Volta Redonda, ainda com todas as barreiras de gênero impostas em meados do século XX, possibilita também refletir sobre as conquistas das mulheres atualmente – conquistas ainda hoje ameaçadas por setores conservadores da sociedade brasileira. Esse processo se agrava quando consideramos o contexto das desigualdades sociais.

Entendendo que as desigualdades sociais trazem sofrimento psíquico, nossa pesquisa aponta a necessidade de que os profissionais de formação acadêmica, que atuam nas comunidades, problematizem suas práticas, valorizando a cultura de cada território, rompendo com a lógica de mercado na produção de subjetividades para uma efetiva promoção de saúde. Como afirmam Guatarri & Rolnik (1986), estamos inseridos em um processo de divisão social geral da produção de subjetividades, em que não há mais volta, tendo em vista que todos aqueles cuja profissão consiste em se interessar pelo discurso do outro devem estar atentos ao fato de que os processos de educação não acontecem apenas no âmbito das

instituições de ensino. Assim, esses atores se encontram em um dilema ético que precisa ser percebido, do contrário, vão fazer o jogo da reprodução de modelos que não nos permite criar saídas para o processo de singularização. Ao reconhecer o dilema, esses atores vão estar trabalhando para o funcionamento desses processos na medida de suas possibilidades e dos agenciamentos que consigam realizar. Guatarri & Rolnik (1986) firmam ainda que o denominado “trabalho social” (jornalistas, psicólogos de todo tipo, assistentes sociais, educadores, animadores etc.) todos que desempenham algum trabalho pedagógico ou cultural em comunidades de periferia, conjuntos habitacionais etc., atuam de alguma maneira na produção de subjetividades.

Observando o panorama político com o crescente retorno do fascismo no século XXI, analisando aspectos de nossa história contemporânea, nos indagamos: como está sendo moldada a produção de subjetividades das populações atuais? Que atores e equipamentos sócio-políticos, e com que princípios nossas populações têm sido formadas? Nesse contexto, as histórias das mulheres de Volta Redonda poderão, com a contribuição do presente estudo, entre outros, fazer um caminho de resgate e fortalecimento de sua história: histórias de adesão aos movimentos populares, de participação nos grupos comunitários de enfrentamento à violência contra a mulher e de Promoção de Saúde em uma perspectiva de garantia de direitos.

Segundo Laverack (2001), falar em Promoção da Saúde é falar sobre incremento do poder, ou *empowerment*, comunitário e pessoal, através de desenvolvimento de habilidades e atitudes, conducentes à aquisição de poder técnico (saberes) e político para atuar em prol de sua saúde, como propõe a Carta de Ottawa (OMS, 1986). Laverack descreve o *empowerment* como um processo que, relacionado ao desenvolvimento de programas, promove nas comunidades uma consciência crítica sobre sua realidade vivida. Ele considera ainda que as teorias de Paulo Freire constituem uma relevante contribuição para a construção de programas educativos comunitários, denominando-os de *empowerment education*.

É importante ressaltar que a população pesquisada é composta por mulheres idosas que participaram ativamente do processo de construção da cidade de Volta Redonda. Essas mulheres foram encontradas por meio de um trabalho realizado por mim como psicólogo no Centro de Prevenção à Saúde do Idoso da Associação de Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda. Ali identificamos um espaço fértil para a investigação que aqui descrevemos.

Essa investigação teve início em 2016 no Curso de Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde (IOC/Fiocruz) onde trabalhamos com a Literatura como Promoção de Saúde do idoso. Nesse processo foi gerada a monografia “A Literatura e o Cinema na Promoção de

Saúde do Idoso: Narrativa de um Processo de educação popular em Volta Redonda”, assim como o presente estudo para a dissertação de mestrado. Esse processo contribuiu para entendermos a importância de se refletir sobre o desenvolvimento humano no qual está inserida a pessoa idosa (senescência), o que implica na apropriação de um momento da existência que, culturalmente, tem se transformado. À medida em que a longevidade se torna maior com os avanços científicos, temos oportunidades maiores de trazer à tona as narrativas dessas pessoas, fortalecendo a memória, as reflexões, a cultura e as lutas de toda uma comunidade.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo principal deste trabalho é pesquisar a participação da Mulher no Movimento Operário de Volta Redonda, tendo como base os princípios da educação popular na metodologia de Pesquisa Baseada em Artes.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

No contexto da história de Volta Redonda do período de 1940 a 1980:

- Sistematizar e analisar as narrativas sobre e das mulheres operárias sob os enfoques acadêmico, político, audiovisual e das próprias mulheres.
- Sistematizar evidências do papel da mulher nos processos de educação não formal e suas influências políticas;
- Elaborar vídeo de divulgação da pesquisa.

Trabalhamos com o pressuposto de que ao investigarmos o papel da mulher no contexto histórico da Educação não formal no município de Volta Redonda – sindical, empresarial e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) – evidenciaremos suas diversas influências na organização da população local, no período histórico que compreende as décadas de 40 a 80.



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÕES POLÍTICAS DE 1930 A 1950

Tomamos como marco inicial para situar a conjuntura a que se refere o presente estudo a industrialização promovida pelo Estado brasileiro. A chamada “revolução de 1930” está associada, como afirma Monteiro *et al* (1995), à ascensão de novos grupos sociais. Estes grupos, aliançados politicamente com setores das forças armadas por um lado e por outro, com grupos ligados às classes de ex-representantes das oligarquias, originaram um novo tipo de Estado, atuando decisivamente no processo de industrialização do país. No ano de 1931, junto ao Ministério da Guerra, forma-se a Comissão Nacional da Siderurgia (CNS), tendo como Secretário Geral o então capitão Edmundo Macedo Soares. O autor destaca que essa comissão foi determinante, com seus pareceres técnicos, para a construção do projeto siderúrgico no Brasil. Aproximando-se a 2ª Guerra Mundial, a conjuntura internacional estava marcada por uma crise econômica mundial iniciada a partir de 1929. Nesse cenário foi criada a Companhia Siderúrgica Nacional, através do Decreto-Lei nº 3002, de 30 de janeiro de 1941. Assim, o Governo do Estado do Rio de Janeiro desapropriou para utilidade pública as fazendas Santa Cecília e Retiro, situadas no distrito de Barra Mansa que tinha o nome de Santo Antônio de Volta Redonda. Essa desapropriação ocorreu visando a instalação da Usina Siderúrgica Nacional nesse distrito. Toda essa dimensão territorial foi vendida à iniciativa privada com a privatização da CSN na década de 1990, gerando atualmente a desativação de espaços culturais, esportivos e ambientais além do abandono de prédios importantes para o conjunto arquitetônico da cidade.

Para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional vieram para o distrito de Santo Antônio de Volta Redonda trabalhadores de diversas regiões do país. Grande parte dos trabalhadores era formada por homens negros recrutados em lavouras de cidades do interior do país. Como afirma Da Silva (2016), esses trabalhadores chegavam à região nas carrocerias de caminhões e muitos não tinham sequer o registro de nascimento. Aos encarregados do recrutamento cabia escolher para eles nome e sobrenome, para registro oficial.

Vale ressaltar que a política do Estado Novo foi considerada uma vitória da cidade sobre o campo. Os trabalhadores vindos da zona rural, além da identidade de operários da CSN, ficaram conhecidos como Arigós.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Em alguns lugares do Nordeste, segundo o depoimento de um nordestino, arigó tem esta acepção por significar ave de arribação, migrante. Quanto ao trabalhador migrante, diz-se que é "arigó" quando vai e "paroara" quando volta.

<https://www.dicionarioinformal.com.br/arig%C3%B3/2/#:~:text=Em%20alguns%20lugares%20do%20Nordeste,e%20%22paroara%22%20quando%20volta>. acessado em 08/01/2021.

Famílias inteiras migraram do campo para se estabelecerem nessa região. Nesse período as ações das mulheres da Igreja Católica eram a única alternativa para o acolhimento das famílias em seu processo de integração àquela nova realidade de vida.

Ao chegarem, as famílias eram alojadas em um acampamento denominado de “acampamento central”, em barracos feitos de madeira, como é possível ver na ilustração abaixo.



**Figura 01** – Acampamento Central.  
*Fonte:* Acervo CSN.

As religiosas atuavam no Centro Social, local onde as mulheres eram convidadas a trocar conhecimentos sobre trabalhos manuais como: bordado, costura, e outras habilidades. A essas religiosas cabia o trabalho de fortalecimento de vínculos comunitários, atuando por meio da educação não formal: “A grande diferença da educação não formal para a informal é que na primeira há uma intencionalidade na ação, os indivíduos têm uma vontade de realizá-la, e buscam os caminhos e procedimentos para tal” (GOHN, 2014, p.40).

Observamos que a educação não formal foi grandemente utilizada de forma atrelada ao discurso desenvolvimentista, mas estabelecendo distinção de gênero. Nesse contexto, as bases pedagógicas criadas pela CSN para a educação dos homens tinham o objetivo de construir aquele que foi considerado o projeto Siderúrgico Brasileiro, atendendo ao contingente populacional de “arigós” que surgiu para a construção da CSN. Já para as mulheres a orientação estava voltada para o desenvolvimento de atividades higienistas e de socialização sob o modelo provedor/ dona de casa, reforçando a idealização do modelo

familiar vigente (DA SILVA, 2016). Essa “pedagogia” acaba por influenciar a todo o município, considerando que os trabalhadores da CSN abrangiam cerca de 1/5 da população local, conforme o estudo de DA SILVA, 2016:

Como a cidade não existia antes da construção da CSN, ela será concebida sob as rédeas do Estado e de seu discurso trabalhista. Ao começar a ser construída, no segundo semestre de 1941, havia 762 trabalhadores na Usina e 2.782 habitantes no distrito. A região só consegue sua emancipação política em 1954, quando a CSN já possuía um efetivo de 11.089 trabalhadores e a população local era de 56.380 habitantes, 90% dos quais no núcleo urbano do novo município (DA SILVA, 2016, p.43).

No ano de 1943 a história do Brasil foi marcada por dois fatos importantes: a promulgação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e o protesto dos Mineiros, sendo que esse protesto denunciou o esgotamento da ditadura do Estado Novo, reivindicando a volta da democracia.

A classe trabalhadora de Volta Redonda não tinha uma representação. Monteiro *et al* (1995) afirma que foi em Barra Mansa que ocorreu, nesse mesmo período, a reunião da Liga Barramansense de Esporte. Nessa reunião, um dos principais líderes dos trabalhadores, José Calaça Gomes, afirmou a necessidade da criação de um órgão de classe, tendo em vista a vulnerabilidade dos trabalhadores metalúrgicos. Ele se tornou o primeiro presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (1945 /1946).

Em 1946 havia um aumento nas greves no Brasil. O governo Dutra, valendo-se da situação turbulenta, fez a intervenção em 143 sindicatos incluindo o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda. Como cita Monteiro *et al* (1995), o objetivo da intervenção era eliminar os elementos extremistas, congelando assim a vida sindical entre 1946 e 1951. Todos os sindicatos, incluindo o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, permaneceram sob intervenção, o que fortaleceu uma aliança entre a siderúrgica e o sindicato, tornando concreto um processo de disciplinamento da força de trabalho.

Ainda segundo Monteiro *et al* (1995), em 1947 a CSN incentivou a transferência da sede do sindicato de Barra Mansa para Volta Redonda. Esse fato representa a relação que a CSN estabeleceu com o sindicato, na construção da “família siderúrgica” com a mobilização de recursos diversos, oferecendo benefícios como moradia, saúde e educação. A aproximação da CSN com o Sindicato foi gerando uma adequação da classe operária aos propósitos disciplinares da empresa.

Observamos que há neste período de intervenção do Estado nos sindicatos a intencionalidade do sindicato e da CSN em transformar o Arigó, trabalhador de origem rural,

em um trabalhador adequado às necessidades da siderúrgica. Como aponta Monteiro *et al* (1995) a empresa estava convencida de sua “missão civilizatória”, que implicava no ato de converter aquela massa ignorante e heterogênea em trabalhadores adequados ao Brasil moderno e industrializado.

Freire e Nogueira (1993) afirmam que a educação popular se fortaleceu nesse estilo de fazer política que era próprio do populismo. Mesmo de forma tutelada e vigiada, os movimentos sociais entravam em cena. Os autores não estão afirmando que o populismo teria dado origem à educação popular e conseqüentemente aos grupos de organização popular, e sim que a mobilização de grupos para educação popular já existia para os trabalhadores rurais e que no populismo ampliou-se para atender aos trabalhadores que buscavam a sobrevivência nas áreas urbanas. Havia muita gente trabalhando seriamente nessa participação em movimentos de grupos populares, incluindo jovens universitários. Esse processo abriu espaço para estudantes de Psicologia nas décadas posteriores e para o surgimento da Psicologia Comunitária, contribuindo para os processos de reflexão identitária junto aos movimentos populares.

A queda de Getúlio em 1945, deposto pela intervenção das Forças Armadas, ocorreu após Vargas tentar substituir o chefe da polícia do Distrito Federal por seu irmão Benjamim Vargas. Os comunistas, que já haviam conseguido o controle de alguns sindicatos, perderam essas conquistas com a queda de Getúlio Vargas, já que o governo Dutra instaurou a intervenção impedindo a atuação dos sindicatos.

A intervenção sob a ação do exército apagou todos os registros da atividade sindical de Volta Redonda a partir de 1946. Com o retorno de Getúlio Vargas à presidência no ano de 1951, há uma revitalização dos sindicatos. Foram realizadas as eleições com quatro chapas que disputaram 1.200 votos. Eleita a chapa liderada por Alan Cruz, segundo Monteiro *et al* (1995), houve inúmeras tentativas de impedir a posse dessa diretoria, incluindo ameaças de nova intervenção caso descobrissem alguma ligação das lideranças com comunistas. Assim, o interventor precisou ser ameaçado de prisão para entregar as chaves do sindicato.

Os trabalhadores da CSN, no início da década de 1950, tinham em suas lutas sindicais a necessidade de romper com uma condição análoga ao trabalho escravo, à qual se refere Monteiro *et al* (1995) nos revelando que seus salários nesse período eram “uma miséria” e que recebiam um cheque amarelo no final do mês indicando que sua dívida no armazém da CSN havia ultrapassado o valor de seus ganhos

## 2.2 EMANCIPAÇÃO DE VOLTA REDONDA E GOLPE DE 1964: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER.

O distrito de Barra Mansa, Santo Antônio de Volta Redonda se tornou a sede da maior Siderúrgica da América Latina e era administrado pela CSN, porém a necessidade de emancipação política e administrativa eram prementes. A ideia de emancipação do distrito cresceu entre os moradores a partir do sindicato. Sobre as origens dessa ideia, Paiva (2015) destaca:

Uma ideia que nasceu basicamente de um grupo de maçons da Loja Maçônica Independência e Luz II. Mais especificamente, de Lucas Evangelista. O plano era bom. A cidade foi mobilizada. Um dos maçons que liderou o processo, Alan Cruz, era nada menos que o presidente do então poderoso e influente Sindicato dos Metalúrgicos (PAIVA, 2015, p.1).

A participação da mulher na luta pela emancipação do município de Volta Redonda está ligada à luta sindical, tendo como uma de suas protagonistas uma professora, Orsina Prado de Castro, que estava envolvida no projeto de educação dos operários candidatos ao ingresso na CSN. Segundo Vieira (2013), Orsina foi ativa na luta pela emancipação do município de Volta Redonda, tendo trabalhado pela conscientização dos cidadãos a respeito da importância de atuarem na vida política e social. Nesse processo ela cadastrava eleitores e coletava assinaturas para o plebiscito em favor da emancipação do município, que ocorreu após uma série de marchas políticas.

Esse foi o caminho pelo qual o município de Volta Redonda, situado no interior do Rio de Janeiro, foi fundado em 17 de julho de 1954, se tornando por meio da Companhia Siderúrgica Nacional um marco no desenvolvimento do Brasil.

A construção da cidade operária no modelo *company-town* trouxe para os habitantes a necessidade de se adaptarem às imposições de um modelo americanizado de controle sobre os trabalhadores. Assim, a construção dessa sociedade se dá, por um lado, com uma população formada por trabalhadores, como os denominados Arigós – em sua maioria negros – e por outro, por engenheiros e técnicos – em sua maioria brancos -, entre eles alguns norte-americanos. Essa construção social traz para Volta Redonda uma fragilidade em sua identidade cultural, pois gerou uma sociedade estratificada, onde negros, mulheres e homens com baixa escolaridade eram grande parcela da população discriminada no contexto social, embora esse fenômeno fosse invisível nos dados da CSN. Isso fica claro na observação de Junior (2008):

É importante ressaltar que esse modelo de *company-town* não retira o conteúdo tirânico do Estado sobre a população. A CSN possuía uma polícia própria que agia de modo a não só punir delitos, mas a manter a vigilância sobre os trabalhadores fora da empresa. Os clubes recreativos surgidos na cidade eram elaborados visando a contemplar a divisão na hierarquia da empresa, havendo os mais populares e os que atendiam aos executivos; existiam clubes que proibiam a filiação de negros, em plena década de 40. (JUNIOR *et al*, 2008, p.27).

No entanto, contrastando com a realidade, havia nesse modelo de cidade a produção de um imaginário do estilo de vida americano – o “*american way of life*” – um estilo de vida surgido nos Estados Unidos após a 2ª Guerra mundial, onde o consumismo e a padronização social eram naturalizados. Um estilo de vida que passou a ser desejado por muitos trabalhadores que migravam de lugares onde ainda não existia luz elétrica e tão pouco TV e geladeira. Percebemos com isso o papel do Estado na produção de subjetividades construídas por meio da promessa de bem-estar social.

O Estado cumpre o papel fundamental na produção de subjetividade capitalística, é um Estado- mediador, um Estado-providência, pelo qual tudo deve passar, numa relação de dependência, na qual se produz uma subjetividade infantilizada. Essa função ampliada do Estado – muito mais abrangente do que os poderes administrativos, financeiro, militar ou policial – se realiza, por exemplo, através de um sistema assistencial- aquilo que nos EUA é chamado de *welfare state* (GUATTARY & ROLNIK, 1986, p.147).

Além disso, também como forma de controle, a CSN mantinha um tipo de pedagogia que visava manter a disciplina idealizada pelos criadores da usina e se materializava no cotidiano dos operários. Segundo Da Silva (2010) as propostas disciplinares da mão de obra ocorriam em vários aspectos da vida dos trabalhadores, partindo da distribuição de uniformes até as instruções de comportamento em espaço público e privado, dirigidas tanto aos operários quanto às suas famílias. Quanto às habitações, se desenvolvia um trabalho pedagógico explicitamente dirigido às mulheres, na transformação dos costumes e da cultura da população, impondo padrões funcionais, higiênicos e de comportamento, que se estendiam à esfera dos rituais de celebração com a vizinhança, como festas, diversões e comemorações.

Com o fim do governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960) a década de 1960 se inicia com uma sucessão de movimentos reivindicatórios devido à alta inflação e à crise no governo populista. Em decorrência da pungente atuação sindical deu-se a este movimento a denominação de “República Sindical”.

O movimento operário no município de Volta Redonda da década de 1960 representa atualmente na memória da população acima de 60 anos um marco da resistência à repressão sindical nos anos que precederam o golpe de 1964. Nesse período houve uma tentativa de organização dos movimentos populares em meio a muitas incertezas, porém, ainda dentro de uma perspectiva democrática, como afirma o relatório da Comissão da Verdade.

Os anos entre 1946 a 1964 foram, certamente, bem melhores do que os da ditadura que os sucederam. Esses anos carregam, entretanto, o peso de uma polícia política gestada pelo Estado Novo – deformada pela crença de que os que detêm o poder tudo podem e por práticas violentas que absorveram o pior de nossa tradição escravocrata e das lições de agentes da repressão estrangeiros, especialmente da *Central Intelligence Agency* (CIA) [Agência Central de Inteligência] (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, 2014, p.86).

Foi em meio às contradições apresentadas em um contexto de opressão e de lutas por direitos trabalhistas que nos detivemos em investigar mais detalhadamente a participação das lideranças femininas no município de Volta Redonda.

## 2.3 MOVIMENTO FEMINISTA

### **Movimento Feminista: revisão da literatura**

A pesquisa documental esteve voltada para uma revisão da literatura produzida por pesquisadores do campo da História e do Serviço Social no Brasil, referente ao recorte histórico/geográfico em que se insere Volta Redonda, considerando o período entre as décadas de 1940 a 1980.

Pesquisamos trabalhos acadêmicos como possibilidade de entendermos aspectos da história da mulher no universo operário, apresentando diferentes perspectivas sobre mulheres que viveram no período em questão, mulheres essas que se beneficiaram do movimento feminista que marcou a segunda metade do século XX no Brasil. Nosso estudo situa-se no contexto sociopolítico marcado pela “segunda onda do movimento feminista”, que nasce a partir da obra “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir de 1949, seguindo até o final do século XX.

Verificamos que, a princípio, entre os acadêmicos, o conceito de gênero foi abraçado e considerado como um avanço significativo em relação às possibilidades analíticas oferecidas anteriormente pela categoria mulher. Como afirma Picitelli (2001), posteriormente essa última categoria passou a ser quase execrada pelo binômio feminismo/mulher, como símbolo de

enfoques ultrapassados. No final do século XX essa categoria ressurgiu no meio acadêmico, após publicações em revistas científicas, fazendo alusão à importância de se voltar a valorizar essa categoria de análise. A autora salienta ainda que o conceito de gênero foi elaborado anteriormente em um momento específico da história, para distanciar o que a categoria mulher representava na época. Segundo a autora, a categoria mulher atualmente apresenta reconhecimento político na coletividade e se baseia no fato de que as ideias que as unem ultrapassam as possíveis diferenças entre elas, dessa maneira a identidade entre as mulheres se torna primária.

No que se refere ao cenário mundial, as narrativas que revelam o papel da mulher no contexto operário surgiram somente nos últimos 30 anos do século XX. “Apesar da importância da mão-de-obra feminina desde o final do século XIX, foi somente nos últimos 30 anos do século XX que surgiram trabalhos nessa área de estudos que deram especial atenção ao papel das mulheres” (VENÂNCIO 2001, p.177).

No presente estudo elegemos o termo mulher como uma categoria de gênero, ou seja, um conceito que considera que homens, mulheres e outros gêneros constituem papéis socialmente construídos a partir das vivências de toda uma vida forjada desde a infância nos diversos ambientes culturais (Connell & Pearse, 2015). Nesse sentido, o presente estudo corrobora Beauvoir (2009) que afirma que a pessoa não nasce, mas sim torna-se mulher. Nesse contexto, para além da formação genérica da mulher, nos interessa a formação de uma mulher trabalhadora e seu protagonismo como liderança, sendo nossa questão central: como as lideranças de mulheres trabalhadoras de Volta Redonda influenciam nos movimentos e lutas de sua época? Esse é o eixo em torno do qual gira nossa investigação, centrada nas narrativas que aqui analisamos.

#### 2.4 MOVIMENTO DE MULHERES, COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E MILITÂNCIA SINDICAL: FRUTOS DA EDUCAÇÃO POPULAR EMANCIPATÓRIA DE FREIRE

A partir do final da década de 40, quando a siderúrgica iniciou a produção das folhas de flandres, foram contratadas mulheres como operárias, as denominadas “Vira-latas”. Essas operárias se tornaram, entre tantas mulheres, a representação da resistência em um ambiente predominantemente masculino. Costa (2016) conta que o interesse no resgate da memória desse grupo de operárias da CSN foi uma tentativa de preencher mais uma lacuna na historiografia sobre a mulher operária no Brasil. Em sua pesquisa a autora explicita a



experiência de “ser mulher” em um ambiente predominantemente masculino como uma usina siderúrgica.

Da entrada da mulher na CSN à construção de uma consciência crítica, foi um longo caminho. Segundo Costa (2016), a presença das mulheres operárias “Vira latas” era percebida com estranheza pelos funcionários, e principalmente pela sociedade que não considerava a usina siderúrgica como um lugar para elas. A autora afirma que, ao serem questionadas sobre esse aspecto, todas as entrevistadas alegaram que a usina era sim um lugar para mulher e elas afirmavam seu papel, seu trabalho e sua identidade.

As operadoras de qualidade, “Vira-latas”, desempenham exclusivamente uma função final da produção, que exige atenção aos detalhes, organização e delicadeza, características atribuídas às mulheres, pelas funções desempenhadas no lar, segundo o imaginário masculino, contemplando os estereótipos destinados às mulheres, mantendo-as em funções periféricas e de pouca qualificação, dessa forma legitimando a hierarquia de gênero no espaço fabril (COSTA, 2016, p.121).



**Figura 02** – Classificadora de Folha de Flandres/“Vira-latas”.  
**Fonte:** Arquivo Museu da Memória do Trabalhismo Brasileiro.

A tentativa de convivência das mulheres com a lógica disciplinar da CSN ganhou novos contornos após o golpe de 1964, pois as reformas orientadas pelo Concílio Vaticano II para a atuação da igreja católica e o surgimento do novo sindicalismo fizeram com que eclodissem movimentos sociais que iniciaram práticas emancipatórias construídas no processo da educação popular, por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O Concílio

Vaticano II orientava decisões da Igreja Católica no sentido de aproximar-se do povo em suas lutas, o que se deu não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina. Nesse contexto, as mulheres transformaram-se em aliadas importantes.

As mulheres operárias começaram a participar dos chamados Grupos de Reflexões das CEBs, o que foi fundamental para influenciar a visão dos trabalhadores sobre direitos e cidadania. Tal fato culminou em um movimento operário coeso que foi um marco na história operária brasileira, afastando em 1973 a diretoria interventora do sindicato que era considerada como de “pelegos”, pois apoiava as iniciativas da ditadura militar.

Com tudo isso, Monteiro *et al* (1995) afirmam que, antes do golpe de 1964, os sindicalistas conservadores já temiam a classe trabalhadora. Entendemos que, mesmo não sendo isso mencionado nos documentos oficiais que narram a história sindical, as mulheres estavam contribuindo de forma significativa para fortalecer esse movimento, atuando dentro do sindicato e, como estratégia, junto às mulheres dos operários já que, até então, trabalhadoras de dentro da CSN não aderiram ao movimento temendo perder seus empregos. Cabe ressaltar que embora a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT, 1943) determine ser competência do Estado a regulamentação das relações trabalhistas, buscando evitar conflitos que não interessavam ao patronato, a mobilização sindical mantinha a pressão sobre os patrões como uma das principais formas de fazer valer os direitos dos trabalhadores. Esse processo se refletia nas disputas por um projeto educativo que acontecia, seja mediante a organização do patronato representado pelo Estado, seja como um projeto de educação sindical. Em meio a essas disputas, o patronato passa a conquistar lideranças de trabalhadores para fazer valer seus interesses.

Distinguimos nos documentos pesquisados um processo de educação não formal construído no auge do populismo dentro do Sindicato dos Metalúrgicos. Como afirmou Monteiro *et al* (1995) os intervencionistas transformaram o Sindicato Metalúrgico de Volta Redonda em uma grande escola de educação cívica do povo brasileiro, não sendo apenas um órgão de defesa dos interesses materiais. Opondo-se a esse movimento surgiu o “novo sindicalismo”, que atuou para combater representantes que eram vistos como mantenedores da subserviência da classe operária dentro de um modelo fascista. Concomitantemente ao “novo sindicalismo” ganharam fôlego os movimentos populares com a criação das Comunidades Eclesiais de Base. As CEBs surgiram no Brasil inspiradas na mudança da igreja a partir das orientações do Concílio Vaticano II (1962-1965). Esta forma de mobilização popular foi se espalhando nos anos de 1970 e 1980 na América Latina.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros. De natureza religiosa de caráter pastoral, as CEBs podem ter dez, vinte ou cinquenta membros. Nas paróquias de periferia as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupão a que se dá o nome de Comunidades Eclesiais de Base (BETTO,1981, p.4).

A chegada de Dom Waldyr Calheiros, em 1966, impulsionou o processo de educação popular com base na Teologia da Libertação, contribuindo para construir novas formas de convivência das mulheres em sociedade. O bispo Dom Waldyr Calheiros tornou-se uma referência na luta em defesa das vítimas do autoritarismo. No Brasil, na cidade de Volta Redonda, houve por parte desse bispo um envolvimento em defesa daqueles que eram perseguidos e torturados, o que o levou para o confronto direto com os agentes da repressão, como afirmam as entrevistas dadas à Comissão Nacional da Verdade.

Eu era assistente do grupo do sistema, além de ser a favor dos operários, o que, à época, me colocava como suspeito de ser comunista. A verdade é que não aceitavam a minha posição”, comentou dom Waldyr, que citou fatos marcantes, como ter se colocado à disposição para ficar preso. “O coronel me recebeu muito bem, fez questão de me mostrar todo o quartel, me convidou para almoçar, mas ainda não tinha respondido à pergunta que me fez ir até lá: se tinha alguém preso ali. Eu disse que, se essas pessoas tivessem sido detidas porque trabalhavam comigo, que eu também ficaria por lá. O coronel, muito contrariado, chamou o procurador de Barra Mansa, na tentativa de me fazer mudar de ideia, conta dom Waldyr, que, autorizado pelo coronel, conseguiu falar com alguns presos (SERQUEIRA, 2013, p.1).

Nesse momento histórico, em pleno AI5, Dom Waldyr Calheiros foi apelidado por agentes da repressão como o “Bispo Vermelho”. Nas comunidades, mulheres foram convidadas por representantes da igreja católica, liderados por Dom Waldyr Calheiros, a participar da construção dos grupos de reflexão que se reuniam em suas comunidades.

Nesse contexto, Vieira (2013) aponta a figura de Maria da Conceição Dias, natural do Distrito de Miguel Burnier, município de Ouro Preto – MG, nascida em 08/12/1931 que em 1948 chegou a Volta Redonda. Na década de 1960 atuou na construção dos Grupos de Reflexão, que tinham a educação popular como base, conscientizando a população sobre cidadania. As mulheres que participavam dos grupos eram donas de casa, e enfrentavam muitos preconceitos em suas casas e na sociedade uma vez que a cultura machista oprimia aquelas que participassem de qualquer atividade fora do lar.

Freire & Nogueira (1993) afirmam que há uma relação estreita entre educação e transformação da sociedade. Portanto, haveria um tipo de educação não apenas para transformar as pessoas, mas que refletisse a partir das pessoas, a transformação do país inteiro.

A construção dos grupos populares fortaleceu os movimentos sociais no Brasil. As ações desses grupos foram importantes no caminho para a democracia e pela emancipação social, e na América Latina das últimas décadas do século XX tiveram a contribuição das CEBs e da Teologia da Libertação.

Freire & Nogueira (1993) revelam que estudantes da classe média universitária inseridos em igrejas, sindicatos ou programas institucionais, tiveram que aprender a não impor sua visão de mundo. Os autores afirmam que a educação popular se caracterizou por essa aprendizagem, tornando-se uma escola para muita gente, ali, onde participar não é impor, e sim expor. Acrescenta-se a essa reflexão a tensa relação entre teoria e prática, afirmando que ninguém é “mais teórico” ou “mais prático”, e que todos aqueles que optam por transformar a sociedade precisam ter a prática aliada à teoria. Embora tenha tamanha força e representatividade na luta por direitos e igualdade, é possível observar nos estudos sobre o tema, que a educação popular no Brasil teve muito mais marcas de criatividade do que de método (FREIRE E NOGUEIRA, 1993).

A década de 1970 se iniciou como resultante das revoltas que eclodiram em 1968, diante das dificuldades criadas pelo capitalismo. Esse processo trouxe, não apenas para o Brasil, como também para a América Latina, a necessidade de debates e ações sobre possíveis alternativas políticas para a construção da participação popular. Gohn (1991) produziu importantes reflexões sobre esse momento histórico:

O Brasil registrou, a partir dos anos 70, como vários outros países da América Latina, o surgimento de um grande número de movimentos sociais. Foram movimentos de classe: Sindicais urbanos e rurais; movimento com caráter de classe, a partir das camadas populares, no nível local de moradia, lutando por bens de consumo coletivo, nos setores de infraestrutura urbana, saúde, educação, transporte, habitação etc.; e movimentos sociais com problemas específicos sem serem de classe, como os movimentos feministas, ecológicos, dos negros, homossexuais, pacifistas etc. Embora esses últimos fossem minoritários no conjunto dos movimentos sociais ocuparam, por um grande período, cenário de grande expressividade devido ao acesso que seus participantes usualmente têm junto aos meios de comunicação de massa (GOHN, 1991, p.9).

Em Volta Redonda, por meio da Pastoral Operária e posteriormente na Organização Popular de Mulheres, o movimento de mulheres cresceu, promovendo discussões políticas e

militâncias em uma perspectiva coletiva, na qual as mulheres ofereciam apoio a outros grupos da sociedade civil.

Embora já houvesse mulheres no trabalho na linha de produção da CSN desde a década de 1940, foi a participação nas Comunidades Eclesiais de Base, nas décadas de 1960 e 70, associada à atuação sindical, que abriu portas para o ingresso da mulher na militância por meio da Organização Popular das Mulheres (OPM), em uma conjuntura cujas características situamos a seguir.

Nos anos 70, em pleno governo militar, na vigência dos atos institucionais, uma geração de novos líderes sindicais se articulou para concorrer à presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. O Brasil tinha como presidente, o militar General Emílio Garrastazu Médici (1969 a 1974). Nesse contexto, a ação da Igreja Católica foi fundamental para a retomada da independência da ação sindical em Volta Redonda.

No mesmo período, como afirmou Faria (2013), surgiram os Fóruns Mundiais de Teologia e Libertação e novas formas de abordagem em busca de atualização da militância, de acordo com as reivindicações mais recentes de minorias sociais como mulheres, indígenas e negros.

Na estrutura do presente estudo identificamos uma primeira geração de mulheres que vieram de outros estados e contribuíram na emancipação política de Volta Redonda, que estão representadas por meio da pesquisa em documentos da prefeitura local, que denominamos de Narrativa Política. Uma segunda geração de mulheres está representada por aquelas que passaram a infância em Volta Redonda e foram, por meio da pastoral operária, construtoras do movimento de mulheres, que apoiou as lutas dos trabalhadores atuando nos sindicatos. Dessa segunda geração podemos destacar as participantes da nossa pesquisa de campo. Delas trazemos as narrativas de sua experiência pessoal por meio de entrevistas em que mostram, através de suas histórias, a construção de suas militâncias. A participante Solange Whehaibe atuou no movimento estudantil e no sindicato dos professores. A participante Conceição dos Santos foi uma protagonista na atuação das CEBs e na Pastoral Operária e Metalúrgica;

Assim, a presente revisão teórica indica que o protagonismo sindical da mulher em Volta Redonda no período em questão está inexoravelmente ligado às ações da Igreja Católica por meio da atuação das CEBs junto aos sindicatos.

As ações nas comunidades faziam as pessoas se tornarem cada vez mais conscientes das necessidades de se organizarem para a promoção de mudanças na qualidade de vida de todos.

Freire & Nogueira (1993) propõem pensarmos sobre os grupos de mulheres construídos nos primórdios da educação popular: nesses grupos havia um sonho de se mudar de vida, existia a proposta de se fazer isso. Ele afirma ser possível que nesses grupos de mulheres não houvesse relações entre sonhos de mudança (propostos pelo grupo) e formas de mudar a sociedade em geral. Os autores sugerem que existem diferentes níveis de educação popular. Os facilitadores de classe média inseridos nos grupos com objetivos de mudanças voltadas para a construção da sociedade, e, por outro lado, as mulheres com demandas do cotidiano, estabeleciam uma relação dialética que produzia diferentes prioridades, produzindo novos conhecimentos.

Nas reuniões dos grupos que iniciavam as Comunidades Eclesiais de Base surgiam novas possibilidades para a mulher no convívio social, não ficando essa restrita somente ao ambiente doméstico. Esse fato ocorreu também com as mulheres camponesas a partir de processos de educação popular, processos participativos que fortaleceram grupos de mulheres e contribuíram para forjar uma consciência coletiva de um novo tipo. Ações como as desses grupos foram importantes no caminho para a democracia e pela emancipação social.

Nessa conjuntura histórica, os movimentos sociais locais apresentavam a mulher e suas necessidades, que eram diferentes da mulher no norte global. A mulher camponesa, a mulher operária, a mulher vítima de violência e outras tantas representações de mulheres começam a se organizar através da conscientização sobre Direitos Humanos. No cenário mundial, a população da Polônia nos anos de 1982 vivia o que era de mais inovador na produção coletiva de subjetividades, envolvida por uma vontade de enfrentar de mãos nuas um sistema político dos mais perversos, com muita criatividade e coragem. Grande parte dessas pessoas se reconhecia de diferentes pontos de vista, no Catolicismo, e isso fazia parte do processo molecular da situação polonesa naquele momento (GUATARRI & ROLNIK, 1986).

Na década de 1980 os movimentos sociais no Brasil, de um modo geral, passaram a se estruturar em grandes blocos. O movimento sindical cria a Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat), depois a Central Única do Trabalhadores (CUT), a Central Geral Dos Trabalhadores (CGT) e a União Sindical Independente (USI). Os movimentos populares criam a Confederação Nacional das Associações de Moradores (Conam) e a Articulação Nacional de Movimentos Populares (Anamos), apresentando uma nova tendência de se articularem segundo o espectro político-partidário ou os posicionamentos políticos de setores expressivos de organização da sociedade civil, como a ala progressista da Igreja Católica. O governo, sob a égide da chamada Nova República (1985-1989), cria uma série de estratégias

que geraram um amplo movimento associativista, não participativo na base. Esses movimentos possuem características bastante diferenciadas dos movimentos populares críticos criados pelas bases (GOHN, 1991).

A partir de 9 de setembro de 1983, com a queda da diretoria interventora e a posse da nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos, agora apoiada nas bases populares, iniciaram-se grandes mudanças nas ações do sindicalismo em Volta Redonda. Essas ações se destacaram por suas formas de comunicação, com divulgações frequentes com o uso de carros de som, de intensa propaganda, panfletagens e a produção de um informativo diário distribuído nas portas das fábricas. Mulheres como Conceição e Dodora, como revela o presente estudo, foram sindicalistas da época e iniciaram seus trabalhos junto às mulheres trabalhadoras dentro da CSN.

As novas lideranças femininas que em Volta Redonda se filiaram ao Sindicato dos Metalúrgicos, buscaram alcançar as mulheres que estavam há mais tempo na Companhia, gerando um movimento que ampliava sua potência mobilizadora, como veremos a seguir.

## 2.5 AS GREVES, A INTERVENÇÃO DO EXÉRCITO E MOBILIZAÇÕES DE GRUPOS POPULARES EM VOLTA REDONDA DE 1983 A 1988

Segundo Freire & Nogueira (1993) o surgimento da educação popular está associado às condições geradas em meio a processos de urbanização, entre elas o êxodo rural e a industrialização. Quando muitas pessoas saem do campo e migram para as cidades, está também colocada a necessidade de uma organização capaz de tecer reflexões sobre esse processo.

A organização de grupos populares no município de Volta Redonda, originados das CEBs, e a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos tornaram-se um grande movimento popular. Este pode ser considerado um marco na história do movimento trabalhista brasileiro, por ter contribuído para que uma parcela significativa da população da cidade de Volta Redonda desse período tenha desenvolvido uma consciência de classe a partir das vivências coletivas, que possibilitaram o surgimento de lideranças entre as mulheres, apoiadas pelo líder da Igreja Dom Waldyr Calheiros e pelo Sindicalista Juarez Antunes.

Havia nesse período os grupos de base que, segundo Conceição Santos, eram 33 grupos de mulheres organizados nos bairros de Volta Redonda. Grupos que representaram, nesse período, uma potência para que o movimento operário se desenvolvesse e se fortalecesse como resistência a um sistema de opressão.

Podemos tomar como marco para a primeira greve na CSN o difícil momento em que o brasileiro convivia com uma inflação de 211%, havendo uma diferença salarial entre os trabalhadores da COSIPA (Companhia Siderúrgica Paulista) e os trabalhadores da CSN. Os salários dos trabalhadores da COSIPA eram, em média, superiores, entre 20% a 100%, com relação ao salário dos trabalhadores da CSN. Esses fatores fizeram deflagrar a primeira ocupação na CSN, com uma assembleia no dia 10 de maio de 1984 que contou com a participação de 22 mil trabalhadores, por muitas horas seguidas, e no dia 20 de maio, em nova assembleia, decidiram pela greve de ocupação. Greve esta que precede a realizada pelo sindicato na Metalúrgica Barbará, situada no município de Barra Mansa. Nessa primeira greve permaneceram acampados dentro da CSN 7 mil operários. Do lado de fora as famílias se aglomeravam, mostrando uma grande representação dos grupos de base liderados pelas mulheres. Monteiro (1995) revela que a direção da CSN fez uma série de concessões aos grevistas. O líder da greve, Juarez Antunes, percebeu as possíveis implicações do movimento com a Justiça do Trabalho, que poderia decretá-la como ilegal. Alinhado com a diretoria do sindicato, Dom Waldyr Calheiros realiza um culto ecumênico e fala aos trabalhadores para que a greve se encerre (MONTEIRO et al, 1995).

A greve de 1984 terminou como uma experiência exitosa dos trabalhadores, porém, Juarez, ao avaliar as circunstâncias entendeu que isso ocorreu por imperícia da direção da CSN para lidar com uma situação de greve, decidindo por aprimorar as ações do sindicato para as próximas greves. Ainda que houvesse divergências dentro do Sindicato, Juarez foi eleito na eleição do sindicato dos metalúrgicos de Volta Redonda em 1986 com 86% dos votos com o lema “Fortalecer para Avançar”.

A década de 1980 foi marcada por sucessivas greves, consideradas por alguns pesquisadores como um ensaio para a greve de 1988. Construiu-se assim um momento em que a organização popular permeia o protagonismo de todos os atores sociais, incluindo nesse protagonismo as mulheres, que foram fundamentalmente fruto de uma educação popular dentro das CEBs.

Os relatos das participantes desta pesquisa revelam que as mulheres estavam presentes em todos os momentos de enfrentamentos durante as passeatas nas ruas de Volta Redonda, quando os policiais ficavam nas margens das ruas e as mulheres se colocavam nas laterais para proteger os homens da agressão dos militares. Foram também as mulheres que organizaram o abraço simbólico em torno da CSN, (Figura 03), além de organizar piquetes nos bairros para impedir que a greve fosse “furada”.





**Figura 03** – Apoio das Mulheres – 1988.  
**Fonte:** Filme “História de Volta Redonda”.



**Figura 04** – Intervenção do exército Greve de 1988.  
**Fonte:** Homero Sérgio/Folhapress.

Segundo Monteiro *et al.* (1995) a greve de 1988 teve início com a presença do sindicato invadindo a CSN às 7 horas da manhã, retendo os trabalhadores do turno de meia-noite em um grande arrastão que parou vários setores da CSN. Foi uma greve de proporção histórica, tendo repercussão nacional. No momento em que o Brasil iniciava a abertura

política, os trabalhadores enfrentavam a sombra da ditadura. A Presidência da República era ocupada pelo Presidente José Sarney, que estava em viagem ao exterior, ocupando o cargo interinamente o então presidente da Câmara Ulysses Guimarães. Nos documentos audiovisuais aparece a incógnita sobre quem teria ordenado ao exército invadir a CSN, invasão que culminou com a execução de três operários: Carlos Augusto Barroso – 19 anos; Walmir Freitas Monteiro – 27 anos; e Willian Fernandes Leite – 22 anos.



**Figura 05** – Greve de 1988.  
**Fonte:** Jornal o Globo, 10 de novembro de 1988.

Monteiro *et al* (1995) relata que o ano de 1989 se iniciou com a trágica morte de Juarez Antunes. Eleito presidente do Sindicato dos metalúrgicos de Volta Redonda (1984 a 1989), Deputado Federal (constituente), do estado do Rio de Janeiro, (1987 a 1991) filiado ao PDT (Partido Democrático Trabalhista) mandato que renunciou em 1 de janeiro de 1989 para exercer o cargo de Prefeito de Volta Redonda.

Os documentos revelam a força da liderança sindical de Juarez que teve em seu enterro no dia 22/02/1989 personalidades da vida pública do Brasil como: Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva, Luiz Antônio de Medeiros, Luiz Carlos Prestes e Roberto Freire. Dom Waldyr afirmou que Juarez foi assassinado. O bispo afirmou ainda que foi procurado

por policiais do Rio de Janeiro, que o alertaram sobre um plano para assassinar Juarez e ele, Dom Waldyr. Seria um acidente de carro, fora da cidade. No caso de Juarez, esse alerta se confirmou pois ele faleceu em um acidente de carro cujas causas até hoje são motivos de investigações. Dom Waldyr, por sua vez, faleceu mais tarde de morte natural.

Como representação desse momento histórico, foi construída uma praça, próximo à entrada principal da CSN, que leva o nome de Juarez Antunes. Nessa praça foram também homenageados os operários mortos com o monumento 9 de novembro, construído pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado no dia 1º de maio de 1989, tendo assim se realizado um projeto do próprio Juarez Antunes (Figura 06). Na madrugada seguinte, o monumento sofreu um atentado: uma bomba de fabricação com materiais exclusivos das forças armadas que explodiu, fraturando o monumento em sua base (Figura 07). No dia 12 de agosto de 1989, o monumento foi reinaugurado (Figura 08). (MONTEIRO *et al*, 1995).



**Figura 06** – Monumento 9 de Novembro em seu formato original. (1989)

*Fonte:* Site do Sindicato dos Metalúrgicos.



**Figura 07** – Monumento 9 de Novembro após o atentado (1989)  
**Fonte:** Site do Sindicato dos Metalúrgicos.



**Figura 08** – Monumento 9 de Novembro recuperado após o atentado,  
 mantendo as marcas da violência (1989)  
**Fonte:** Site do Sindicato dos Metalúrgicos.

É neste contexto histórico que expusemos até aqui que se deu a experiência das mulheres cujas narrativas analisamos no presente estudo.

## 2.6. CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA A PSICOLOGIA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE: O PAPEL DAS NARRATIVAS

A construção e ação dos grupos populares fortaleceu os movimentos sociais no Brasil. Como afirmam Campos *et al* (2007), a crítica de alguns segmentos da academia após 1968 provocou reflexões quanto ao papel das universidades, principalmente em países do Terceiro Mundo, onde o acesso à universidade era restrito a poucos. Nessa conjuntura, os professores dos cursos de formação profissional de psicologia passaram a questionar suas práticas. Concomitantemente há uma crise da psicologia como ciência, em que a antipsiquiatria abala os conceitos de doença mental, deslocando o problema para a questão da saúde mental e para a prevenção do adoecimento mental da população pobre, oprimida e desatendida pelo Estado. Os autores destacam ainda que é nesse período que surge nos Estados Unidos e em vários países da América Latina a expressão “psicologia comunitária”.

No entanto, Campos *et al* (2007) afirmam que a atuação de profissionais de Psicologia junto a populações vulneráveis nos idos do final da década de 1960 tinha um forte cunho assistencialista e manipulativo, utilizando técnicas e procedimentos sem a necessária análise crítica e em uma perspectiva ingênua. Por outro lado, nesse mesmo período avançava a consciência no campo da educação popular com a preocupação com a alfabetização de adultos como instrumento de conscientização, a partir das teorias e práticas de Paulo Freire. Essa possibilidade de atuar em comunidades na educação popular levou estudantes e profissionais de psicologia da década de 1970 a desenvolverem ações junto à população em uma perspectiva crítica e emancipatória.

Nesse contexto, os profissionais de psicologia se uniram às Comunidade Eclesiais de Base, como afirma Campos *et al* (2007); esses profissionais construíram práticas diferentes saindo dos consultórios, das empresas e das escolas, e indo para os bairros populares, favelas, associações de bairros e para as CEBs, trazendo para sua prática a conscientização política, trabalhando junto aos movimentos populares e se integrando a profissionais de outras ciências humanas. A teoria de Paulo Freire, baseada em uma educação dialógica, tem sido um esteio nas ações de valorização dos saberes das classes populares.

Com a ampliação das políticas públicas no país, a psicologia ampliou sua participação nos espaços de saúde, educação, judiciário, entre outros. A busca passou a focar-se na promoção da saúde. A psicologia social comunitária procura, então, desenvolver instrumentos relevantes para as novas problemáticas que se apresentam aos psicólogos.

A Psicologia Social tem contribuído para promover ações nas políticas públicas visando romper com a visão assistencialista, promovendo a consciência crítica, em ações que contribuam para diminuir as desigualdades sociais. Essas ações são pautadas no entendimento de que as desigualdades sociais trazem sofrimento psíquico fragilizando todo um território. Assim, nossa pesquisa aponta, através da narrativa das mulheres de Volta Redonda, a necessidade de resgatar as origens da construção do campo da Psicologia Social, entendendo e refletindo sobre a importância desse profissional no contexto das políticas públicas, realizando assim práticas emancipatórias para uma efetiva promoção de saúde.

O estudo que aqui apresentamos constrói uma sistematização sobre as mulheres e suas narrativas, a partir de categorias de análise. Kim (2015) propõe pensar a etimologia da palavra *narrativa*. Em primeiro lugar, etimologicamente falando, a palavra narrativa vem do latim *narrat* – “relacionado”, “contado”, *narrar* (“contar”) ou *narrativus latino tardio* (“contar uma história”) todos semelhantes, sendo o latim *gnârus* (“saber”) derivado do antigo sânscrito *gnâ* (“conhecer”). Assim, narrar é uma forma de conhecimento que captura os dois lados da narrativa. Narrador, portanto, poderia significar: “quem sabe e conta” (KIM, 2015, p.33).

Benjamin (1994) nos revela que a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte à qual recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. No entanto, as narrativas sobre a mulher como cidadã política em Volta Redonda estão construídas sob o viés institucional (prefeitura, academia, sindicato e igreja). Considerando esse aspecto como limitante, é possível refletir sobre o quanto essas narradoras podem contribuir com suas histórias contadas por elas mesmas. E, uma vez contadas, que elas possam chegar ao conhecimento de outros habitantes da cidade. Esta é uma das propostas deste estudo: que a CienciArte seja um meio para que as mulheres possam contar suas histórias.

A pesquisa narrativa se situa no campo da teoria crítica, segundo Kim (2015), incorporando os pós-discursos do século XX. Kincheloe e McLaren (2011), afirmam que a teoria crítica é um termo muito evocado e pouco compreendido, o que faz muitos estudantes estadunidenses acreditarem que a teoria crítica, sendo uma ideia marxista, se confunde erroneamente com uma visão partidária. Estamos atentos para não provocar dúvidas sobre a natureza desta pesquisa que não se propõe fazer uma defesa das CEBs, adotando um caráter ideológico ao estudo. Realizamos nossa pesquisa com base na teoria crítica que se situa no campo de estudos da Escola de Frankfurt ligada ao Instituto de Pesquisas Sociais da

Universidade de Frankfurt na Alemanha. Kim (2015) nos informa que especificamente em 1937, o *Jornal do Instituto de Pesquisa Social* publicou um ensaio de Max Horkheimer, intitulado -Teoria tradicional e crítica. A partir desse momento, a teoria crítica foi designada como uma escola de pensamento. Teóricos como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Jürgen Habermas e Herbert Marcuse são aqueles que criaram a teoria crítica ao iniciar uma conversa sobre a tradição alemã de pensamento filosófico e social, especialmente o de Marx, Kant, Hegel e Weber. Kim (2015) afirma que esses primeiros teóricos críticos, cujas perspectivas eram moldadas pela depressão econômica da Alemanha do pós-guerra no início dos anos 1930, com foco na análise das formas de dominação e injustiça, reinterpretaram a teoria marxista. Para definirmos a teoria crítica devemos entender que ela é considerada uma teoria sociocultural e política que nos possibilita examinar as relações de dominação e subordinação que criam desigualdades sociais que têm seu foco na noção de produção, distribuição e reprodução. Temos como referencial teórico neste estudo a pedagogia crítica, que permeia todas as narrativas que estudamos dentro deste espaço circunscrito, mas com uma possibilidade de ampliar o debate sobre a necessidade de termos um olhar crítico para a educação não formal e suas relações com o controle social nas políticas públicas.

## 2.7 PESQUISA BASEADA EM ARTE – ABR, CIENCIARTE E ARTETERAPIA

A estratégia metodológica adotada neste estudo situa-se no campo que compreende a metodologia da Pesquisa Baseada em Artes ou *Art-based research* (ABR) com ênfase na abordagem CienciArte e a técnica da Arteterapia para construção de uma narrativa imagética, na escuta das mulheres entrevistadas.

Estabelecemos desde o início a proposta de trabalhar com a metodologia de pesquisa participativa sistematizada por Patrícia Leavy no livro *Method Meets Art, Second Edition: Arts-Based Research Practice*. Os estudos da obra de Leavy (2015) nos apontam os primórdios da Pesquisa Baseada em Artes. Ela relata que foi encontrado o termo “especialidade inquérito artístico” no ano de 1859, no Instituto Arqueológico da Grã-Bretanha e também no catálogo de antiguidades da Irlanda.

A ABR utiliza o método narrativo ou inquérito narrativo para pesquisa nos princípios da etnografia, história oral e entrevista qualitativa, buscando acessar de forma colaborativa as experiências de vida dos participantes e se envolver em um processo de narrativa e re-narrativa, a fim de revelar significados multidimensionais para uma compilação convincente dos dados. Entendemos que as narrativas são construídas por meio de dados em uma atitude

reflexiva, participativa e estética. Sob a perspectiva da narrativa mudamos a maneira como iremos conduzir a entrevista tradicional, pois estamos atentos às possibilidades de recontagem bem como a co-construção de uma narrativa, prevista em teoria (LEAVY, 2015).

Observamos que as narrativas das mulheres que entrevistamos mostravam similaridades, conforme vários trabalhos acadêmicos oriundos desse campo de estudo. Atentos a isso, realizamos uma vivência de Arteterapia para possibilitar outros acessos a essas narrativas, possibilitando a emergência de uma narrativa através das imagens que nos permitisse ampliar nossa análise sobre a contribuição da educação popular emancipatória no ativismo das entrevistadas. Foram elencadas duas mulheres para essa vivência, ambas sendo filhas de imigrantes e formadas em colégio católico, uma delas negra, participante do movimento sindical metalúrgico e das CEBs, e a outra, branca, participante do movimento universitário, e militante no sindicato da educação.

## 2.8 ARTETERAPIA

Em 1882, Freud era um médico recém-formado e começava a atuar na clínica psiquiátrica de Theodor Meynert. Em 1885 iniciava o trabalho com o médico Charcot, no Hospital Salpêtrière (Paris, França). Alguns anos depois da criação da Psicanálise por Freud, com o aprofundamento das questões relativas ao conceito de inconsciente, passou-se a utilizar as terapias expressivas com a finalidade de possibilitar catarses, proporcionando ao terapeuta instrumentos de avaliação que contribuíssem para uma possível melhora do paciente. (URRUTIGARAY, 2011, p.23).

Na Europa, entre os anos de 1914 e 1930, o psicólogo suíço Carl Gustav Jung desenvolveu a pesquisa denominada “arte imagética”. (LEAVY, 2015). A teoria junguiana chega ao Brasil na década de 1950 por meio do trabalho de Nise da Silveira, que enfocava o acesso à arte como estratégia de cuidado para pacientes com transtornos mentais.

No Brasil, em 1944, Nise da Silveira, médica psiquiatra, após sair da prisão política onde foi mantida com outros intelectuais da época, retornou ao exercício da clínica. Esse tempo que passou na prisão ficou registrado na obra “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos, com quem Nise conviveu na prisão. Seu retorno à clínica se deu no serviço público, no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II. Em 1946 durante sua luta contra os métodos agressivos de tratamento impostos na instituição, Nise decide revitalizar a seção de terapia ocupacional desse hospital tendo como parceira a então auxiliar de enfermagem Ivone Lara, a qual é mais conhecida como Dona Ivone Lara. Nise da Silveira preferiu o termo dado por um



paciente, “emoção de lidar”, para nomear sua prática, se afastando da nomenclatura “arte na modalidade terapêutica”, pois como admiradora de Jung ela desejava que as obras das oficinas expressivas realizadas com pessoas portadoras de sofrimento psíquico não ficassem expostas à valoração artística vigente, para não serem submetidas a julgamentos pertinentes a padrões estéticos (URRUTIGARAY, 2011, P. 26).

A psiquiatra Nise da Silveira é a pioneira em estudos junguianos e conseqüentemente na Arteterapia no Brasil. Construiu práticas e teorias para o que, atualmente, é compreendido como um processo terapêutico capaz de proporcionar o desenvolvimento pessoal por meio de expressões artísticas como a música, a literatura, artes visuais e cênicas. Seu trabalho, realizado em 1946, foi pioneiro na pesquisa participativa em Arteterapia, dada a investigação por ela realizada com seus pacientes e funcionários do Hospital Pedro II. Seus resultados apresentaram uma vasta produção imagética associada às leituras, interpretações de símbolos e mitos de diferentes culturas em uma interlocução com Jung.

Mas foi através do norte Americano Shaun McNiff, na década de 1998, que o conceito de Arteterapia se conformou tornando-se base para a Pesquisa Baseada em Artes (*Arts based Research* – ABR). No entanto como nos alerta Urrutigaray (2011):

Devemos manter distintas as concepções de utilização da arte no contexto terapêutico entre Freud e Jung. Para Freud a arte é um produto de uma neurose que se encontra sublimada; isto é a resolução bem-sucedida de um conflito, possibilitando a adequação social do ego, ao passo que para Jung a arte está vinculada ao postulado da Psicologia Analítica, sendo considerada portadora de conteúdos simbólicos originários do inconsciente. A afirmação de Jung proporciona um fundamento mais aproximativo ao entendimento da criatividade e das ações expressivas, reveladoras da alma humana, sem reduzi-las a estados sintomáticos, necessariamente. (URRUTIGARAY, 2011, p.25).

Assim podemos considerar que o campo da CienciArte tem na Arteterapia uma base metodológica que está sistematizada na Pesquisa Baseada em Artes. Nossa proposta de pesquisa de campo, portanto, esteve voltada para escutar as participantes não somente em seu discurso verbal, mas também instigando a produção de suas expressões pictóricas, utilizando o desenho como possibilidade de narrativa na construção da linha da vida.

Observamos que essa metodologia de pesquisa se situa no campo epistemológico do construcionismo social, na Pesquisa Educacional Baseada em Artes (PEBA), propondo-se a dialogar acerca da forma como concebemos o mundo, nos convidando a problematizar as realidades. (OLIVEIRA; CHARREU,2016; p.368).

O Construcionismo Social teve seu início no ambiente acadêmico norte americano da década de 70, quando o Behaviorismo e seus pressupostos ontológicos e metodológicos se viam questionados por todos os lados. Um desses questionamentos foi a crítica historicista de Gergen (1973) à Psicologia Social, formulada em seu artigo “Social Psychology as History” (Stroebe e Kruglanski, 1989), considerado o marco inicial do Construcionismo Social (CASTAÑON, p.70, 2004).

McNiff (1981) nos informa que a Arteterapia tem sido associada, ao longo do século XX, ao campo da saúde mental. Assim, a correlação das artes visuais com a psiquiatria foi determinada principalmente pela correlação das imagens visuais com os sonhos. Shaun McNiff como psicólogo e criador da metodologia da ABR nos traz, em sua pesquisa, a Arteterapia como possibilidade de escuta através da arte. Para nós, escutar essas narrativas através de outro canal expressivo, os desenhos, é a possibilidade de também analisar o discurso por meio das imagens.

Como já apresentado na justificativa do presente estudo, a pesquisa teve início a partir de atividades de Promoção da Saúde com a população do Centro de Prevenção à Saúde do Idoso da AAP-VR (Associação de Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda), participantes da oficina literária denominada Caminhos Literários. Essa atividade foi criada para promover a inclusão cultural dos idosos, consistindo em uma oficina de leitura de textos literários escolhidos pelos participantes que foi transformada em um espaço de educação popular. Esse processo deu origem a outra oficina denominada Cine Literatura, parte dos Círculos de Cultura, com a exibição de filmes adaptados de romances escolhidos pelos participantes. Neste grupo começamos nosso percurso de Pesquisa Baseada em Artes.

A história de Volta Redonda contada pelas mulheres participantes dos Círculos de Cultura que organizamos nos revelaram diversos aspectos do início do movimento de educação popular nesta cidade. Outras narrativas surgiram revelando o movimento de mulheres que, segundo afirmou uma das participantes, movimentou trinta e dois grupos de mulheres organizados nos bairros de Volta Redonda, fortalecendo e sustentando o movimento da greve de ocupação em 1988. As narrativas que surgiram nos Círculos de Cultura Caminhos Literários, sinalizaram uma história que precisa ser contada, como afirmou uma das participantes (SILVA R.C, 2018, p.10).

Cabe ressaltar que as mudanças na gestão da AAP-VR em 2019 colocaram fim ao trabalho de prevenção à Saúde do Idoso. Priorizando o atendimento ambulatorial, essas transformações extinguiram todos os grupos que funcionavam como grupo de convivência, incluindo os grupos: Renascer (alfabetização de idosos) e o grupo Caminhos Literários. As

participantes dos Caminhos Literários e outros grupos de convivência fizeram um abaixo assinado, tentaram argumentar nas assembleias, porém, o argumento institucional que dizia que grupos de convivência não eram atividades lucrativas foi mantido, colocando fim a uma era em que o associado era prioridade; a instituição então rompe com o Programa de Prevenção à Saúde do Idoso para atender a demandas do mercado, abrindo assim o serviço ambulatorial, que passaria a atender a todas as faixas etárias, seguindo os preceitos da lógica de mercado em saúde, dos planos de saúde populares.

O estudo no campo da psicologia e da arteterapia nos apontam que no século XXI estamos inseridos em um mundo imagético, que se constitui de novas formas de narrativas, possibilitando outras formas de expressão e de cuidado. A Arteterapia e outras novas terapias foram legitimadas no Sistema Único de Saúde (SUS) ao ser inseridas nas Práticas integrativas e Complementares (PICS)<sup>2</sup>, deixaram de ser consideradas como alternativas e passam a ser integrativas no cuidado em saúde. A arteterapia se tornou uma técnica para acolher e ressignificar sentimentos e emoções que através do fazer artístico colocam possibilidades para o discurso do inconsciente, se constroem e se legitimam como espaços de representatividade, como experimentado nesta pesquisa.

Uma atividade milenar, a arteterapia é prática expressiva artística, visual, que atua como elemento terapêutico na análise do consciente e do inconsciente e busca interligar os universos interno e externo do indivíduo, por meio da sua simbologia, favorecendo a saúde física e mental. Arte livre conectada a um processo terapêutico, transformando-se numa técnica especial, não meramente artística, que pode ser explorada com fim em si mesma (foco no processo criativo, no fazer) ou na análise/investigação de sua simbologia (arte como recurso terapêutico). Utiliza instrumentos como pintura, colagem, modelagem, poesia, dança, fotografia, tecelagem, expressão corporal, teatro, sons, músicas ou criação de personagens, usando a arte como uma forma de comunicação entre profissional e paciente, em processo terapêutico individual ou de grupo, numa produção artística a favor da saúde. (Ministério da Saúde, acesso em 27/11/2021)

Quando realizamos nossa pesquisa com base na abordagem CienciArte e mergulhamos no método ABR, percebemos o quanto a imagem da mulher neste campo de pesquisa tornou-se importante para suscitar discussões e adesões de teóricas feministas.

---

<sup>2</sup> [https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares#:~:text=As%20Pr%C3%A1ticas%20Integrativas%20e%20Complementares%20\(PICS\)%20s%C3%A3o%20tratamentos%20que%20utilizam,paliativos%20em%20algumas%20doen%C3%A7as%20cr%C3%B4nicas](https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares#:~:text=As%20Pr%C3%A1ticas%20Integrativas%20e%20Complementares%20(PICS)%20s%C3%A3o%20tratamentos%20que%20utilizam,paliativos%20em%20algumas%20doen%C3%A7as%20cr%C3%B4nicas). acesso em 27/11/2021.

A segunda metade do século XX assistiu à emergência de movimentos sociais diversos, centrados principalmente na defesa de interesses específicos de determinados grupos sociais definidos como base em questão de identidade cultural, diferentes dos movimentos sociais anteriores fortemente marcados por questões de classe, ou seja, vinculados à posição dos sujeitos na estrutura produtiva. É nesse momento que o movimento feminista ressurge e dele emerge a questão de gênero (BARATA, p 76. 2016).

Pensando em possibilitar outro viés do discurso das participantes, optamos por uma técnica expressiva denominada de linha da vida. Foi com base na complexidade da fundamentação teórica apresentada até aqui que construímos a presente pesquisa, cuja metodologia detalhamos a seguir.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 CONTEXTO DO ESTUDO

O percurso metodológico do presente estudo tem origem no ano de 2016, culminando na pesquisa de 2020. Ao longo da pesquisa que iniciamos em 2016, procuramos tecer relações teóricas nos campos da CienciArte (em construção), da Arteterapia e da Pesquisa Baseada em Artes. Entendemos que a Arteterapia se situa no campo das CienciArte, pois não existe terapia sem ciência, seja ela ciência popular ou acadêmica, já que estas se constroem na junção de ciências que geram tratamento, com procedimentos da Arte.

Também no campo da CienciArte buscamos tecer relações com as metodologias de Pesquisa Baseada em Artes, conhecida como *Arts-Based Research* (ABR).

Este percurso está situado na perspectiva metodológica da Pesquisa Baseada em Artes, no paradigma construcionista, paradigma esse que tem como finalidade compreender o mundo com toda complexidade de cada experiência subjetiva, ou seja, do ponto de vista daqueles que a vivem, (OLIVEIRA; CHARREU,2016; p.368). Para melhor entendimento deste percurso utilizamos a figura abaixo como cronograma de pesquisa, representando a linha do tempo até ano de 2020.



**Figura 09** – Linha do tempo da presente pesquisa (2016 a 2020).

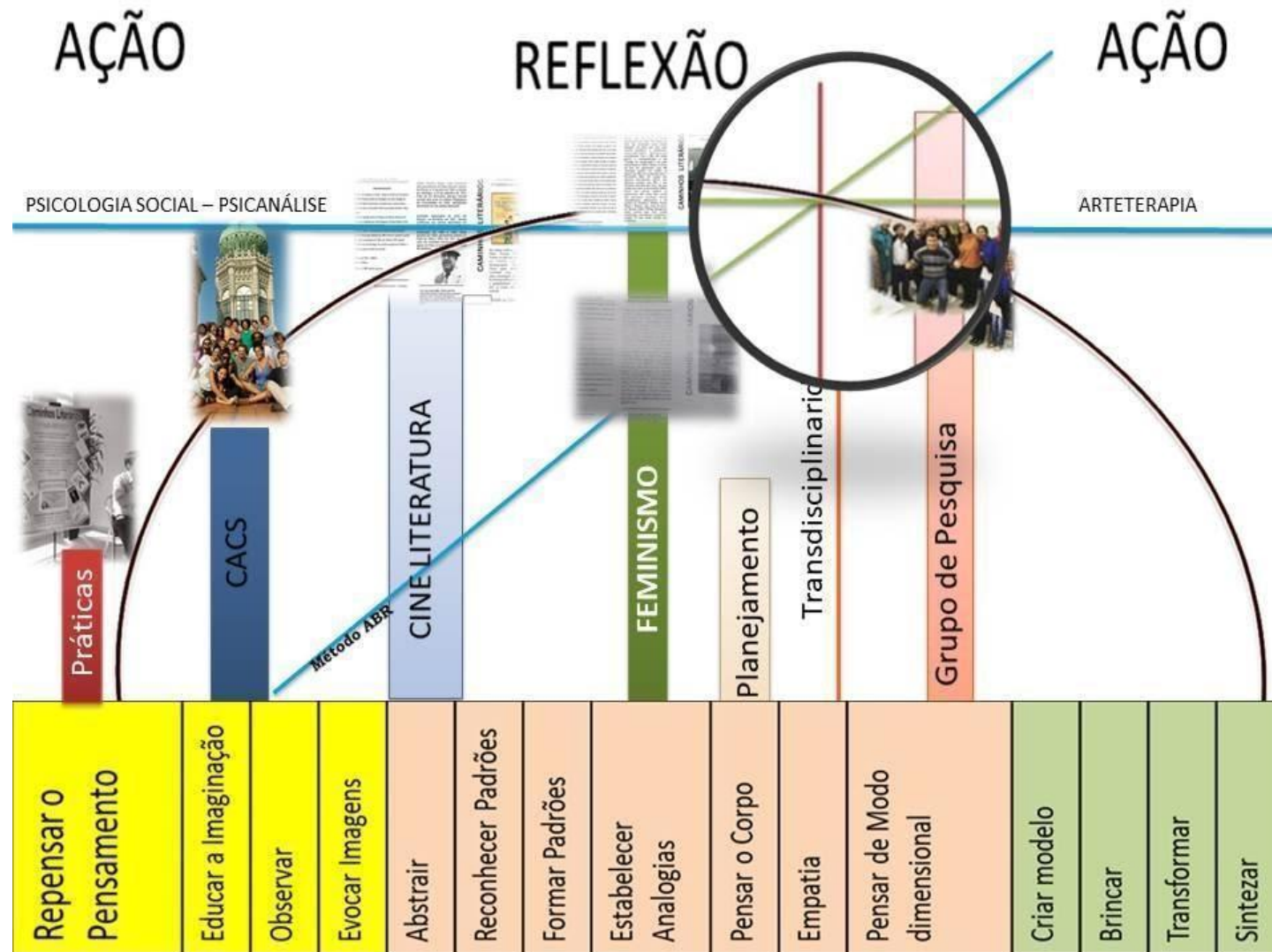
*Fonte:* SILVA R.C, 2018.

Na participação no grupo de pesquisa Arte, Cultura e Saúde, inserido no mestrado acadêmico do Ensino de Biociência em Saúde, no Ensino não Formal na linha de pesquisa de

CienciArte, demos continuidade à nossa investigação, tendo como referenciais teóricos as teorias de: Paulo Freire, Patrícia Leavy e Shaun McNiff.

Para melhor entender essa construção vamos detalhar as relações tecidas entre esses campos, apresentando o percurso iniciado em 2016, tendo como início a base teórica da especialização em CiênciArte, e como principal referência as categorias cognitivas construídas por Robert e Michèle Root–Bernstein como ilustrado na figura abaixo. No entanto, antes devemos deixar claro a construção do conceito de CienciArte

Nesse caminho, unimos os termos ciência e arte para a criação de um novo conceito, ou um novo campo: CienciArte. Mas o que é esse novo campo, CienciArte , com palavras aglutinadas, e não mais colocadas lado a lado, com conjunções ou preposições entre elas? Já existe esse campo interdisciplinar, transdisciplinar? Podemos iniciar repensando como surgiram outros campos interdisciplinares, como a biomedicina, a astrofísica, a bioquímica, a físico-química, a bioengenharia, a mecatrônica, ou mesmo a arte-educação, algumas ainda guardando seus conectores. Todas começaram com a disponibilização dos conceitos, métodos e práticas de um campo para o desenvolvimento do outro. (ARAUJO-JORGE e *Col* p.1. 2018).



**Figura 10** – Construção multidimensional do Grupo de Pesquisa Cultura e Arte na Saúde, tendo como base as categorias cognitivas

*Fonte:* SILVA R.C, 2018.

Trata-se de um estudo desenvolvido com a abordagem qualitativa (DESLANDES et al., 1994), utilizando as técnicas de análise de conteúdo (MINAYO, 2019) e a metodologia da Pesquisa Baseada em Arte (LEAVY, 2015), por meio de entrevistas individuais e abertas, seguidas de transcrição, textualização e reestruturação (MEIHY; HOLANDA, 2017; BERTAUX, 2010), com posterior análise dos dados por tematização sistematizada (FONTOURA, 2011) e análise de conteúdo por nuvem de palavras (VASCONCELOS, 2004).

Utilizamos a metodologia qualitativa com análise de conteúdo que tem uso bastante variado como exemplo de conteúdo que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado (MINAYO, 2000). Junto à análise de conteúdo utilizamos a metodologia de Pesquisa Baseada em Artes com base na técnica da Arteterapia para ampliar a entrevista aberta que ocorreu após as participantes terem desenhado a linha da vida, técnica expressiva que possibilitou às participantes relatar fatos marcantes de suas vidas. “sendo um recurso para análise de conteúdo iconográfico apresentada como rabiscos, sonhos e desenhos” (MINAYO, 2000).

### 3.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DA PESQUISA

Esta Pesquisa foi aprovada pelo CEP-FIOCRUZ/IOC em sua 253<sup>a</sup> reunião extraordinária realizada em 27/08/2019, de acordo com as atribuições definidas na resolução CNS 466/12.

As participantes da pesquisa foram convidadas pelo critério de terem participado dos movimentos populares em Volta Redonda, entre o início dos anos 60 e o final dos anos 80.

As mulheres colaboradoras desta pesquisa são idosas, acima de 65 anos, assim este trabalho entende e contempla a dimensão biopsicossocial como também a participação política, tendo como foco a adesão dessa população através da educação popular em sua participação nos movimentos sociais na promoção de saúde e construção de políticas públicas.

### 3.3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Buscamos trabalhos nas bases de dados Google acadêmico e periódicos Capes em diferentes áreas e utilizando os seguintes descritores: Mulheres Operárias em Volta Redonda, Comunidades Eclesiais de Base, movimento operário de Volta Redonda. No que se refere ao material impresso, o livro “A trajetória de Mulheres Revolucionárias”, de Sérgio Vieira, foi



cedido para pesquisa por uma assistente social ao recebê-lo da promoção feita pela prefeitura de Volta Redonda.

Os documentos selecionados a partir da leitura flutuante foram anexados no *software* para pesquisa qualitativa MAXQDA. Nodari et al (2014), nos informa que no software MAXQDA a interface é dividida em quatro janelas que refletem áreas de extrema importância para o processo de análise de conteúdo: uma janela apresenta a lista de todos os documentos, imagens, arquivos PDF e vídeos utilizados no projeto; outra janela mostra a estrutura elaborada de categorias e códigos; uma janela serve para a leitura, codificação e edição dos documentos selecionados; e a última janela visa à recuperação e verificação dos segmentos codificados. Realizadas todas as etapas de codificação dos documentos selecionados, o *software* gerou um relatório contendo as sentenças das categorias escolhidas, dados em uma planilha Excel com o número de ocorrência de cada categoria, nos permitindo também criar um gráfico em nuvens de palavras.

Sabemos que a investigação narrativa geralmente se baseia em uma mostra pequena, mas produz estudos de casos aprofundados (LEAVY, 2015). O presente estudo, pelo viés da psicologia, busca nas artes visuais outras formas de olhar e promover novas reflexões.

O Levantamento Bibliográfico foi tratado como “Narrativa Acadêmica” e “Narrativa Política”. O levantamento de produções imagéticas sobre o tema foi tratado como “Narrativa áudio visual”. A esses acrescentamos a narrativa das mulheres entrevistadas que se caracteriza como uma vivência de arteterapia. Assim, nossa coleta de dados gerou um mosaico de narrativas que se combinam buscando alcançar nexos para responder nossas questões. Esse mosaico está ilustrado a seguir:



**Figura 11** – Mosaico das narrativas de pesquisa.  
*Fonte:* construção do autor

### 3.3.1 Narrativa Acadêmica

Nossa fonte de narrativas acadêmicas foi a pesquisa documental focada em livros, artigos, teses e dissertações. Definir documento representa em si um desafio pelo fato de o documento constituir uma das principais ferramentas de toda a História das Ciências Sociais. Cellard (2008) revela o quanto a designação do que é documento se transformou ao longo dos anos. Podemos considerar documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos etc. (CELLARD, 2008).

### 3.3.2 Narrativa Política

No decorrer da pesquisa tivemos acesso a um conjunto de narrativas sobre a história de mulheres de Volta Redonda, a qual denominamos de Narrativa Política por serem frutos do estudo de um documento publicado pela Prefeitura de Volta Redonda, intitulado “A trajetória

de Mulheres Revolucionárias”, de Sérgio Vieira. Vieira, um historiador contratado pela prefeitura para realizar a pesquisa que gerou esse livro publicado em 2013, que tinha como objetivo valorizar a memória cultural local e homenagear as mulheres que tiveram participação ativa na vida pública da cidade. Essa obra, por meio do relato das histórias de vida de dez mulheres que se destacaram no município, apresenta o investimento das mulheres nas lutas pela garantia dos direitos humanos e por políticas públicas. A metodologia utilizada para analisar a narrativa política e acadêmica sobre as mulheres se deu com o uso do programa MAXQDA. Para essa etapa da pesquisa escolhemos para categorização as palavras-chave mulher, política e CSN.

### 3.3.3 Narrativa Audiovisual

Essa narrativa foi construída com base nas imagens de vídeos que, além de focar os movimentos sociais da época, consideraram também o contexto histórico em que a cidade foi construída. Também foi levado em conta o período de disponibilidade na plataforma *Youtube* até julho de 2019. Assim, foram selecionados três vídeos de curta duração, sendo um dividido em quatro partes, nas quais essas características estavam presentes. Nesses vídeos buscamos identificar como os autores privilegiaram o protagonismo feminino, mensurando o tempo de fala de mulheres e os conteúdos dessas falas. (PENAFRIA p.7,2009) afirma que um procedimento de análise muito comum consiste em retirar *frames* de um filme. “Esses *frames* são um suporte fundamental para a reflexão, já que permitem fixar algo movente, as imagens de um filme”. Neste estudo preferimos usar o termo *frames* ao termo *fotograma*, embora ambos correspondam a um quadro do filme. A análise dos quatro filmes foi construída observando imagem, som e, de forma geral, o conteúdo. Na análise de imagem encontramos, sobretudo, o modo como o realizador concebeu o filme e como o conteúdo audiovisual nos permitiu pensar e lançar novos olhares sobre a história da mulher no movimento operário. Na análise fílmica construímos a análise propriamente dita partindo da decomposição, fazendo a descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição e ângulo. No primeiro filme, “História de Volta Redonda”, vamos dar ênfase, na primeira parte, aos aspectos de planos de filmagem; na segunda parte nos valem dos frames para refletir de forma crítica sobre o uso das imagens das mulheres e dos movimentos sociais em apoio aos trabalhadores, e a presença ou ausência da fala das mulheres; na terceira parte vamos trabalhar com o filme sob a forma de texto, transcrevendo, palavra por palavra, o discurso de Juarez Antunes; na quarta finalizamos a análise de conteúdo do filme História de Volta Redonda. O

segundo filme, um longa-metragem, também foi decomposto em cenas, que foram analisadas e em seguida cronometrados os tempos de fala das mulheres que participaram dos movimentos de base na militância das classes trabalhadoras, como metalúrgicos, professores e trabalhadores da construção civil.

Na pesquisa de materiais audiovisuais também buscamos evidências fotográficas que alimentaram nossa investigação. Uma pesquisa de documentos fotográficos foi realizada em campo a partir do contato com um informante, o fotógrafo Antônio Calino, o qual nos indicou o ex-funcionário da CSN, Geraldo Bastos, que mantém um acervo amplo de imagens que foram propriedade da CSN antes da privatização. A única expressão poética foi cedida, como imagem fotográfica, por uma participante do grupo Caminhos Literários, tendo sido analisada a partir do discurso dessa mulher poetisa, como veremos na Figura 22.

Nessa etapa foi utilizado o método auto etnográfico para narrar o percurso no campo e construir nossa análise, sabendo que nos últimos 25 anos esse método de investigação-narrativa tem encontrado espaço em trabalhos acadêmicos por ser considerado um método de autoestudo onde o pesquisador é visto como fonte de dados viáveis (LEAVY, 2015).

Em nosso percurso, tivemos a oportunidade de encontrar nomes de referência da fotografia do nosso campo de pesquisa, o que nos possibilitou beber na fonte de um acervo imagético histórico. Um acervo que conta com minúcias a história política das décadas de 1940 a 1960, ou seja, metade do século 20. Embora tenhamos pesquisado esse acervo, avaliamos que não encontramos registros públicos da história do movimento operário e das CEBs. Os resultados encontrados também estão apresentados em mais detalhes na seção 6.

### 3.4. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Realizamos a pesquisa de campo utilizando a técnica da Arteterapia na metodologia ABR, decisão tomada após ter analisado o material coletado na pesquisa bibliográfica das narrativas acadêmicas, em que as mulheres que participaram do movimento operário foram entrevistadas. A equipe participante desta pesquisa foi formada por: Pesquisador principal: Roberto Carlos da Silva; Orientador Marcio Luís Corrêa de Mello; coorientadora Maria Paula Bonatto; relatora, Lauriane Martins Santana – Mestranda do Programa de Ensino em Biociências e Saúde; Helena Ananias, professora de Artes Visuais e Arteterapeuta; Maria Luiza Silva, estudante do Curso de Arte e Designer UFJF para os registros audiovisuais, além das duas mulheres convidadas para as entrevistas, participantes do movimento sindical em Volta Redonda, tendo uma delas sido militante no movimento operário feminista, atuante nas

CEBs e a outra militante em grupos estudantis, precursora do Sindicato dos Professores de Volta Redonda e referência na cena cultural da cidade.

### 3.5. OFICINA E ENTREVISTAS

As mulheres convidadas a participar da oficina para a pesquisa chegaram ao local no horário marcado para a entrevista. O local escolhido foi um consultório de psicologia mobiliado com poltronas e uma mesa circular de vidro, o que possibilitou manter a lógica circular, em que todos se encontram na mesma hierarquia.

Foi apresentada a pesquisa para as participantes e realizadas as assinaturas dos Termos de Autorização de uso de imagens e som e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para o registro das imagens foi utilizada uma câmera para filmagem modelo CANON EOS REBEL T5 com tripé e microfone externo à câmera, no entanto o microfone externo não funcionou. Utilizamos os celulares dos participantes para registro de som e registro fotográfico.

Os materiais expressivos disponibilizados foram giz de cera e folha de papel tamanho A4 para realizar a técnica da Arteterapia, uma vivência que compreendeu cinco momentos, apresentados no Quadro 01.

1-Integração	Momento de apresentação das participantes.
2-Relaxamento	As participantes são convidadas a fechar os olhos e respirar profundamente, se preparando para criar.
3-Simbólico	As participantes são convidadas a fazer uma atividade de arte.
4- Leitura Simbólica	As participantes apresentam suas produções.
5- Fechamento	As participantes relatam suas histórias simbolizadas nas imagens produzidas.

**Quadro 01** – Etapas da Vivência de Arteterapia.

*Fonte:* Elaborada pelo autor.

### 3.6 VIVÊNCIAS DE ARTETERAPIA – ABR

Na integração todos se apresentaram e conversaram sobre a pesquisa, enquanto as participantes se referiram aos projetos futuros. No segundo momento foi proposto um relaxamento para o qual foi solicitado às participantes que fechassem os olhos e realizassem o exercício de respiração durante dez minutos.

Em um terceiro momento foi solicitado às participantes que utilizassem o giz de cera e folhas de papel A4 (Figura13) para expressar simbolicamente, por meio de desenho, a linha da vida.



**Figura 12** – Construção do desenho da linha da vida.

*Fonte:* Atividade Arteterapia Realizada.

Após a construção simbólica da linha da vida, elas nos apresentaram suas produções, realizando uma leitura dos desenhos produzidos.

A Participante Solange Whehaibe, que havia sido militante em grupos estudantis, precursora do sindicato dos professores de Volta Redonda e referência na cena cultural da cidade, propôs iniciar a apresentação de sua linha da vida. Quando já estava desenvolvendo sua narrativa, observamos que o microfone da câmera não estava funcionando. Pedimos desculpas e decidimos captar o áudio com o celular. Ela retomou a fala, repetindo na íntegra o que havia falado anteriormente, revelando que, embora estivesse com a possibilidade do desenho como norteador, o discurso já estava pronto para a entrevista. No entanto, a metodologia da Pesquisa baseada em Artes com a técnica da Arteterapia nos possibilitou observar na construção dos desenhos produzidos, aspectos simbólicos de sua trajetória, nos permitindo escutar também as participantes em suas entrevistas de outra forma, ampliando a análise sobre aspectos subjetivos e inconscientes.

A segunda participante, Conceição Santos fora militante no movimento operário feminista e atuante nas CEBs, sendo que já havíamos analisado suas entrevistas nas narrativas acadêmicas. Observamos a repetição do discurso para relatar sua trajetória nos movimentos sociais. A técnica da Arteterapia trouxe uma versão diferente e nos possibilitou entender mais de suas origens como cidadã envolvida com as causas sociais e sua formação nos movimentos de base da Igreja Católica.

### 3.7 ANÁLISE DE ENUNCIÇÃO DAS NARRATIVAS DAS MULHERES

Como relata Minayo (2000) sobre a análise de enunciação:

Tal técnica influenciada da psicanálise lacaniana procura focalizar estruturas que podem esconder conflitos latentes, analisando jogos de palavras, chistes, lapsos e silêncios. Considera cada entrevista estudada em si mesma. Se tiver mais de uma entrevista o estudo é desenhado a partir de vários casos. Nela não há hipótese prévia para a análise dos enunciados (MINAYO,2000, p.78).

Para análises das duas entrevistas optamos, como citado, pela análise de enunciação.

1. Transcrições das narrativas palavra por palavra respeitando erros de português;
2. Eliminação das repetições e de pequenos erros (com a manutenção de alguns erros para que a essência e a originalidade das histórias não fossem perdidas);
3. Leitura flutuante de todo o texto, demarcação do que consideramos relevante para nossa pesquisa e;
4. Análise das entrevistas e desenhos.

Para pesquisar a história da mulher no movimento operário em Volta Redonda nas narrativas acadêmicas do presente estudo, buscamos trabalhos nas bases de dados Google acadêmico, periódicos da Capes e bibliotecas.

Encontramos em nossa pesquisa nove documentos que categorizamos como narrativas acadêmicas, construídas por universidades do estado do Rio de Janeiro. Utilizamos o *software* específico para pesquisas com abordagem qualitativa MAXQDA; como tínhamos uma grande quantidade de dados para categorizar, essa ferramenta nos auxiliou, transformando os dados brutos em dados analisáveis. Após a categorização dos dados elencamos as categorias que mais se destacaram. Tendo sido gerados em uma tabela Excel e em uma nuvem de palavras,

esses gráficos – assim como o quadro dos documentos consultados – estão descritos, analisados e discutidos na seção 4: Resultados e Discussão.

Para a análise dos desenhos realizamos a leitura simbólica tendo como referência a hermenêutica de Carl Gustav Jung.

A hermenêutica pautada pelo método dialético proposto por Jung (1934a/1991a) “expressa, antes e acima de tudo, uma situação psíquica criada pelo diálogo entre um determinado observador e certo número de . . . observados. (VEICHI, 2018, p 25).

Segundo Veichi (2018), o diálogo construído na hermenêutica junguiana para leitura simbólica ocorre em quatro etapas: A primeira delas consiste na observação do material a ser lido sendo necessário encontrar de forma receptiva com o material; a segunda refere ao processo em que o leitor deixa penetrar as características desse objeto para que ele se “engravidar”; na terceira etapa o leitor confronta com as possibilidades que surgem desse processo hermenêutico; na quarta etapa, o leitor constrói o diálogo com o objeto realizando a amplificação, que é o processo de estabelecer analogias entre o símbolo em estudo e outros que mantenham com ele alguma relação significativa e que, portanto, possam elucidá-lo.

A amplificação permite a busca do diferente, mas também do simultâneo, isto é, traz a possibilidade de uma visão que singulariza o símbolo, mas que procura as suas relações com fenômenos mais amplos registrados na história atual ou progressa do humano (Samuel, 1993). Nesse sentido, compreender consiste em uma relação circular e espiral entre o todo e as partes, entre o que é conhecido e o que é desconhecido, entre o fenômeno e o contexto em que está inserido, entre o que conhece e aquilo que é conhecido (VEICHI, 2018 *apud* REASON & ROWAN, 1981).

Ao que se refere ao discurso e o iconográfico como material empírico na hermenêutica de Carl Gustav Jung, Veichi (2018) nos revela que há dois tipos de símbolos psíquicos para experiência psicológica. Estes símbolos são distinguidos pelo processamento e registro que possuem. O autor refere ao símbolo iconográfico e o linguístico, ou seja, a imagem e o discurso (escrito ou verbal).

Quando comparado ao discurso, o material iconográfico pode ser visto como. uma importante forma de expressão simbólica que difere da verbal, pois dotada de processos mais involuntários. A expressão gráfica por meio de imagens, como o desenho possibilita à experiência aparecer por meio de um registro que em sua produção, se comparada à do símbolo-discurso, tem diferente nível de participação voluntária do sujeito e do contexto social (VEICHI, 2018 *apud* JUNG, 1991).



## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 SISTEMATIZAÇÃO DAS NARRATIVAS

As narrativas foram analisadas tendo como critério a pesquisa documental e a pesquisa de campo, como categorizadas no quadro abaixo:

NARRATIVAS	ORIGEM	MATERIAL
Narrativa das Mulheres Pesquisa de Campo	Vivência de Arteterapia – Pesquisa Baseada em Artes	Decodificação dos Desenhos – gravação em vídeo das entrevistas Construção do Curtíssima Metragem
Narrativa Política	Prefeitura de Volta Redonda	Livro “Mulheres de Volta Redonda
Narrativa Audiovisual	Documentários Fotos do acervo da CSN	Fotografias, vídeos e documentários
Narrativa Acadêmica	História Social, Serviço Social e Administração Pública	Teses, Dissertações e Monografias

**Quadro 02** – Narrativas da Pesquisa.

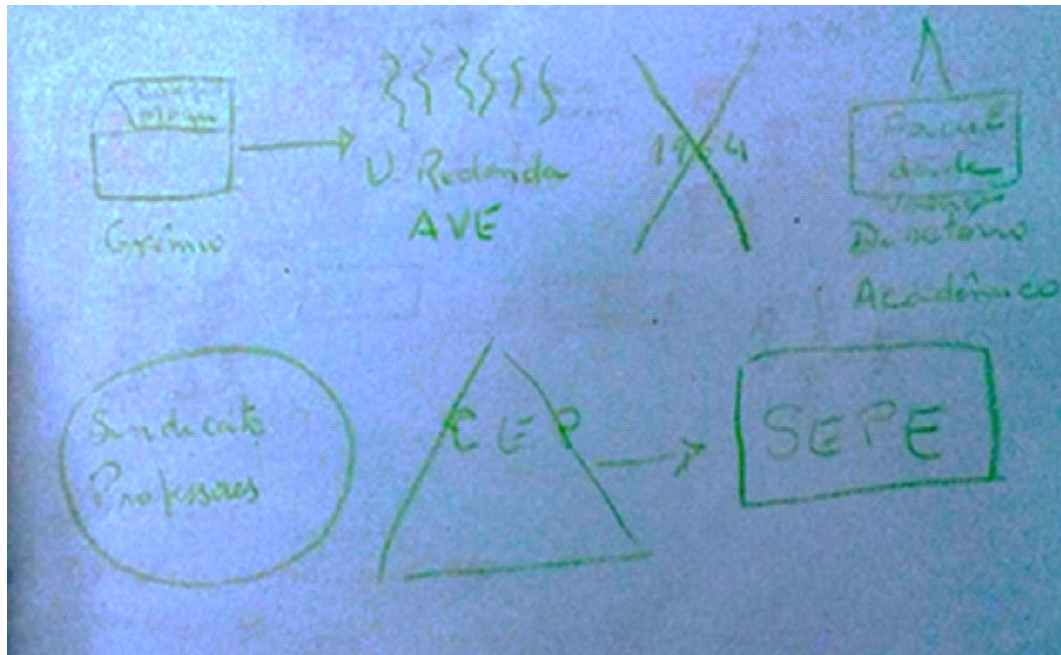
*Fonte:* Coleta de dados do presente estudo.

### 4.2 NARRATIVA DAS MULHERES: PESQUISA DE CAMPO

O resultado da vivência de Arteterapia nos possibilitou, por meio da abordagem de CienciArte, analisar elementos contidos nos desenhos realizados pelas participantes. Registramos este momento em vídeo e nos foi possível observar todo o processo mais de uma vez, refletindo sobre a densidade de informações que esse registro permite. No entanto, nos restringimos aqui à análise das representações das participantes por meio de seus desenhos, ou seja, como elas expressaram em desenhos sua trajetória de vida.

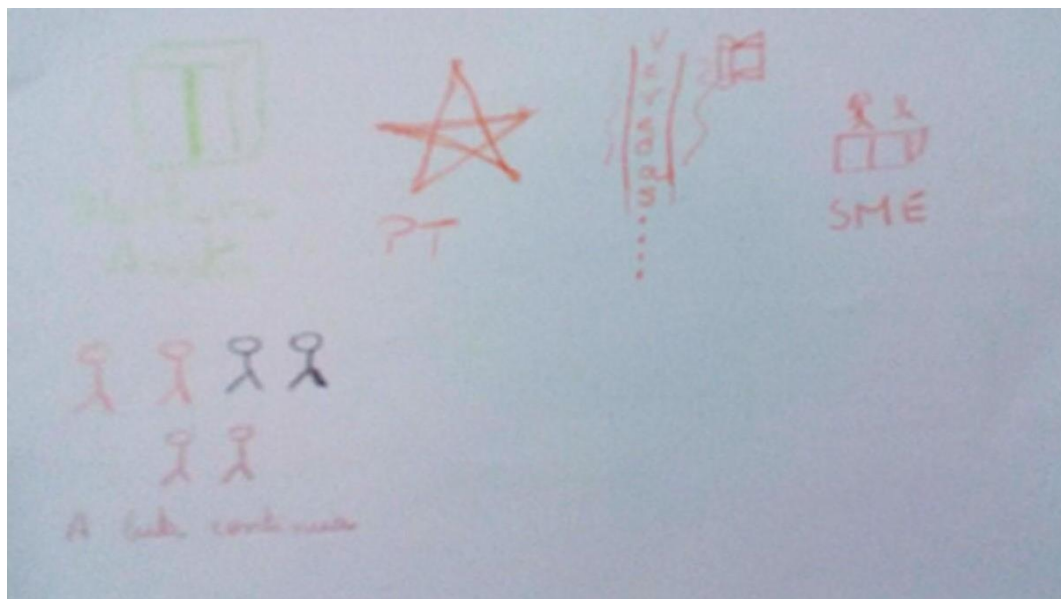
#### - Participante Solange Whehaibe:

A participante apresenta sua história através das instituições e eventos: Grêmio Estudantil, Volta Redonda, Usina CSN, Golpe 64, Faculdade, Diretório Acadêmico, AVE (Associação Volta-redondense de Escritores), Sindicato dos Professores, CEP e SEPE (Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação). Também relata por desenhos: estrela do PT (Partido dos Trabalhadores), livreria Veredas, SME (Secretaria Municipal de Educação), povo com o slogan “a luta continua”.



**Figura 13** – Desenho 1, Linha da Vida da Participante 1.

*Fonte:* Produção da Atividade de Arteterapia.

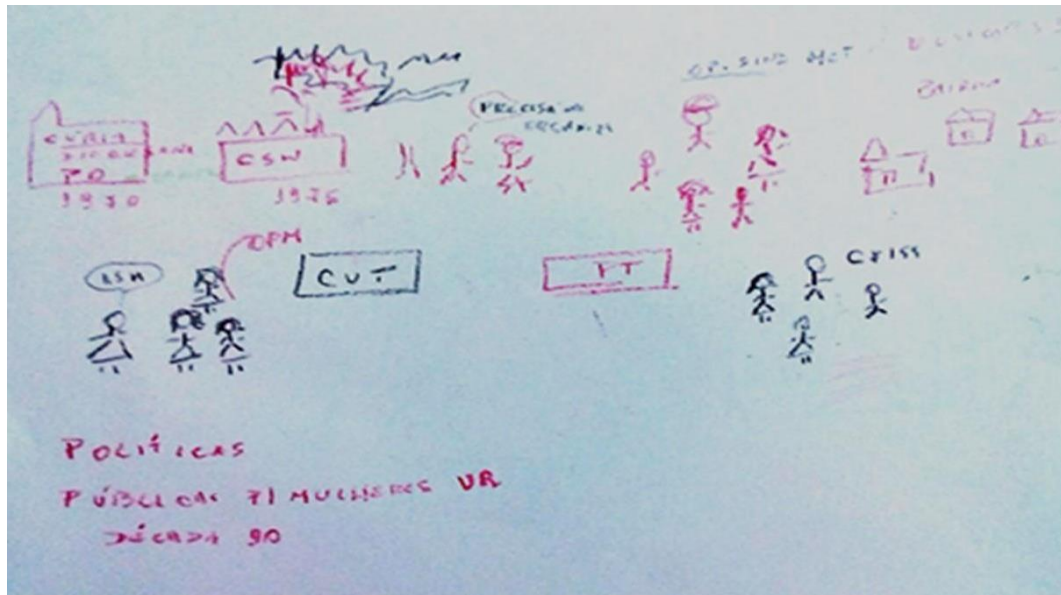


**Figura 14** – Desenho 2, Linha da Vida da Participante 1.

*Fonte:* Produção da Atividade de Arteterapia.

#### **- Participante Conceição Santos:**

A participante apresenta sua história iniciando na Cúria Diocesana, CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), pessoas, periferia de Barra do Pirá (bairro Califórnia), mulheres na OPM (Organização Popular de Mulheres), CUT, PT, pessoas nas CEBs e Políticas Públicas para mulheres.



**Figura 15** – Desenho 1, Linha da Vida da Participante 2.  
*Fonte:* Produção da Atividade de Arteterapia.

#### 4.3 ANÁLISE DOS DESENHOS DA LINHA DA VIDA NA ABORDAGEM CIENCIARTE

Com a construção dos desenhos da linha da vida realizados pelas participantes, iniciamos o processo de análise com base nas categorias cognitivas propostas por Robert e Michèle Root–Bernstein. As categorias: Observar e registrar – Observamos as imagens produzidas pelas participantes quadro a quadro, atentamente, e registramos o que víamos, esta decodificação tendo resultado na leitura destas imagens, nas Tabela 01 e 02.

No processo criativo da construção do vídeo de divulgação da pesquisa evocamos as imagens produzidas na narrativa da participante 02, que abstraímos e representamos em imagem nos desenhos como descrito e apresentados no item 4.4.2 Popularização da pesquisa por meio do audiovisual, Figura 25.

Outras categorias cognitivas como estabelecer analogias e sintetizar foram utilizadas no processo criativo desta pesquisa. Entendendo que, embora possamos identificar teoricamente as etapas de uma pesquisa em CienciArte, com base nas categorias cognitivas propostas por Robert e Michèle Root Bernstein, na prática essas etapas se sobrepõem. Assim realizamos a divisão das imagens quadro a quadro, observando atentamente cada registro imagético e o significado dado pelas participantes. Em seguida construímos as tabelas 01 e 02, aludindo à ordem que as entrevistadas apresentaram suas imagens. O resultado da leitura das imagens foi incorporado como parte da análise de conteúdo das narrativas das mulheres. Essa análise foi contextualizada com base na fala das participantes ao relatarem suas histórias simbolizadas nas imagens produzidas e com base na teoria psicológica analítica de Carl

Gustav Jung. Em seus estudos Jung nos orienta que o discurso é uma das vias de expressão simbólica que revela experiência e percepção subjetivas, no entanto desenhando-os, pintando-os ou modelando-os. Muitas vezes as mãos sabem resolver enigmas que o intelecto em vão lutou por compreender (VEICHI, 2018, p 27).

**Análise dos Desenhos participante 01 na abordagem CienciArte/Arteterapia.**




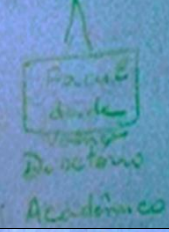
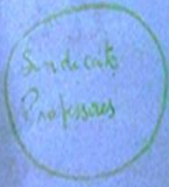
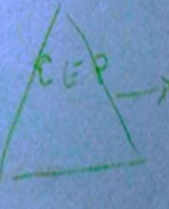
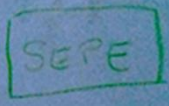

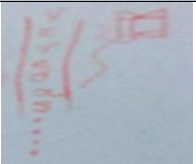
<b>Imagem</b>	<b>Categorias Cognitivas</b>	<b>Símbolo e sentido dado pela participante.</b>	<b>Amplificação</b>
	Observar Estabelecer Analogia	Casa – Grêmio Estudantil	Desenho esquemático da casa referindo-se ao sentimento de pertencimento e acolhimento da participante.
	Observar Estabelecer Analogia	Fumaça – Volta Redonda – Associação Volta-redondense de Escritores.	A fumaça aludindo à cidade e à CSN.
	Observar Estabelecer Analogia	Placa de proibido – Golpe de 1964	A marca da interdição revelando o desejo de excluir a ditadura
	Observar Estabelecer Analogia	Placa pendurada- Diretório Acadêmico Universidade	A placa pendurada revela algo sobre cuja história a participante se orgulha.
	Observar Estabelecer Analogia	Círculo – Pertencimento aos sindicatos dos professores.	O círculo revela um momento em que a participante se sentia em uma relação sem hierarquia.
	Observar Reconhecer Padrões	Triângulo – participação no CEP	A forma triangular revela o sentido de hierarquização no CEP.
	Observar Reconhecer Padrões Estabelecer Analogias	Retângulo – criação do Sindicato	Os quatro cantos do retângulo representando o território de atuação do SEPE.

Imagem	Categorias Cognitivas	Símbolo e sentido dado pela participante.	Amplificação
	Observar Reconhecer Padrões	Quadrado – Abertura Anistia	O quadrado, o cubo, a caixa simbolizando a chegada da anistia.
	Observar Reconhecer Padrões	Estrela – filiação ao Partido dos Trabalhadores	A estrela como símbolo de pertencimento, identidade de grupo.
	Observar Estabelecer Analogias	Flâmula – Livraria criada pela participante	Flâmula, estandarte, bandeira – representação de identidade.
	Observar Estabelecer Analogia	Recinto – Secretaria Municipal de Educação	Pessoa acima da estrutura, lugar de poder.
	Observar Reconhecer Padrões	Pessoas – Trabalhadores “A luta continua!”	Imagem esquemática de pessoas sem braços, revelando a impotência contrastando com o slogan “A luta Continua!”.

**Tabela 01** – Imagens da pesquisa de campo participante 01

*Fonte:* Coleta de dados do presente estudo.

**Análise dos Desenhos participante 02 na abordagem CienciArte/ Arteterapia.**

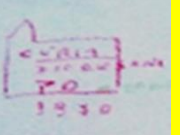
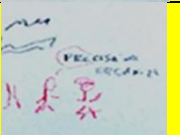

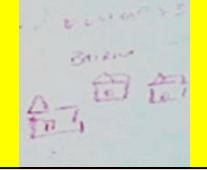
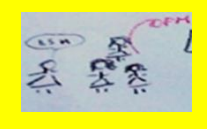
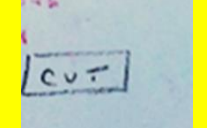
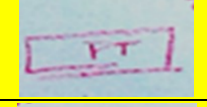
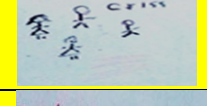
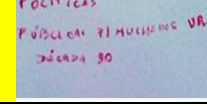
Imagem	Categorias Cognitivas	Símbolo e sentido dado pela participante	Amplificação
	Observar Estabelecer Analogia	Igreja – Cúria diocesana	A imagem esquemática da igreja, a matriz lugar de base, origem.
	Observar Estabelecer Analogia	Empresa– Trabalho na CSN	Imagem esquemática da empresa local de onde saem pessoas
	Observar Reconhecer Padrões	Pessoas -	Imagens esquemáticas de mulheres dizendo que precisam se organizar.
	Observar Reconhecer Padrões	Pessoas – Grupo	Imagens de pessoas em círculo, movimento Oposição Metalúrgica.

Imagem	Categorias Cognitivas	Símbolo e sentido dado pela participante	Amplificação
	Observar Reconhecer Padrões	Cidade – Comunidade, trabalho social	Figuras esquematizadas de casas, comunidade.
	Observar Reconhecer Padrões	Pessoas – Grupo Organização Popular de Mulheres	Mulheres da Organização Popular de Mulheres reunidas – imagens em movimento.
	Observar Reconhecer Padrões	Retângulo – Central Única dos Trabalhadores	A placa ou etiqueta de algo que está classificado.
	Observar Reconhecer Padrões	Retângulo – Partido dos Trabalhadores	Placa ou etiqueta com as linhas de base rompidas.
	Observar Reconhecer Padrões	Pessoas – Grupo	Imagem esquemática de mulheres em movimento – OPM.
	Observar Reconhecer Padrões	Escrita - Políticas Públicas para as Mulheres	Palavra de ordem.

**Tabela 02** – Imagens da pesquisa de campo participante 02

*Fonte:* Coleta de dados do presente estudo.

### Estudo de caso – Participante 01

Após a vivência de Arteterapia na construção dos desenhos da linha da vida, analisamos a entrevista da convidada, que revela em sua fala um contexto de formação no ensino formal, tendo chegado a Volta Redonda após ter concluído o então Ensino Ginásial em um colégio interno. Pertencente à classe média, se reconhece na etnia branca; atualmente com a idade de 70 anos, nos revelou que iniciou sua participação política no grêmio estudantil, local de vivência de sua adolescência. Ao chegar a Volta Redonda, continuou seu caminho de pertencimento a espaços culturais. Após o Golpe de 1964, vivenciou a repressão e a destruição de documentos do espaço cultural a que pertencia. Para iniciar a formação universitária mudou-se para Valença, seguindo seu pertencimento aos espaços estudantis como parte do diretório acadêmico, local onde vivenciou a promoção de eventos culturais entendendo que estava se posicionando contra o regime político vigente.

“(…) Aqui não tinha faculdade, não tinha como sair daqui (Volta Redonda). Até que abriu faculdade em Valença, quando foram criadas as fundações. Eu fui para Valença estudar, fazer matemática lá. Vamos para o diretório! No diretório acadêmico, promovendo também as coisas. Aí tivemos a ousadia de

levar a peça do Plínio Marcos: “Dois Perdidos Numa Noite Suja”, com os atores mesmo! E foi muito bom! E, como eu penso, não fui preta (ato falho, a participante queria dizer “presa”) não sei por quê.”

Na vida adulta entra na militância sindical, revelando as dificuldades de estar em um momento histórico onde os sindicatos não estavam atuando de forma crítica.

*(...) Aí, daqui (Volta Redonda) dando aula, assembleia e reuniões e tal, foi criado o sindicato dos professores. Fiz parte da diretoria também e fui uma das fundadoras do sindicato. Esse sindicato, na época, eu acho que até por medo dos diretores, não tinha uma militância ativa, era burocrático. Ia para aquelas reuniões no Brasil inteiro, mas eram coisas, não construíam uma consciência na categoria.”*

Observamos que a narrativa da participante 01 revela sua militância e seu esforço por reconhecimento, ficando claro que se orgulha de sua história.

*(...) Aí vivemos muitas coisas: fui secretária regional dessas cidades que tinham um movimento. Piraí tinha um movimento, eu ia para lá. Barra do Piraí tinha movimento. Eu ia para lá. Uma vez eu vim sozinha de Paracambi de noite. Depois de ter participado de uma reunião em Paracambi, eu vim para casa. Então, foi uma militância bem forte, bem significativa também. Você fazia, despertava consciência nos professores! O movimento do Sindicato foi muito bom! Aí, o Sindicato é Pouco né? Aí, vamos para o partido político. Aí, eu fui para o PT (Partido dos Trabalhadores) após a abertura e estou até hoje. Junto com isso eu tive a ideia de abrir uma livraria.*

A participante 01 desempenhou um protagonismo cultural na cidade de Volta redonda, embora a princípio não o tenha identificado como parte da militância política, a seguir, diz que esse se tornou um espaço plural que, além de promover eventos e cultura em geral, não deixava de também abrigar a militância, mostrando uma contradição. No entanto, não debatemos sobre isso no momento da entrevista. Observamos, porém, que embora sua participação política tenha sido efetiva, apresenta a necessidade de reconhecimento e legitimação de sua militância.

*(...)Não faço a ligação com a militância, mas ela se tornou um espaço da militância, espaço da cultura, espaço de eventos. As pessoas sentavam no chão para discutir Movimento Negro, começamos a trazer escritores, tanto como Lélia Gonzalez, aquela... Neusa (Santos Souza) do “Tornar-se Negro”, José Louzeiro, foi o primeiro escritor que veio aqui. Trouxemos Carlos Eduardo Novaes, Palestra com Luiz Carlos Prestes, Darci Ribeiro...”*

A identificação entre as participantes se mostra através do ato falho apresentado: “não fui **preta** não sei por quê!”, quando queria dizer: “não fui **presa** não sei por quê!” revela a sua condição de igualdade e legitimidade como militante na fala: “Então, foi uma militância bem forte, bem significativa também”. A participante 01 expõe que, embora tenha promovido eventos culturais em sua livraria, não fazia ligação da livraria com a militância, mas ressalta que: “As pessoas sentavam no chão para discutir Movimento Negro”. A fala revela a sua indignação com o momento político presente. Fato que podemos constatar na imagem de pessoas representada na sua linha da vida. Pessoas sem braços, revelando possivelmente incapacidade de realizar.

*“(...) E a gente está aí! Continua a luta, não dá pra parar! O retrocesso é muito grande! Acho que Volta Redonda andou bastante para trás, com todas essas conquistas que tiveram aqui, o poder público, na minha avaliação, nunca participou e gostou dessas coisas.”*

Observamos nas palavras das participantes a necessidade de resgate de uma educação emancipatória, como deixamos claro no caso a seguir.

### **Estudo de Caso Participante 02**

A análise da entrevista seguida da atividade de Arteterapia nos revelou o engajamento da participante 02 e sua fidelidade às suas bases de formação. A palavra militância aparece em ambas as entrevistas, mas na atitude da participante 02 é legitimada, evidenciando o protagonismo da OPM, não necessitando de apropriação deste espaço, revelando isso simbolicamente no espaço da folha A4. Sua participação comunitária aparece em sua expressão através de seus desenhos aglutinados e com movimentação, repletos de pessoas denotando ação.

Observamos que, embora sua fala revele sua base de formação em um Colégio tradicional da cidade, seu desenho toma como ponto de partida a Cúria Diocesana.

*“(...) comecei como aluna do Colégio Nossa Senhora do Rosário. Meus pais são sergipanos, vieram para Volta Redonda para construção da CSN e colocaram os filhos para estudar. Sempre pensando no melhor para os filhos. Eu estudava no Colégio Nossa Senhora do Rosário, que é um colégio considerado tradicional da cidade. Mas para mim ele trouxe essa inspiração. (É) que lá no Rosário, nós trabalhávamos lá e aí fui ser catequista. Catequista lá na Califórnia, um bairro de periferia, limítrofe*



*aqui da cidade. E nesse colégio, nessa, já lá como catequista, eu percebi uma situação muito diferente da situação que eu era acostumada.”*

A participante, filha de imigrante, pais sergipanos, atualmente com 72 anos, se reconhece na etnia negra; residente em um bairro central de Volta Redonda, revela sua indignação ao se deparar com a realidade de outro distrito da cidade. Sua consciência foi despertada para as desigualdades do país, ao entender que Volta Redonda estava inserida em um modelo *company town*, ou seja, a cidade operária, onde havia uma infraestrutura que possibilitava aos moradores ter serviços essenciais como saneamento básico e um padrão socioeconômico que contrastava com o dos outros municípios.

*“Eu morava no Bairro Aterrado (refere-se ao Bairro Central de Volta Redonda em contraste com a realidade da periferia), e era uma situação muito difícil daquelas crianças. Esgoto a céu aberto, uma pobreza extrema!”*

As ações no âmbito da Igreja Católica iniciaram sua participação política, o que fica evidente em sua narrativa com repetições de sua participação na pastoral operária. Nesse espaço de pertencimento foram gestadas várias ações, coadunadas com as imagens de sua linha da vida, onde desenhou a igreja, simbolizando o acolhimento e a nutrição da alma.

*“Comecei na igreja católica através da pastoral operária da minha comunidade que é a Nossa Senhora das Graças. Ali, trabalhando mais com os movimentos sociais, começando a trabalhar com a Pastoral Social e percebendo essa situação toda, de diferença, de discriminação na sociedade, dificuldade dos trabalhadores, e me engajei na pastoral operária. Engajei-me na pastoral operária, que era um movimento que tinha, da igreja católica da diocese Barra do Piraí, Volta Redonda, e ali já tinha também uma comissão de direitos humanos. Então se achava assim: se articulando todos esses movimentos da diocese e na pastoral operária, que é onde nós trabalhávamos mesmo, mais diretamente vinculado à luta dos trabalhadores, não só da CSN, mas também nas outras categorias: construção civil, comerciários, domésticas... E dentro da pastoral operária nós conseguimos, começamos a perceber um pouco essa situação, naquela época da década de 1970, essa situação da carestia, inflação que era muito alta... E foi criado ali um movimento contra a carestia: o movimento da pastoral operária.”*

As lutas por direitos possibilitaram a mobilização nas comunidades com o surgimento da OPM – Organização Pastoral de Mulheres – a fala da participante fica reticente ao revelar que a OPM acabou, em seguida a uma afirmação de que a OPM foi retirada da Pastoral Operária. Evidenciando com essa afirmação o sentimento de indignação.

*“Trabalhando com isso, tinha muitas mulheres na pastoral operária e aí começaram a fazer pesquisas nos mercados: pesquisa de preços, pesagem do gás... e começamos a divulgar e a fazer uma divulgação disso para as comunidades, mais para igreja e também para as comunidades, fazendo atas, boletins, panfletos, e distribuindo nas cidades. Então ali começamos esse movimento com muitas mulheres participando. E dali, da pastoral operária, surgiu a Organização Pastoral de Mulheres, que nós criamos e que acabou... Ela foi retirada... Ela nasceu dentro da Pastoral Operária a partir da percepção também, que tinha...”*

A militância em defesa dos direitos das mulheres e a organização do movimento revela que a Organização Pastoral de Mulheres sai da Pastoral operária para se transformar em OPM, Organização Popular de Mulheres, atendendo aos direitos específicos das mulheres. A mudança da Organização para se estruturar com outro nome fora da diocese deixa subentendido um conflito entre os objetivos da Pastoral Operária e os interesses da luta das mulheres por direitos, construindo para o movimento uma possibilidade de ampliar a luta por direitos específicos das mulheres.

*“(...) a mulher tinha alguns problemas específicos e um dos maiores problemas era a violência e a falta de acesso à saúde. E criamos esse movimento, essa Organização Popular de Mulheres ali, com a participação grande de muitas mulheres! Fizemos, com esse movimento contra a carestia, as primeiras passeatas. Uma das passeatas maiores que tivemos em Volta Redonda: a Passeata contra a Carestia, que foi muito interessante, tendo assim a Passeata da Panela Vazia! Esse trabalho todo sendo feito a partir da igreja, com o movimento de mulheres nascendo dali. A organização de mulheres nascendo dali.*

A participação no movimento operário iniciou com a entrada da participante 02 na CSN. Nesse contexto narrativo pontua sua fala por risos, que sugerem satisfação e por vezes transgressão, na vinculação do movimento da Oposição Sindical Metalúrgica com o trabalho da diocese.

*“Estava também participando desse Movimento, dessa Oposição Sindical Metalúrgica e acabava vinculando o trabalho, que era também da diocese, trabalho com mulheres (risos), militando com Mulher também na Oposição Sindical Metalúrgica.”*

A participante revela a força da mulher nas passeatas, protegendo os homens da polícia. Novamente pontua sua fala com risos, mostrando que nos idos de 1980, ainda havia

uma distinção relativa ao gênero: as mulheres não eram agredidas nas passeatas, no âmbito público.

*“(...) E assim, um momento que me chamou muito atenção e que até hoje me fala muito disso, que é a história do saudosismo (riso contido). Mas que nós mulheres... a polícia, quando chegava para agredir os trabalhadores, para que eles não fossem agredidos, durante toda aquela passeata que saiu da CSN, daqui da Vila Santa Cecília até a praça da prefeitura e a polícia chegando, as mulheres fizeram um grande corredor no entorno, ao lado dos trabalhadores, como uma forma de proteção. Naquela época as polícias não batiam em mulheres (risos), então, hoje mudou. Mas naquela época não. Então era aquele grande corredor, os trabalhadores no meio e as mulheres enfileiradas ao lado. Esse era um momento muito importante, um momento muito rico para nós. Acho que foi um dos grandes momentos que tivemos na cidade(...)”*

A participante se orgulha de sua trajetória no protagonismo junto a outras companheiras. Reforça a participação na Oposição Metalúrgica e a reconquista do Sindicato que estava no domínio do patronato e o surgimento do Novo sindicalismo.

*“(...) Na época, eu era a única mulher, depois surgiu mais uma que era nossa companheira Dodora, que também trabalhava na CSN, participando mais ativamente. Tinha outras também que participavam de uma forma mais afastada. Mas tinham duas que também participavam: a Leila, que estava participando também conosco das reuniões e dentro da oposição sindical metalúrgica... Essa foi a grande conquista que nós tivemos com relação ao Sindicato dos Metalúrgicos, que estava na mão dos pelegos da época em 1983. Na eleição para a presidência do Sindicato, já disputando, foram cinco chapas naquela época.”*

No fragmento a seguir, ao iniciar a frase na terceira pessoa do plural com um lapso, nos sugere a internalização do coletivo. Em seguida retorna para a primeira pessoa do singular, retomando ao lugar de fala como única mulher a compor a chapa e ter participado da junta governativa, marcando o lugar da mulher na historiografia da luta sindical. Talvez seja a consciência da sua representatividade como mulher em um ambiente predominantemente masculino que a fez iniciar a frase na terceira pessoa do plural.

*“Nós... Participei de uma chapa que estava encabeçada pelo José Emídio e tinha a chapa que era do Juarez Antunes, que foi constituída a grande liderança do movimento Sindical de Volta Redonda. E em 1983, nessas eleições, o Juarez foi eleito e não pôde tomar posse. Teve um problema, que foi detectado, de fraude, uma série de coisas... E aí, o Juarez, foi constatado que ele tinha sido eleito, mas impedido de tomar posse. E nisso, criaram uma junta governativa que ficaria na condução do Sindicato, até que essa situação fosse resolvida, e que o presidente pudesse tomar posse, ou através*

*de uma eleição ou o próprio Juarez mesmo que pudesse tomar posse sem eleição, que ele pudesse tomar posse! E nessa junta governativa, eu fui indicada pela chapa vencedora que foi a chapa do Juarez, para fazer parte dessa chapa governativa. Fui a única mulher participando e ainda fiquei nessa junta governativa, esse trabalho voltado para a participação das mulheres no sindicato! Era um momento que tinha poucas mulheres trabalhando, que se envolviam no movimento sindical.”*

A mobilização das operárias classificadoras de folha de flandres da CSN se tornou um grande desafio, devido à falta de consciência política. A narradora revela que o trabalho voltado para as mulheres dentro das comunidades no movimento da Pastoral Operária construiu uma consciência crítica capaz de produzir diferenças entre as militantes dos movimentos de base e as mulheres operárias. Essas últimas estavam resistentes às ações do sindicato, temendo perder seus empregos.

*“(...) No movimento popular da cidade, tinha um grande departamento de mulheres na CSN que eram Chamadas Vira Latas, mas com o pouco envolvimento político dessas mulheres era mais difícil. Mas nós tínhamos algumas mulheres e começamos a trabalhar mais voltadas com as mulheres dos operários, com as mulheres dos trabalhadores. E aí fazíamos as assembleias nos bairros. O movimento sindical naquela época, em 1983, e já iniciamos esse trabalho, na oposição sindical metalúrgica. E nós trabalhávamos nos bairros, não só dentro da sede do sindicato, mas trabalhando com os movimentos organizados na cidade, fazendo assembleias, reuniões e, nisso também, participando, trabalhando com as mulheres dos trabalhadores.”*

A Organização de Mulheres se mobilizou nos piquetes, preparando refeições para manter a greve de ocupação ocorrida em 1984. A fala da participante revela terem contribuído na mobilização das mulheres dos operários, que se tornaram multiplicadoras da educação popular realizada por elas. Essa ação possibilitou aos operários construir uma consciência crítica. Assim, evidencia que a participação da mulher no movimento operário vai além de um apoio logístico, de proteção e cuidado para que os homens alcançassem êxito nessa greve de ocupação. A capacidade de organização dos movimentos sociais no Brasil nesse contexto histórico foi intensa, porém não há registro de um município que tenha conseguido mobilizar 22 mil famílias operárias e outros setores populares, frutos de uma educação crítica orquestrada pelo movimento de mulheres com o apoio da igreja católica.

*A organização popular de mulheres acabou assumindo também essa organização de mulheres. Depois dessa eleição, de 1983, foi quando tivemos, como a participante 01 já citou, a grande greve de Volta Redonda que foi a greve de 1984, com um grande envolvimento das q da cidade. Foi*

*uma greve de ocupação, uma greve onde as mulheres também participavam na porta da CSN nos Piquetes e, depois, durante a greve. Sendo uma greve de ocupação, a CSN cortou a alimentação e aí as mulheres se reuniram em algumas comunidades no entorno da CSN: Conforto, Nossa senhora das Graças e Retiro. Fazendo, criando ali grandes refeitórios, fazendo a alimentação que se fornecia dentro da CSN para dar sustentação, para que eles não desistissem da luta, não saíssem da CSN por falta de alimentação. Então o Movimento de Mulheres teve esse papel que foi importante, naquele momento, para sustentação daquela greve.*

A narrativa segue e apresenta a conscientização da importância das mulheres na organização dos movimentos populares.

*Então, essa articulação, essa integração dos movimentos, foi fundamental para a organização dos trabalhadores, para a manutenção daquela greve 84. As mulheres, falando mais especificamente da organização das mulheres na cidade, naquela greve de 1984, depois que os trabalhadores desocuparam a empresa, tinha as grandes passeatas dos trabalhadores saindo. E depois, nessa organização, todas as outras greves, os movimentos de trabalhadores, não só da CSN, mas também dos professores do SEPE, as mulheres sempre estiveram presentes em uma organização importante. Então, acho que essa história que nós vivemos, ela foi muito rica na construção da consciência sindical popular, da consciência política na cidade de Volta Redonda!*

A representação do Bispo como principal mentor e apoiador dos movimentos populares é ressaltada.

*E essa consciência, essa organização, nós devemos ao Dom Waldyr Calheiros de Novaes, bispo da cidade. Um grande incentivador, uma pessoa que veio para cá, para a diocese, em 1966. E ele foi fundamental nessa organização. Na organização da igreja, na organização dos trabalhadores...*

As ações voltadas para as políticas públicas revelam que a narrativa da história da mulher em Volta Redonda em movimentos sociais construiu uma representatividade e que, embora os desenhos realizados sugiram a linha da vida, essas mulheres mostraram-se como responsáveis para passar seus conhecimentos para outras pessoas, revelando identidades que transcendem suas histórias pessoais, tornando-se coletivas.

*Na época da Constituinte, Pró-Constituinte... também nos organizamos muito para isso, recolhendo assinaturas, discutindo quais eram nossas reivindicações para aquela constituinte, o que nós queríamos ver de fato na constituinte. Então, essa luta, mais voltada para a organização popular, para os conselhos de direitos, que, naquela época, para nós, era fundamental essa participação popular, importante! Então, naquela época*

*tivemos toda essa construção da luta, não só da cidade, mas também participamos da construção da organização, em nível de estado e nacional, como participamos da Constituição Federal! E foram várias pessoas à Brasília, levando as assinaturas que foram recolhidas aqui: homens, mulheres trabalhadoras de diversas categorias, então, fomos várias vezes à Brasília! Tivemos uma forte participação nessa organização social, nessa organização popular da cidade! Hoje, um pouco me... Hoje bem menor né? Nesse movimento, há uma perda muito grande nisso! Participamos da organização da Central Única dos Trabalhadores, do Partido dos Trabalhadores, como Solange já disse, na construção de um partido que, pensávamos que construir um partido, seria um partido de referência dos trabalhadores na construção de direitos, de salários iguais, para homens e mulheres.*

Representando simbolicamente o PT em seu desenho da linha da vida, a participante 02 desenhou um retângulo com a linha de base rompida revelando sua quebra de expectativa em relação à construção do partido e à construção de direitos a salários iguais para homens e mulheres.

Observamos que, a partir do período em questão, predominou a crise interna à Igreja Católica progressista e seu confronto com a ala conservadora com predominância desta última. Houve um enfraquecimento dos movimentos sociais ligados à igreja, tornando as Comunidades Eclesiais de Base menos politizadas. Somou-se a isso a proibição e punição de membros do clero progressista, com a condenação do Frei Leonardo Boff, afetando profundamente o papel da Igreja nas dinâmicas dos processos de conscientização popular. (GOHN, 1991).

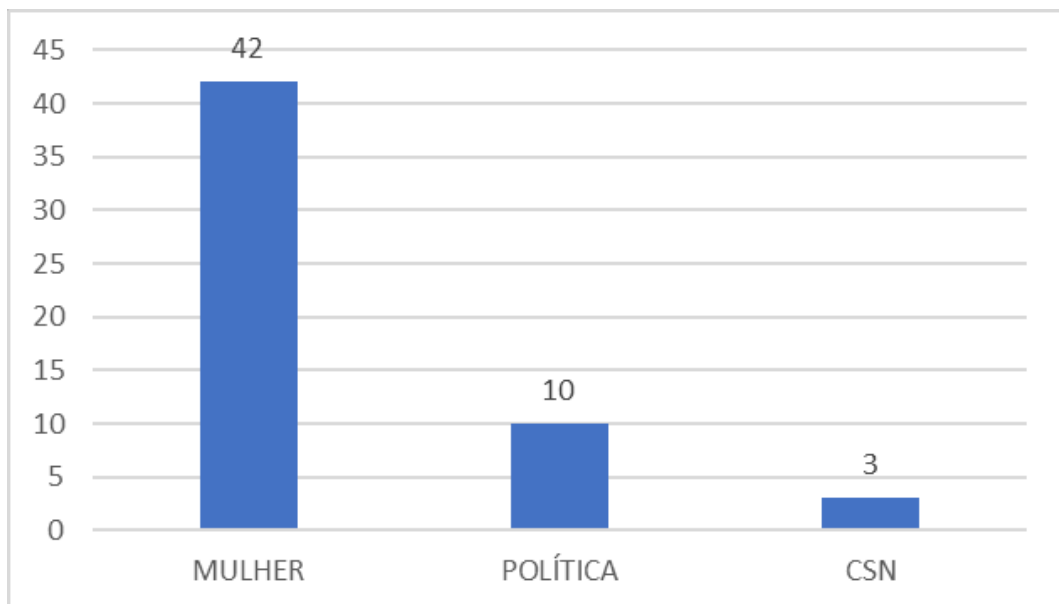
A seguir verificamos como as narrativas acima podem ser vistas como depoimentos que dialogam diretamente com os demais resultados da pesquisa que reunimos até aqui. Fica evidente ao observarmos os enunciados dos discursos de ambas as depoentes, o quanto elas se preocuparam em planejar, contribuir, elaborar, protagonizar e refletir sobre a conjuntura histórica de forma ativa e comprometida com a transformação da sociedade. Fica também evidente que há um protagonismo inegável da mulher nas diversas formas de organização da vida, da educação e das manifestações políticas da classe trabalhadora de Volta Redonda nesse período histórico. Passamos a discutir a seguir como outras narrativas refletem o papel da mulher nesse mesmo contexto.

#### 4.4 NARRATIVAS POLÍTICAS SOBRE AS MULHERES

Nas histórias de vida a seguir trazemos as narrativas que denominamos de Políticas, como já dito na metodologia, frutos do estudo de um documento publicado pela Prefeitura de Volta Redonda, intitulado “A trajetória de Mulheres Revolucionárias”, de Sérgio Vieira.

Construímos um gráfico para expressar os resultados obtidos segundo as categorias de análise escolhidas: mulher, política, CSN.

O gráfico abaixo indica a incidência das palavras-chaves que caracterizam as categorias de análise. Em seguida elaboramos um resumo das histórias de vida que constam nesse documento, destacando em **negrito** as ações pertinentes à participação política das mulheres.



**Gráfico 01** – Categorias de análise referentes à Narrativa Política, indicando o número de citações referente a cada categoria.

*Fonte:* Dados coletados para o presente estudo.

Vale ressaltar que nove dessas histórias referem-se à primeira geração de mulheres que vieram, algumas já casadas e com filhos, acompanhando seus maridos em busca de trabalho. Apenas uma destas 10 mulheres nasceu em Volta Redonda, e todas se destacaram na participação popular e comunitária.

Seguem-se os resumos dessas histórias em que destacamos **em negrito** a participação feminina nos movimentos sociais, bem como a construção e implantação das políticas públicas.

**HISTÓRIA 1** – História de Maria da Conceição Dias, nascida no Distrito de Miguel Burnier, município de Ouro Preto, MG (08/12/1931 – 03/12/1993). **Nos meados da década de 60**

vivenciou a fundação do GAM (Grupo de Atualização da Mulher), mulheres atuantes no debate sobre diversas situações do cumprimento das leis, pois já não se justificava mais uma postura passiva diante de tantas situações nas quais somente a **comunidade organizada poderia pressionar, passando a entender melhor a série de fatos gravíssimos que ocorriam à época, como: assassinatos, torturas e sequestros. Momento da história de Volta Redonda marcado por denúncias de assassinatos de crianças e adolescentes. As mães desesperadas procuravam a Cúria Diocesana** em busca de socorro. Maria da Conceição se envolvia na causa. O Brasil estava sob uma ditadura (VIEIRA, 2013, p.12,13).

**HISTÓRIA 2** – Glória Roussin Guedes Pinto, nascida em Nova Lima - MG, (25/06/1931 - 23/10/1986). Educadora e gestora educacional, foi uma mulher que contribuiu muito para a educação em Volta Redonda. Chegou a Volta Redonda em 1953, após seu casamento. **Foi secretária de educação do município de Volta Redonda; na política, considerada a pioneira, ao ingressar na política abriu as portas para outras mulheres nesse espaço de ação** (VIEIRA, 2013, p.14,15).

**HISTÓRIA 3** – Orsina Prado de Castro, nascida em Barbacena, MG. (24/01/1913 – 13/01/1999). Mudou-se para Volta Redonda em 1943 como relatamos na fundamentação deste trabalho. **Foi pioneira na preparação de profissionais que faziam concurso para entrar na CSN. Seu talento como poetisa contribuiu para que fosse também eleita vereadora. Foi protagonista na luta pela emancipação de Volta Redonda. Segundo afirmam, ela usava uma bicicleta, o que era considerado uma ousadia para mulheres naquela época. Deslocava-se pelo distrito, acessando pessoas para fazer uma mobilização dos cidadãos na participação da vida política, cadastrando os eleitores e colhendo assinaturas para o plebiscito de emancipação de Volta Redonda. Rompeu com padrões impostos às mulheres da década de 1950. Com sua atuação como vereadora lutou por leis na defesa dos Direitos Humanos, tornando-se personagem importante na cena política da recém-emancipada cidade de Volta Redonda** (VIEIRA, 2013, p.16,17).

**HISTÓRIA 4** – Lecy Fernandes de Souza, nascida no município de Além Paraíba, no distrito de Ilha dos Pombos (06/01/1937 – 05/05/2000). Chegou a Volta Redonda aos dezessete anos, casou-se e teve um filho; mesmo antes de se casar já trabalhava no comércio da cidade, sendo uma mulher independente – raridade naqueles tempos em que as mulheres viviam praticamente para as atividades do lar e raramente conseguiam escapar da opressão do



machismo. Trabalhou na prefeitura de Barra Mansa na secretaria de agricultura e posteriormente na Companhia Estanífera do Brasil. Iniciou a formação do que seria a sua futura base político-eleitoral junto aos trabalhadores daquela empresa. **Participou da criação do Partido Democrático Trabalhista PDT em Volta Redonda, depois se filiou ao PDC – Partido Democrático Cristão. Em 01 de fevereiro de 1983 foi eleita e empossada como uma das primeiras mulheres vereadoras e primeira Presidente da Câmara de Vereadores. Neste período em que atuou como vereadora havia muita instabilidade política em Volta Redonda, devido aos assassinatos de vereadores e morte prematura do ex-prefeito Juarez Antunes em um acidente automobilístico, assim como por causa das mortes de três metalúrgicos da CSN – Companhia Siderúrgica Nacional, por forças policiais do exército na greve de 1988 (VIEIRA, 2013, p.18,19).**

**HISTÓRIA 5** – Deiva Ramphini Rebello, nascida em Paraíba do Sul – RJ (1949 – 1997). Casou-se e teve dois filhos; a dona de casa e professora, no campo social e comunitário, atuou na paróquia de São José Operário no bairro Monte Castelo e Nossa Senhora das Graças no bairro São João. Naqueles tempos a maior parte da população não sabia a quem recorrer para ter seus direitos garantidos e respeitados. Nesse sentido, a atuação de Deiva e de outras mulheres foi de fundamental importância para que pouco a pouco a sociedade passasse a trilhar novos caminhos. **Trabalhou especialmente pela união das famílias em apoio aos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores da CSN- Companhia Siderúrgica Nacional, principalmente durante as greves. Organizou o movimento em âmbito local para a realização da XI Conferência Mundial da Mulher realizada em Beijing, na China, em 1995. Essa conferência foi responsável por tratar as pautas de importância da criação de políticas e programas em favor do papel fundamental desempenhado pelas mulheres nos processos sociais, econômicos e políticos, além da participação na administração do poder e do seu acesso à dependência econômica. Trabalhou na implantação, no sul fluminense, do que havia sido deliberado nessa Conferência. Militante na organização popular Mulheres de Volta Redonda, do grupo de mulheres no bairro Monte Castelo. Participou do Fórum Regional Sul Fluminense de prevenção e enfrentamento da violência contra a mulher e das discussões para implantação das políticas públicas estaduais em defesa das mulheres em Volta Redonda. Contribuiu para o “Programa Cidadania Feminina, Direito Universal e Prioridade Local”, e para a Convenção Fluminense, possibilitando ações para efetivar a cidadania da mulher, com a implantação em diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro do NIAM (Núcleo**

**Integrado de Atendimento à Mulher) em Barra Mansa e Resende. Participou na articulação e elaboração da Casa da Mulher Bertha Lutz em Volta Redonda e DEAM (Delegacia Especial de Atendimento à Mulher) e da Casa Abrigo (VIEIRA, 2013, p.20).**

**HISTÓRIA 6** – Etelvina Lacerda do Nascimento, nascida em Leopoldina – MG, (22/02/ 1948 - 2001). Chegou em Volta Redonda em 1973. **Atuou nas comunidades pastorais, na Pastoral Operária e na Comissão de Direitos Humanos. Liderança importante também do movimento contra a alta dos preços dos alimentos. Lideraram passeatas denunciando a exploração dos preços de gêneros alimentícios, a exemplo da passeata “Painéis Vazias” contra o custo de vida. Participou do movimento de posses de terras nas localidades de Três Poços, Padre Josimo, Pinheiral e no bairro Água Limpa. Foi fundadora da Organização Popular de Mulheres de Volta Redonda, atual Associação de Mulheres Beth Lobo (VIEIRA, 2013, p.22).**

**HISTÓRIA 7** – Irmã Assunção, nascida em Santander, na Espanha, (21/08/1918 – 2009), em Volta Redonda, chegou a Volta Redonda por volta de 1960. **Foi professora de Francês e de Ciências Naturais no Colégio Nossa Senhora do Rosário, nessa época o colégio era propriedade da CSN. Mas foi na periferia de Volta Redonda que Irmã Assunção trabalhou para a construção de uma escola profissionalizante que preparava os jovens para o mercado de trabalho. Aos finais de semana visitava algumas famílias no Bairro Vila Brasília, ministrando aulas de corte e costura para mulheres e formação humana para jovens e crianças. Em 1971 construiu a Associação Promocional Entre Nós. APEN, no Bairro Vila Brasília, buscando apoio de empresários e comerciantes para o funcionamento da escola. A APEN se tornou um centro de formação de mão de obra absorvida pela CSN (VIEIRA,2013, p.24).**

**HISTÓRIA 8** – Wanda Machado da Silva – nascida em Córrego da Prata RJ em outubro de 1937 e faleceu no dia 24 de janeiro de 2002, em Volta Redonda. **Atuou na pastoral carcerária. Foi homenageada na França por sua atuação em defesa dos Direitos Humanos (VIEIRA, 2013, p.26).**

**HISTÓRIA 9** – Paula Érica Rocha de Azevedo, nascida em Volta Redonda em 13 de julho de 1954, faleceu no dia 30 de junho de 2007, formou-se em medicina na FOA – Fundação Oswaldo Aranha, em 1978, e especializou-se na ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública.

Teve ampla participação no processo de democratização de Volta Redonda que, em 1985, ainda era considerada Área de Segurança Nacional. Essa participação ocorreu em vários movimentos organizados, entre eles, o **Movimento pela Constituinte e Movimento de Reforma Sanitária**, sendo esse último articulado com conteúdo políticos e acadêmicos necessários para garantir a mudança de paradigma para o Setor de Saúde do município. **A partir de 1986 atuou como assessora da Secretaria Municipal de Saúde para a implementação do SUS em 1990.** Em 1993, assumiu a chefia do Departamento de Desenvolvimento de Programas da Secretaria Municipal de Saúde onde **auxiliou na implantação do Programa de Saúde Mental com base na reforma psiquiátrica; reorganizou o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente; implantou o Núcleo de Assistência à Sexualidade e Fertilidade; reorganizou a Vigilância Epidemiológica, implantou o Programa de Saúde do Trabalhador; implantou o Programa de Hipertensão e Diabetes; implantou o Grupo de Trabalho de Homeopatia, garantindo acesso à homeopatia na Rede Pública; implantou o Centro de Saúde da Criança e Adolescente, VIVA VIDA; implantou a Fábrica Municipal de óculos para alunos da rede pública de ensino; integrou diferentes setores da Prefeitura para execução de políticas públicas para a Criança e Adolescente através do CRIAD; implantou o Programa de DST/ AIDS e criação do Centro de Doenças Infecto Contagiosas; a criação do Caderno Gerencial (ferramenta gerencial) para aplicação nas Unidades de Atenção Básica, e a qualificação dos profissionais de Saúde junto à Escola Nacional de Saúde Pública. Em 1997 foi Secretária Municipal de Saúde.** (VIEIRA, 2013, p.28).

**HISTÓRIA 10** – Maria Perpétua Bragança, nascida em Nova Era – MG (13/09/28 – 18/03/09). Atuou na **Comunidade Santo Antônio no bairro Niterói e depois na Comunidade São Sebastião no bairro Retiro. Participou da Cruzada Eucarística, que se tratava de um Projeto Social de resgate de jovens. Criou no bairro Retiro a Pastoral Carcerária, a Pastoral da Saúde, o Movimento pela Ética na Política (MEP) e o Grupo de Base e Reflexão do Evangelho que atuava objetivando aproximar o Evangelho do dia a dia das pessoas. Cursou o Normal, Pedagogia e Teologia, participou ativamente da luta pela posse da terra em localidades como os bairros Padre Josimo, Três Poços e Vila Brasília, auxiliando inúmeras famílias a terem acesso ao lote de terra. Em 2005 escreveu um livro sobre o Jubileu de Ouro da Comunidade Eclesial de Base São Sebastião com o intuito de registrar essa história** (VIEIRA, 2013, p.30).

Ao analisar esta narrativa política, observamos que se trata de histórias de vida. Kim (2015) nos orienta que analisar uma história de vida nos possibilita um estudo detalhado de como o sujeito desempenha vários papéis na sociedade. Observamos que nessa primeira geração de mulheres, algumas estiveram ligadas aos movimentos sociais, envolvidas por transformações ocorridas nos grupos de educação popular nas Comunidades Eclesiais de Base. No entanto, aqui não estamos trabalhando com a perspectiva das mulheres e sim de outro que se apresenta como relator dessas histórias. Ao contrário da narrativa das próprias mulheres, a narrativa política nos apresenta um olhar bibliográfico com lacunas que para este estudo não se tornam um obstáculo. Porém, foi necessário escolher uma perspectiva de análise para contemplar nossa pesquisa. Mills (1959) nos revela que as narrativas de histórias de vida se desenvolvem simultaneamente em alguns níveis, como o histórico, o social e o pessoal. Portanto, precisamos prestar atenção aos vários níveis em que a história de vida de uma pessoa se revela. Kim (2015) nos informa em sua vasta revisão teórica sobre as narrativas que a história de vida pode ser estudada por duas abordagens, a saber: a nossa recontagem da história de vida, consiste em uma descrição objetiva de nossas descobertas com o objetivo de informar o leitor sobre as condições sociais das pessoas; e a abordagem que se concentra na narrativa cujo significado precisa ser interpretado. Outro ponto que nos foi importante entender foi que as diferentes perspectivas do estudo da história de vida nos darão um resultado diferente. (Geertz, 1983), na proposta de fornecer ao leitor um olhar para ter a sua própria experiência narrativa, diferente da perspectiva do próprio pesquisador, o texto torna-se um componente central do esforço de pesquisa, entendendo que o objetivo não é responder às questões mais profundas, mas colocar à disposição do leitor/pesquisador as respostas que os outros deram, permitindo interpretar o texto à sua maneira. Um ponto importante dos resumos das histórias de vidas apresentadas é que partimos da descrição do texto do livro de narrativas políticas. Em seguida construímos a nossa própria interpretação. Vale ressaltar que as mulheres que participaram do movimento operário não foram mencionadas ou inseridas neste livro, embora muitas delas tenham feito sua militância nos movimentos sociais por direitos humanos. Analisamos alguns fatores que podem ter influenciado nessa exclusão. O primeiro e mais evidente é que as narrativas das mulheres pioneiras construídas pela prefeitura de Volta Redonda têm um aspecto de homenagem póstuma; partindo dessa premissa entendemos que as homenagens em vida fortalecem a imagem das mulheres que participaram e participam ativamente dos movimentos sociais. Avaliamos que este é um possível fator de exclusão. Entendemos que uma homenagem póstuma tem como objetivo manter a memória das

mulheres, o que avaliamos como importante, porém, denota um aspecto de manipulação, ou seja, a homenagem não fortalece as biografias das mulheres que ainda estão vivas nos movimentos sociais em um contexto de pertencimento político partidário. Assim, a homenagem póstuma torna-se possível de ser realizada pela prefeitura. Freire (2019) revela que a manipulação se impõe como instrumento fundamental para a manutenção da dominação; o autor esclarece outra ação da teoria antidialógica que é a invasão cultural desrespeitando as potencialidades do ser, impondo sua visão de mundo enquanto freiam sua criatividade.

Um aspecto antidialógico, reflexo das ações de uma invasão cultural que fragiliza os movimentos sociais, será apresentado na narrativa audiovisual e fotográfica a seguir.

#### 4.5 NARRATIVAS AUDIOVISUAIS SOBRE AS MULHERES, CEBS E MOVIMENTO OPERÁRIO

Na pesquisa relativa às narrativas audiovisuais enfocamos dois filmes, sendo um composto de quatro partes, (Quadro 02). Os arquivos de vídeos foram coletados na plataforma digital *Youtube*, onde encontramos filmes que foram construídos com subvenção da prefeitura municipal de Volta Redonda e uma produção independente. Os filmes foram analisados, tendo como critério sua fotografia e narrativas. Segue-se, no Quadro 02, a lista dos filmes selecionados, bem como as principais características de cada um deles segundo o interesse da presente investigação.

<b>Produção Áudio Visual</b>	<b>Diretor</b>	<b>a°</b>	<b>Produtora</b>	<b>Duração</b>	<b>Tempo de Fala da Mulher</b>
História de Volta Redonda Parte 01	Pablo Marins Bedê	013	Arigó Filmes Bananas Filmes	12min 17segundos	00h00:40segundos
História de Volta Redonda Parte 02	Pablo Marins Bedê	013	Arigó Filmes Bananas Filmes	14min 34segundos	00h00min
História de Volta Redonda Parte 03	Pablo Marins Bedê	013	Arigó Filmes Bananas Filmes	08minutos 33segundos	00h00min
História de Volta Redonda Parte 04	Pablo Marins Bedê	013	Arigó Filmes Bananas Filmes	10minutos 10 segundos	00h00min
O Sacerdote do Povo, o Bispo Vermelho	Erasmó José da Silva	2017	Independente	1:21:31	00:06:20s

**Quadro 03** – Tempo de fala de mulheres nos filmes selecionados,

indicando título, diretor, ano, produtora e duração de cada filme.

**Fonte:** Dados obtidos no presente estudo – 2019-2021.

Atendendo a essa metodologia de análise, iniciamos com o filme “História de Volta Redonda”, um projeto financiado pela lei municipal de incentivo à cultura, no município de Volta Redonda. O filme é dividido em 4 partes e foi produzido para ser disponibilizado na plataforma digital *Youtube*. O filme foi lançado em 01 de dezembro de 2013 e traz na primeira parte o processo de resgate da memória da cidade, tendo como narradores diversos personagens locais que participaram da fundação da CSN e da Cidade de Volta Redonda. A única personagem mulher a dar seu depoimento nesse primeiro episódio, que tem a duração de 12 minutos e 14 segundos, foi a pioneira senhora Maria Mendes que na cena em questão está sentada próxima ao esposo senhor Nelson Mendes, ex-operário da CSN.

Observamos entre os *frames* organizados na Figura 18, referentes à parte 1 do filme, que na foto do casal ambos estão em um enquadramento de filmagem denominado plano americano, sendo que Maria Mendes está em uma perspectiva de segundo plano, estando no plano principal o senhor Nelson Mendes. O discurso de Maria Mendes revela a história das construções do Acampamento Central e posteriormente das casas dos operários. No entanto, ao falar, ela tem sua fala interrompida pela do marido. Essa imagem representa um momento histórico que foi construído no filme pelo olhar do diretor e que nos revela como, após anos de feminismo, podemos perceber que a cultura patriarcal se sobrepõe nas representações de arte. Quanto ao tempo de fala, o da senhora Maria Mendes foi de 40 segundos de duração, sendo ela a única mulher a ter sua fala registrada neste episódio. Entendendo que na análise audiovisual observamos os planos, as imagens e o tempo de fala das mulheres, iniciaremos com o filme História de Volta Redonda partes, 01,02,03 e 04. Ao analisar o filme estaremos realizando a análise de conteúdo. Este tipo de análise, como orienta Penafria (2009), considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. “A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar o tema do filme, o melhor modo para identificar o tema de um filme é completar a frase: Este filme é sobre...”

**FILME 01**



FILME	TEMPO min	Tempo de fala
Filme 01	12:16	00:43.40
Filme 02	14:34	00:00
Filme 03	8:33	00:00
Filme 04	10:10	00:00

**Figura 16** – Imagens extraídas do Filme História de Volta Redonda, destacando o tempo de fala de Maria Mendes na cena analisada – abaixo, à direita, Dom Waldyr Calheiros.

*Fonte:* Filme “História de Volta Redonda”, Parte 1.

O segundo episódio (Parte 2) do documentário tem como proposta apresentar como se deu a consolidação das lutas de classes, a formação dos sindicatos e a greve de 1984. Apresenta a história da greve de ocupação, e a consolidação do “novo sindicalismo”. As imagens revelam a participação das mulheres como grupos organizados, como pode ser constatado nas imagens abaixo. Contudo, as falas registradas são de homens operários referindo-se ao representante da Igreja Católica, falando das Comunidades Eclesiais de Bases.



**Figura 17** – Passeata das Mulheres.  
*Fonte:* Filme “História de Volta Redonda”, Parte 2.



**Figura 18** – Apoio das Mulheres à passeata dos operários.  
*Fonte:* Filme “História de Volta Redonda”, Parte 3.





**Figura 19** – Passeata Panela Vazia.

**Fonte:** Filme “História de Volta Redonda”.

Na parte 03 o documentário “História de Volta Redonda” apresenta a greve de 1988 e o ataque do Exército, que assassinou três operários no governo do então presidente José Sarney, revelando que ainda havia ditadura. Nesse episódio, a mulher é lembrada por sua participação no movimento operário pelo líder Sindical Juarez Antunes, ex-Deputado Constituinte que naquele momento concorreu e ganhou a eleição para prefeito de Volta Redonda, representando a força dos movimentos sociais. O discurso abaixo foi transcrito para mencionar o destaque ao apoio das mulheres:

[...] Relembrando, o nosso agradecimento às donas de casa que se levantaram orgulhosamente nos bairros que não deixaram que as kombis da Transbraçal fossem lá buscar os seus maridos, para caírem no formigueiro lá dentro. Que não deixaram ou reforçaram o ponto de vista de seus esposos, de seus filhos, de seus irmãos, com relação a esse massacre que aqui houve. O nosso apoio às associações de moradores, a todos aqueles que se levantaram em defesa, não só dos metalúrgicos, mas de todos os trabalhadores do Brasil porque essa página da história, ela vai valer para todos os trabalhadores do mundo. Em Chicago morreram trabalhadores pelo turno de oito horas há 102 anos. Vejam quanto tempo! Como os trabalhadores caminham devagar: 102 anos para passar de 8 horas para 6 horas e ainda com mortes de companheiros nossos.” (Juarez Antunes, discurso realizado em Volta Redonda, 1988).

O discurso do líder sindical Juarez Antunes revela a importância das mulheres para o fortalecimento do movimento operário em Volta Redonda, embora não tenham sido registradas, nesse episódio, falas das próprias mulheres. A potência dessa mobilização foi registrada no discurso de Juarez Antunes. Podemos analisar na fala do então presidente do sindicato dos metalúrgicos que até o final dos anos 1980 as mulheres não tinham acesso direto pelos benefícios consolidados pela industrialização. Como afirma Barragán *et al* (2011), as mulheres dos países Latino-americanos tinham acesso a benefícios parciais por meio de subsídios entregues ao homem “provedor”, assim o discurso de Juarez agradece às donas de casa em primeiro lugar, para depois agradecer à sociedade civil organizada, invisibilizando o movimento de mulheres como agente de mobilização das mulheres, esposas dos trabalhadores.

O episódio 4 registra o acidente e a morte de Juarez Antunes, cujo acontecimento interrompeu uma vasta experiência sindical. O episódio enfoca Juarez Antunes, natural de Estrela D’alva em Minas Gerais, revelando sua origem como Arigó, um trabalhador operário que chegou a assumir os cargos políticos de Deputado, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e depois foi eleito prefeito de Volta Redonda. Morreu em um acidente que, segundo rumores, foi uma emboscada.

Analisamos, neste documentário sobre a história de Volta Redonda, uma perspectiva dessa história que tem pouca representatividade no discurso das mulheres. É, entretanto, um importante documento que revela através da voz do Juarez Antunes, líder sindical, o reconhecimento da importância das mulheres no contexto das lutas dos trabalhadores.

O documentário analisado a seguir foi “O Sacerdote do Povo, o Bispo Vermelho”, direção de Erasmo José da Silva, com apoio do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação, Sindicato dos Metalúrgicos e da CUT (Central Única dos Trabalhadores), com duração de (1:21:31).

A análise do documentário apresenta uma perspectiva do trabalho de Dom Waldyr Calheiros Novaes. Nesse documentário do professor, pesquisador e documentarista Erasmo José da Silva, conseguimos ouvir as mulheres que participaram da militância sindical e analisar essas narrativas.



**Figura 20** – Entrada do 22º Batalhão de Infantaria Motorizada (período ditatorial, Barra Mansa).  
**Fonte:** Documentário “Os Sacerdotes do Povo – O Bispo Vermelho”.

O documentário “O sacerdote do povo – O Bispo Vermelho” apresenta uma tentativa dos militares em colocar a opinião pública contra o Bispo, após o religioso ter acompanhado todo o processo de investigação da morte de um soldado, ocorrida no 1º Batalhão de Infantaria Blindada (BIB) em 1972, ao ser torturado. Dom Waldyr, em uma missa, pediu a Deus pela vida dos torturadores, conquistando a admiração da população que entendeu que teria no bispo um aliado, como afirmou Maria da Graça Vigoritto, em uma das entrevistas que realizamos para monografia do curso de especialização CACS. (SILVA, R.C, 2018).

Outra protagonista das lutas de Volta Redonda que aparece nesse filme é Maria das Dores Pereira Mota, fundadora e, na época, umas das lideranças do Sindicato Estadual de Profissionais de Educação (SEPE), conhecida como Dodora, que convidamos para participar de nossa pesquisa de campo, embora não tenhamos conseguido sua participação. O documentário de cerca de 1 hora e 21 minutos dedicou cerca de 6 minutos às duas mulheres lutadoras desse período histórico: Conceição e Dodora. Destacamos aqui a fala de Dodora:

*Eu me lembro muito bem que aqui (Volta Redonda) tinha representantes da POLOP, do trabalho do alicerce socialista, do MCR, da ALN. Todos esses grupos tinham representação e faziam um trabalho aqui em Volta Redonda. Esses grupos, eles participaram... chegaram a participar... não enquanto grupo, mas enquanto militantes das Comunidades de Base sem serem identificados. Como era política, a tática deles... eles influenciaram muito no debate e na formação das Comunidades de Base (Maria das Dores*

*Pereira Mota, 2017 no Documentário “Os Sacerdotes do Povo – O Bispo Vermelho”*).

Esse depoimento revela o quanto a ação dos grupos de esquerda contribuiu para o processo de educação popular dentro das CEBs e vice-versa, possibilitando uma formação política dos participantes. Analisamos neste documentário – que teve o apoio de organizações sindicais e não da prefeitura de Volta Redonda - a valorização de uma narrativa das mulheres. Tendo como base a fala de Dodora podemos observar que os grupos políticos foram importantes para trabalhar a consciência crítica nas CEBs. Freire (2019) ressalta que para o educador humanista ou revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros.

Analisamos nesses registros fílmicos o quanto a participação das mulheres nas CEBs contribuiu para a participação delas no movimento operário, como as principais articuladoras para formação crítica das famílias dos operários de Volta Redonda. A potência dessa mobilização foi registrada no discurso de Juarez Antunes.

#### **4.5.1 Fotografias institucionais, retrato de um poema**

O acervo de fotografias da CSN nos foi apresentado pelo Geraldo Bastos, amigo do renomado fotógrafo da cidade, Antônio Calino, que pouco antes de falecer realizou uma exposição de fotografias na AAP-VR. Nessa ocasião apresentei minha pesquisa a ele pois, como fotógrafo, sabia que ele poderia nos mostrar o caminho das pedras para os melhores registros. Ele então entendeu nosso projeto e passou a ser nosso informante de campo. Apresentou-nos ao Geraldo Bastos, que após um contato telefônico nos recebeu em sua casa em um bairro de Volta Redonda. Na sala de sua casa nos entregou vários álbuns grandes de fotografias. Folheamos os álbuns repletos de registros da construção de Volta Redonda e de uma vida social que representava o desenvolvimento do Brasil naquele período.

As imagens das mulheres representadas nos registros fotográficos em sua maioria estavam em situações festivas ou em ocasiões em que os homens protagonizavam a cena social e política. Um retrato fiel de uma geração que estava sob a égide de um sistema e de uma cultura americanizados. Outras imagens, por outro lado, mostravam as contradições presentes em uma sociedade que celebrava a industrialização, embora ainda mantendo as desigualdades de classe. As Figuras 20 e 21 ilustram uma das situações em que operários da CSN, moradores do acampamento central, se viam em situação de risco e de perdas materiais diante das enchentes que invadiram seus locais de moradia.



**Figura 21**– Acampamento central alagado.  
*Fonte:* Acervo CSN.



**Figura 22** – Acampamento central alagado II.  
*Fonte:* Acervo CSN.

As fotografias encontradas respaldam a informação que se segue. No que se refere às questões habitacionais, após a chegada ao então distrito de Santo Antônio de Volta Redonda, as famílias que buscavam trabalho na CSN eram acolhidas por religiosas e alojadas em moradias provisórias no espaço denominado “Acampamento Central”. Em uma de nossas entrevistas, em um trabalho anterior, a Sra. Maria da Graça Vigorito, de 84 anos, nos relatou como foi o início da chegada de sua família a Volta Redonda:

*(...) cheguei a Volta Redonda com dois bebês, e recebia a visita das irmãs da congregação de Jesus Crucificado. As irmãs visitavam as casas. Caso percebessem alguma imagem de santo, sabiam que a família era católica e logo ofereciam para fazer uma novena. E a partir daí, começava um processo de socialização das famílias. No meu caso descobriram que eu sabia fazer crochê e me convidaram para ensinar no centro comunitário para outras mulheres (Vigorito, 2018, in Silva R.C, 2018).*

Pelas narrativas das mulheres associadas à pesquisa documental, percebe-se que as questões de moradia foram um dos referenciais pelos quais a população de Volta Redonda percebeu a fragilidade do então “sólido” discurso de bem-estar social. Essa fragilidade aparece mais claramente após a emancipação de Volta Redonda, com a entrega da administração da cidade, antes realizada pela CSN, à prefeitura, seguida da abertura da imobiliária Santa Cecília, que passa a gerenciar os imóveis residenciais onde viviam os trabalhadores – imóveis que os trabalhadores acreditavam que seriam deles e passariam para seus filhos, que herdariam não só o imóvel como também a possibilidade de trabalho na CSN. Essa esperança foi por terra quando as casas foram colocadas à venda pela CSN através da imobiliária Santa Cecília.

Faria (2013) afirma que a visão que o Estado e a população tinham de Volta Redonda na década de 1950 era de progresso e desenvolvimento. Volta Redonda, recém-emancipada de sua antiga sede, a cidade de Barra Mansa, teve seu processo de emancipação iniciado no início dos anos de 1950, com o apoio e participação decisiva de toda a elite local, desde a Companhia Siderúrgica Nacional, Sindicato, Igreja, comerciantes, fazendeiros etc. O decreto nº 2185 criou o novo município em 17 de julho de 1954.

A partir da emancipação de Volta Redonda da sua sede, Barra Mansa, construiu-se em Volta Redonda um modo de viver sob o domínio da estatal. Analisando as fotografias das décadas entre 1950 e 1970, observamos imagens da vida social e profissional de Volta Redonda. Por meio delas pudemos observar uma história registrada do ponto de vista institucional, revelando as mulheres em festas, em concursos de beleza, no cuidado com a

família e ocupando alguns postos de trabalho, como revela a Figura. 02 – Classificadora de Folha de Flandres / “Vira-latas”, evidenciando os lugares destinados à mulher na sociedade desse período. As fotografias da década de 1980 revelaram a emergência dos movimentos sociais, as passeatas e as greves, como podemos observar nas Figuras 16 17 e 18. No final da década de 1980 as fotografias da imprensa nacional completam essa narrativa, nos revelando mudanças ocorridas nessa sociedade que se construiu de forma emancipatória, com base na educação popular organizada pelas CEBs, atuante politicamente e nas ruas enfrentando o poder do exército na garantia de direitos dos trabalhadores como mostram as imagens dos filmes analisados.

Na busca por imagens do movimento operário, seguimos até a sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, onde fomos recebidos pela Sra. Elizabete que nos informou não haver nenhum acervo de imagens do movimento operário de Volta Redonda, e que todas as fotografias estavam guardadas em Campinas, SP. Após essa busca e já finalizando o processo de revisão desta dissertação, recebemos a informação de que membros da sociedade civil, em uma intervenção no Clube Foto Filatélico e Numismático de Volta Redonda, com o objetivo de preservar a memória dos trabalhadores e criadores da cidade, promoveram em 2012 a criação do primeiro Museu da Memória do Trabalhismo Brasileiro<sup>3</sup>. A entidade, que se mantinha com verbas de editais públicos, foi, no entanto, sufocada pela pressão, por parte da CSN, para a retomada de posse do terreno no qual funciona o Clube Foto filatélico e o Museu (mesmo com o argumento de que o local fora tombado como utilidade pública pela prefeitura de Volta Redonda). A CSN, que havia cedido o prédio em regime de comodato ainda nos primeiros anos da estatal, venceu, nas altas instâncias, o processo judicial, mesmo com toda a resistência das organizadoras do museu, forçando o fechamento do espaço, fato que tem ocorrido com vários imóveis e outros espaços devido ao fato de que as terras que o estado desapropriou para construção da CSN foram vendidas à iniciativa privada. Visitando o museu virtualmente não encontramos registros imagéticos do movimento operário, as fotografias representam imagens do acervo fotográfico de obras e a representação das mulheres são as trabalhadoras da enfermagem, as “vira latas” e as damas da sociedade da época em trabalho de filantropia.

Observamos que nos registros de imagens pesquisados, em geral, incluindo os vídeos, mesmo entre os pesquisadores ou jornalistas que geraram registros da história do movimento operário de Volta Redonda, fica evidente que há uma sub-representação da mulher que,

---

<sup>3</sup> <https://www.museudotrabalhismo.com.br/o-museu>

embora sempre tenha estado presente nas lutas dos trabalhadores, quase não teve marcada a presença de sua imagem.

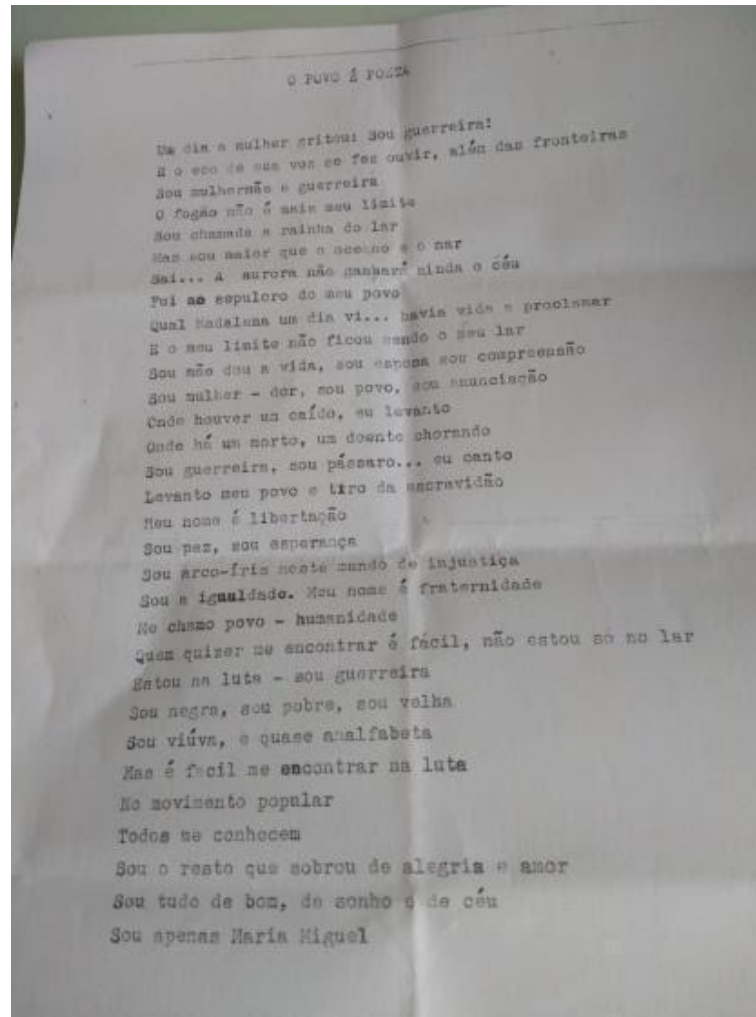
Finalizando as narrativas audiovisuais, trazemos a última contribuição por meio de uma fotografia. Em uma das oficinas dos grupos Caminhos Literários (Silva RC, 2016), na AAP-VR, uma senhora pediu para declamar uma poesia. O espaço de uma roda literária a acolheu em seu centro, e ela começou a declamar com muita emoção um poema que revelava a mulher dos movimentos de base e da luta operária. A autora é Maria Miguel. Solicitei o poema para nossa pesquisa e recebi a imagem fotográfica do poema, que é o que mostra a Figura 22.

Este poema revela um “retrato” dessa geração de mulheres que lutaram contra o patriarcado fortemente dominante dessa época, tanto nas suas casas como na sociedade, reprimindo qualquer ação das mulheres fora do lar.

O Poema de Maria Miguel nos traz a imagem de uma mulher que está rompendo com papéis impostos. Essa poetisa se construiu nos movimentos populares de base. Essa cópia datilografada foi enviada para colaborar com nossa pesquisa, apresentando o discurso da mulher. A participante dos Caminhos Literários declamou esse poema com muita energia. Connel e Pearse (2017) destacam que as questões de gênero estão profundamente marcadas na própria organização social, afirmando.

No cotidiano, tomamos o gênero como algo dado. Reconhecemos uma pessoa como homem ou mulher, menino ou menina, instantaneamente. Organizamos nossos afazeres em torno desta distinção. Casamentos convencionais exigem pelo menos uma pessoa de cada gênero (CONNELL & PEARSE, 2017, p.36).





**Figura 23** – Poema o “Povo é Poeta” de Maria Miguel.

*Fonte:* Cedido por Maria da Graça Vigoritto.

Por conta do fato de a imagem não facilitar a leitura do poema, transcrevo-o abaixo:

### *O POVO É POETA*

*Maria Miguel*

*Um dia a mulher Gritou: Sou Guerreira:  
E o eco sua voz se fez ouvir, além das fronteiras  
Sou mulher mãe e guerreira  
O fogão não é mais seu limite  
Sou chamada rainha do lar  
Mas sou maior que o oceano e o mar  
Saí ... a aurora não ganhara ainda o céu  
Fui ao sepulcro do meu povo  
Qual Madalena um dia vi... Havia vida a proclamar  
E o meu limite não ficou sendo o meu lar  
Sou mãe, dou a vida, sou esposa, dou compreensão  
Sou mulher – dor. Sou povo, sou enunciação  
Onde houver um caído eu levanto  
Onde há um morto, um doente chorando*

*Sou guerreira, sou pássaro... eu canto  
 Levanto meu povo e tiro da escravidão  
 Meu nome é libertação  
 Sou paz, sou esperança  
 Sou arco-íris nesse mundo de injustiça  
 Sou igualdade, meu nome é fraternidade  
 Me chamo povo – humanidade  
 Quem quiser me encontrar, é fácil, não estou no lar, estou na luta  
 No movimento popular  
 Todos me conhecem  
 Sou o resto que sobrou de alegria e amor  
 Sou tudo de bom, de sonho, de céu  
 Sou apenas Maria Miguel.*

Podemos dizer que Maria Miguel aponta para novas formas de marcação de questões de gênero, uma forma que mostra o feminino voltado para a produção da vida emancipada, da responsabilidade pelo futuro coletivo. Não como subserviência a algo dado, mas sim como uma necessidade.

A pesquisa documental das fotografias aconteceu no campo, uma ação junto às pessoas. Realizamos contatos na busca de fazer um diagnóstico do acervo fotográfico e este diagnóstico revelou a forma como a CSN mantinha a produção de imagens sob o prisma desenvolvimentista de uma propaganda institucional, nos revelando na imagem do poema a força da mulher nos movimentos sociais. Temos o poema, mas não conseguimos a biografia de Maria Miguel<sup>4</sup>.

#### **4.5.2 Narrativa Acadêmica**

Para esta etapa da pesquisa utilizamos o diretório de busca Google Acadêmico, inserindo as palavras chaves Mulher operária, Movimento operário e CEBs em Volta Redonda. Observamos nos repositórios das instituições de ensino UFF, UGB e UFRRJ uma incidência significativa de autores que se ocuparam em pesquisar sobre a mulher e o movimento operário e CEBs em Volta Redonda, produzidos entre 2009 e 2018, com ênfase nas décadas de 1940 a 1980. Assim elencamos estes documentos. que os títulos selecionados para a pesquisa estão sistematizados no Quadro 04.

---

<sup>4</sup> A fonte que nos forneceu o registro fotográfico do poema, não conhecia a história da autora, apenas sabia que ela esteve junto a tantas outras mulheres que ficaram nos portões da CSN fornecendo alimentação para os operários que estavam na ocupação da siderúrgica na greve de 1988.

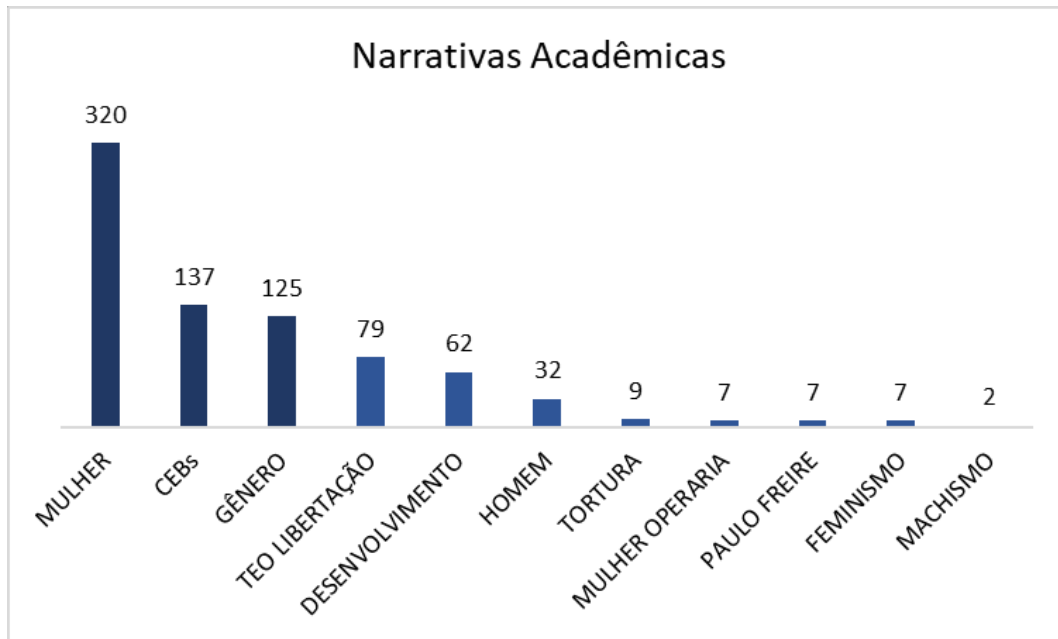
<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>no</b>	<b>Instituição</b>	<b>Campo</b>
A mulher na luta: representatividade, sindicalismo e gênero	Santos, Thalita Barros dos	2018	UFF	TCC para graduação em Administração Pública
A atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Volta Redonda (1967-1979)	Paulo Célio Soares	2009	UGB	Dissertação em História Social
Por uma antropologia do desenvolvimento para Volta Redonda	Marques, Tamara Anita Alves Lima	2016	UFF	TCC para graduação em Administração
Gênero e Trabalho na ‘Cidade do Aço’	Tânia Bassi Costa	2010	UGB	Artigo publicado a partir de dissertação em História Social
As “Vira-Latas” e o trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional: Gênero e memória	Tânia Bassi Costa	2016	UGB	Dissertação em História Social
As Lutas pela redemocratização em Volta Redonda (1974-1979)	Paulo Célio Soares	2013	UGB	Tese de doutorado em História Social
Volta Redonda em preto e branco: nacional desenvolvimentismo, trabalhismo e democracia racial (1953 a 1955)	Leonardo Ângelo da Silva	2016	UFRRJ	Tese de doutorado em História
As Comunidades Eclesiais de Base no processo de organização política do movimento popular por moradia no município de Volta Redonda (1970-1980)	Faria, Camila	2013	UFF	TCC para graduação em Serviço Social

**Quadro 04** – Títulos selecionados a partir de pesquisa bibliográfica compoendo as narrativas acadêmicas segundo autores, ano de publicação, instituição e campo de contribuição.

*Fonte:* Dados do presente estudo.

Com os resultados obtidos através da consulta aos artigos, teses, dissertações e monografias inserimos os arquivos dos documentos pesquisados em PDF no (MAXQDA) e realizamos a leitura flutuante, e construímos as codificações “Mulher operária”; “Mulher”; “CEB’s”; “Desenvolvimento”; “Machismo”; “Teologia da Libertação”; “Gênero”; “Homem”; “Tortura”. para análise de dados. Definimos a partir dessa leitura a codificação; o software gerou um arquivo em formato Word com as sentenças em que cada palavra apareceu, gerando também um arquivo no formato de planilha EXCEL. Os números referentes a cada palavra codificada apareceram nos oito arquivos analisados. Observamos que a palavra mulher seguida da palavra CEBs surgiu em maior número corroborando a nossa premissa de trabalhar com a categoria mulher e CEBs na investigação. Apresentamos no gráfico o número de vezes

que as palavras codificadas, surgiram nas sentenças dos documentos pesquisados (Gráfico 01).



**Gráfico 02** – Categoria de análise de Narrativa Acadêmica.  
*Fonte:* SILVA. R.C, 2019.

Segundo o gráfico, as categorias que tiveram maior representatividade foram respectivamente: Mulher; CEBs e Gênero, sendo que as narrativas sobre Mulheres e Gênero estão vinculadas às Comunidades Eclesiais de Base, considerando que a literatura referente a esse tema é a que mais destaca o papel da mulher nesse período histórico.

No que se refere às **categorias mulher, gênero e CEBs**, os trabalhos acadêmicos corroboram os depoimentos obtidos nas entrevistas com as participantes desta pesquisa. Os trabalhos, mesmo aqueles não voltados para as questões de gênero e da mulher, enfocam a participação feminina, seja em uma ampla atuação social diante da inflação alta nas décadas de 70 e 80, seja nos movimentos sindicais. Nesse período, as mulheres se organizaram na luta contra a alta dos preços e para superar as dificuldades de infraestrutura dos bairros e da cidade. Nesse movimento surgiram pautas como a necessidade de enfrentamento da violência contra a mulher, colocando também à mostra questões relativas à divisão sexual do trabalho, divisão revelada pelo lugar ocupado pelas mulheres dentro da CSN.

O trabalho de Lobo (1991), intitulado “A classe operária tem dois sexos”, nos alerta para o risco de tratar a história da mulher no movimento operário sob uma visão segmentada, gerando a possibilidade de se perder de vista a importância de se entender os movimentos sociais e o mundo do trabalho, como espaços de construção coletivas e imbricados, nos quais

as pessoas, independentemente do gênero, são atores sociais que ocupam um determinado espaço histórico no processo de transformação social.

A afirmação de Lobo nos provoca a pensar sobre o espaço histórico que as mulheres ocuparam, embora mantidas em um lugar de pouca ou nenhuma representatividade nas narrativas sobre o movimento operário de Volta Redonda. Nesse contexto nos cabe entender que o movimento operário em Volta Redonda guarda singularidades quanto à forma como foi construído, ou seja, formando uma rede de educação popular na qual a ação capilarizada das mulheres nos bairros, movimentos, e na própria família, funcionava como uma ação multiplicadora de conhecimentos e atitudes advindos de suas participações nas CEBs. Assim, embora não reconhecidas ou invisibilizadas, a ação dessas mulheres, estruturando a organização dos trabalhadores, esteve presente todo o tempo.

Avaliamos que a mulher tinha um papel social construído na tradição patriarcal, mas que foi se modificando com a atuação das CEBs. Observamos a representação da mulher marcada pela generificação na CSN, onde estavam definidas as funções que eram “propícias” para a mulher na crença de que algumas habilidades eram específicas do sexo feminino. Esse fato fica evidente ao tomarmos como exemplo a função das “vira-latas” e em Da Silva (2010) ao citar a história da Assistente Social que, durante sua trajetória profissional, por dois anos exerceu o cargo de Perito Contadora na cidade de Conselheiro Lafaiete – MG. A mesma mulher, segundo o autor, chegou à CSN encaminhada para atuar no Serviço Social para desempenhar “funções condizentes com seu temperamento de mulher” (Da SILVA, 2010, p.57). Esse processo de “generificação de acumulação” como afirma Connel & Pearse (2015), inserido na cultura tornou ainda mais difícil a inserção das primeiras mulheres operárias na CSN, como classificadoras de folhas de flandres, as “Vira-latas”.

O processo generificado de acumulação (ou processo de acumulação generificado) tem muitos efeitos além da economia definida de maneira limitada. Por exemplo, onde há divisão de gênero do trabalho em relação às ocupações como o homem sendo a maioria em ocupações de engenharia e mecânica e as mulheres em trabalhos de artes e serviços-haverá uma divisão nos sistemas educacionais que preparam as pessoas para esse trabalho. (CONNEL & PEARSE, 2015, p.167).

Observamos nas publicações relativas à narrativa acadêmica sobre a participação das mulheres na experiência de Volta Redonda, o quanto a educação popular no âmbito das CEBs tornou-se uma educação emancipatória. Observamos ainda como essas ações de ensino não formal sobre cidadania realizadas nas décadas de 60, 70 e 80, foram capazes de contribuir para “descolonizar o imaginário” em um território, intensamente marcado por processos de

educação disciplinar em bases patriarcais. A ação das CEBs, realizada em duas décadas, conseguiu romper com o processo de subjetivação capitalista fortemente implementado através do modelo *Company Town*, tornando possível a consolidação de movimentos populares que aglutinaram grande parte da população de Volta Redonda no apoio às greves realizadas pelos trabalhadores da CSN.

Como aponta Estevez (2011), até fins da década de 1970, é fato a predominância dos movimentos ligados à Igreja que mobilizaram e organizaram a luta política dos trabalhadores, na medida em que os sindicatos haviam sido postos sob intervenção e os movimentos sociais eram perseguidos pelo Estado. Analisamos o quanto as lideranças religiosas no cenário nacional, com essas ações de educação emancipatória, gestaram e fortaleceram muitos movimentos sociais.

No tocante à mobilização consciente dos grupos populares, foi a capilaridade dessas ações de micropolíticas que construíram um enorme tecido social, que se tornou possível através das ações de intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos, constituídos em sua maioria por mulheres, atuando junto a membros da Igreja católica após a designação do Concílio Vaticano II, que orientava a ação da igreja junto ao povo considerando suas prioridades, necessidades e demandas.

A partir da análise de conteúdo, considerando a **categoria CEBs**, com o uso do programa MAXQDA, construímos categorias que agrupam as principais características atribuídas à ação das CEBs pelos autores das publicações. Os resultados estão organizados no quadro que se segue (Quadro 05):

### Categorias de análise das Narrativas Acadêmicas referente às CEBS

Resistência Política	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Engajamento político dos operários;</li> <li>- Formação da organização política dos trabalhadores;</li> <li>- Fortalecimento dos movimentos sociais na resistência à ditadura.</li> </ul>
Aspectos de Formação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação de consciência crítica;</li> <li>- Organização dos Movimentos Sociais;</li> <li>- Engajamento político na América – Latina;</li> <li>- Espaço onde o povo podia se encontrar.</li> </ul>
Aspectos identitários	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção da identidade dos pobres;</li> <li>- Pobres como sujeitos sociais e eclesiais;</li> <li>- Pobres sem cultura letrada se emancipando.</li> </ul>
Princípios	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel educativo como principal objetivo das CEBS;</li> <li>- Opção do trabalho junto aos pobres;</li> <li>- Concepção pedagógica da Teologia da Libertação: ver, julgar e agir;</li> <li>- Ações voltadas para o dia a dia que atingiam o coletivo.</li> </ul>
Crítica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dinâmica interna da igreja católica interferindo no controle dos movimentos sociais;</li> <li>- CEBS como ação política de dominação da classe trabalhadora.</li> </ul>

**Quadro 05** – Categoria CEBS.

*Fonte:* Dados do presente estudo – 2019-2021.

Observamos no Quadro 05 um amplo espectro de ação da educação popular realizada pelas CEBs, caracterizando-as como importantes na determinação dos rumos dos movimentos sociais. No entanto, esse olhar positivo não é uma unanimidade de acordo com Faria (2013) que nos revela o argumento de alguns teóricos sobre o papel educativo desempenhado pelas CEBs. Esse argumento enfatiza que a dinâmica interna da Igreja Católica, através das CEBs, interfere nos processos sociais reproduzindo a dominação política de classe. Um fator que impossibilitaria as massas tomarem em suas próprias mãos o poder de decidir sobre seus rumos e de construir seus próprios instrumentos de ação. Essas críticas, por outro lado, contrastam com a visão de Lesbaupin (2005), como se segue.

As CEBs foram, no período mais repressivo, um espaço onde grupos populares podiam se encontrar e debater: pessoas que estavam dispersas ou isoladas reuniram-se, passaram a refletir em conjunto, discutindo os problemas que viviam (LESBAUPIN, 2005, p.125).

Para entender o papel das CEBs como ação educativa, suas contradições e os desfechos que culminaram com a despotencialização dessa iniciativa é necessário recorrer à dimensão do contexto histórico.

Na década de 1980 entre os movimentos populares foram quebrados denominadores comuns, explicitando as diferenças político-partidárias acentuadas; alguns movimentos populares se subdividiram, alguns deixaram de existir e outros se perderam nos meandros das políticas sociais engendradas pelos governos estaduais e municipais. Além disso, ao longo da década de 1980, ocorreram várias ações da chamada Nova República que trouxeram uma onda associativista, não participativa na base. Surgiram movimentos sociais pré-construídos a partir do poder que também se apropriaram da força que o termo comunidade passou a ter entre as classes populares como agregador de interesses comuns, conforme o sentido referido pelas CEBs. Assim, embora em meio a muitas contradições, passou-se a denominar as entidades criadas pelo poder público como comunitárias. (GOHN, 1991).

Nesse rastro histórico vieram a abertura política, a Constituição de 1988, a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e a garantia de direitos por meio das leis nas principais políticas públicas, com lideranças fortemente apoiadas nos movimentos sociais de base.

A construção histórica sistematizada nos dados do presente estudo nos possibilitou refletir, a partir dos relatos, sobre o que ocorreu na vida das mulheres ativistas em Volta Redonda. Após mudanças internas dentro da Igreja Católica, essas mulheres continuaram sendo protagonistas nos debates, pressionando pela implantação de políticas em defesa do controle social, atuando na mobilização social voltada para a preparação da Constituição de



1988. A vinculação das CEBs aos movimentos sociais e à política partidária - sendo inclusive um local de formação de lideranças sindicais e de militantes que formaram o Partido dos Trabalhadores (PT) – foram fatores que, segundo GOHN (1991), provocaram como reação o crescimento da ala conservadora da Igreja Católica.

Partindo da análise das narrativas apresentadas neste trabalho destacamos a importância de se refletir sobre a influência desses processos na construção das políticas públicas, em especial o Sistema Único de Saúde (SUS). A Lei n.º 8.142 em 28 de dezembro de 1990, evidencia a importância e legaliza as formas de contribuição dos movimentos sociais na instituição das Conferências e dos Conselhos de Saúde, instâncias de Controle Social no SUS, fundamentais para a materialização dessa política. Além do SUS, foi criado em 2005, o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), inspirado estruturalmente no próprio SUS, prevendo também em sua estrutura aspectos da participação popular.

Observamos que a educação popular tem grande potência para a formação de sujeitos críticos, qualificando a ação cidadã no que tange ao controle social. Por outro lado, embora políticas públicas como o SUS e SUAS prevejam espaços de controle social instituídos, a população apresenta dificuldades em se apropriar desses espaços. O reconhecimento da educação popular na intervenção comunitária motivou iniciativas que, a partir de 2013, pressionaram mais fortemente para que os preceitos da educação popular assumissem um papel oficial, consolidado somente em 2017, através da Política Nacional de educação popular em Saúde, na forma da Portaria nº 849/2017.

Nesse contexto há muitas contradições. Ainda que sejam essas políticas fundamentais para promoção de saúde da população, tendo abrangência em todos os estados brasileiros, sua aplicação, em muitos aspectos, deixa para trás o caráter emancipatório. Emancipação subjacente aos processos de educação popular imbricados com a construção dessas políticas. como revela Guattari & Rolnik (1986) “este fato está intrinsecamente ligado ao processo de produção de subjetividade capitalística, transmitidos através da mídia, da família, e todos os equipamentos que nos rodeiam”. As ações de invasão cultural não são apenas ideias, são sistemas de conexão direta entre produtores do controle social e as instâncias psíquicas.

Importante estar atento ao fato de que as políticas públicas em uma sociedade capitalista neoliberal também estão voltadas para atender às necessidades do mercado e não apenas para garantir ao cidadão acesso aos seus direitos. Concomitantemente, a lógica de mercado também imprime sua cultura na formação de profissionais que, embora atuem nas políticas públicas, acabam mantendo uma consciência ingênua ou alienada voltada para reproduzir as desigualdades sociais. O resultado é a atuação de profissionais de nível superior

que atuam negando a cultura da população, seus valores e costumes em uma falsa mensagem de que o Estado está atuando para a garantia de direitos. Podemos refletir: direito de quem? A quem o Estado tem priorizado em suas políticas?

Brand (2011) revela que o Estado capitalista, patriarcal, racista, imperial e pós-colonial tem como principal função consolidar as relações sociais dominantes e dar-lhes certa continuidade, contribuindo de maneira controlada para que transitem para novos arranjos convenientes.

Talvez este trabalho possa contribuir para uma reflexão sobre o quanto essa geração, que hoje é idosa, que atuou nos movimentos de base, nos aponta a necessidade de resgatar formas de organizar o poder popular para fiscalizar o poder do Estado.

Observamos que nos anos de 1990 houve um desinvestimento na educação popular no município de Volta Redonda.

Nesse hiato de aproximadamente três décadas o território de Volta Redonda foi dividido por facções governamentais, não governamentais, religiosas e ilegais. O distanciamento das CEBs com suas práticas de educação popular é um reflexo da mudança de posicionamento da Igreja Católica, favorecendo sua ala conservadora. Consequentemente, os bairros que se consolidaram sob a influência dos movimentos populares por moradia passaram a ser territórios de poucos investimentos públicos.

Nas narrativas acadêmicas a **categoria “mulher operária”**, que, a princípio, pensamos que ficaria evidente, não se constituiu, pois o termo não se apresentou em um número significativo de citações. Por outro lado, a categoria “mulher” se mostrou como válida, apresentando cerca de 300 citações. Ao aplicarmos nos documentos a metodologia de “nuvem de palavras” a palavra “mulheres” corrobora essa categoria pois é a que apresenta o maior número de citações. Esta nuvem está exposta no Gráfico 03.



**Gráfico 03** – Nuvem de palavras Categoria Mulher Narrativas Acadêmicas.  
*Fonte:* Elaborada pelo autor.

A narrativa acadêmica enfatizou a generificação do trabalho em Volta Redonda.

Elencamos o trabalho de Tânia Bassi Costa, “Gênero e Trabalho na Cidade do Aço” (2010) por ser um estudo que nos apresenta uma perspectiva importante para discussão dos resultados deste estudo. Os artigos objetos de nossa investigação nos revelam as lutas das mulheres nos movimentos sociais, no período de 1960 ao final dos anos 80, amparadas por uma ação de educação popular nas CEBS, contrastando com o cenário de pouca articulação dos movimentos sociais, no final do século XX e início do século XXI, onde mulheres na faixa etária de 30 a 60 anos, com baixa escolaridade e sem renda são as beneficiárias de programas sociais de geração de renda.

Por meio de uma perspectiva de Gênero, Trabalho, Geração de Renda e Políticas Públicas, a autora revela que com o passar dos anos Volta Redonda apresentou um grande retrocesso no trabalho comunitário, considerando uma população de mulheres que participaram ativamente dos grupos de base, e que não se encontra mais mobilizada, já que muitas mulheres dessa geração, assim como das seguintes, vivem um momento de segregação ocupacional. Infelizmente esse modelo ainda corresponde a uma realidade da Mulher em Volta Redonda.

Sugerimos, ainda, um diálogo com o olhar de Lassak (2012), em seu artigo Comunidades de Resistência e Libertação, destacando a influência da Teologia Feminista da Libertação no Movimento de Mulheres Camponesas. Entendemos esse diálogo como

possibilidade de reflexão, tendo em vista a história das mulheres de Volta Redonda que vieram também do campo.

Avaliamos, com base na pesquisa documental, que as CEBs, como proposta de ação surgida no compromisso de uma Igreja Católica aliada às causas populares, mobilizaram a construção de grupos e concomitantemente o avanço do novo feminismo, que surge no Brasil, como afirmam Connel & Pearse (2015). Esses autores referem-se ao trabalho pioneiro de Heleieth Saffiot, “A Mulher na Sociedade de Classes”, publicado em São Paulo em 1969, como—uma teorização marxista – feminista sofisticada sobre o sexo como forma de estratificação social, revelando um balanço detalhado e embasado em estatísticas da divisão sexual do trabalho. Nesse sentido, o presente estudo contribui para reunir evidências sobre essa divisão, considerando o período em questão.

Identificamos nas publicações acadêmicas investigadas que as histórias das mulheres de Volta Redonda, no que concerne ao mundo do trabalho, se apresentam de forma paradoxal, ora se desenvolvendo à sombra das histórias masculinas ou da história das CEBs, ora contribuindo para colocar essas histórias em destaque exatamente pela atuação feminina. No entanto, nas buscas históricas realizadas entre os documentos pertencentes ao sindicato ou aos jornais locais da época, não foi possível encontrar relatos sobre o protagonismo das mulheres em nenhum sentido.

Na análise de livros publicados sobre o movimento sindical considerando a categoria “mulher”, o tema não apareceu de forma significativa, como já citado. Ressaltamos, no entanto, a importância de termos encontrado em uma única publicação realizada pela prefeitura de Volta Redonda, a homenagem a toda uma geração de mulheres que migraram para Volta Redonda na década de 1940 e que participaram ativamente da vida política do município. Como vimos, o livro apresenta uma narrativa política sobre as mulheres até a década de 1990 quando houve a implantação do SUS – Sistema Único de Saúde, o que nos indica que as lideranças femininas foram protagonistas da consolidação de importantes espaços de cuidados para a Saúde da Mulher no Município de Volta Redonda.

Embora os documentos sindicais e a publicação do livro realizado pela Prefeitura Municipal de Volta Redonda sejam de naturezas distintas, podemos afirmar que ambos não consistentes nas citações relativas à história da mulher no Movimento Operário de Volta Redonda. Pudemos também observar que, embora a mulher estivesse no quadro profissional da empresa CSN, ela ficou quase invisível como operária nas publicações do período em questão. Só pudemos encontrar tal registro quando analisamos artigos acadêmicos, atrelados ao surgimento das CEBs, na implantação da Teologia Feminista (TF) da Libertação.

Corroborando com as narrativas das mulheres apresentadas nesse estudo Lassak (2012) afirma que a forma de organização das mulheres com o apoio de religiosas/os construiu um movimento autônomo para reivindicar direito a igualdade de gêneros, tornando-as importantes atoras políticas na luta por direitos.

Se por um lado, considerando a pesquisa documental, observamos a mulher de Volta Redonda sub representada, por outro lado a pesquisa de campo sob a metodologia da Pesquisa baseada em Artes nos revelou narradoras potentes. As mulheres entrevistadas são narradoras que vivem suas vidas sob um discurso do mesmo território, sem nunca terem se afastado de seu país, são pessoas do povo e profundas conhecedoras de suas histórias e tradições.

A leitura de suas narrativas nos traz grandes desafios que nos mobilizam, levantando as seguintes questões: Como reproduzir e divulgar a riqueza das narrativas dessas mulheres de uma forma que não seja demasiadamente técnica e que não se restrinja apenas ao círculo acadêmico das publicações? Como garantir que essas narrativas venham contribuir para o enriquecimento da memória local? Como essas mulheres podem promover noções de representatividade que possibilitem às novas gerações de Volta Redonda resgatar essas histórias e outras memórias?

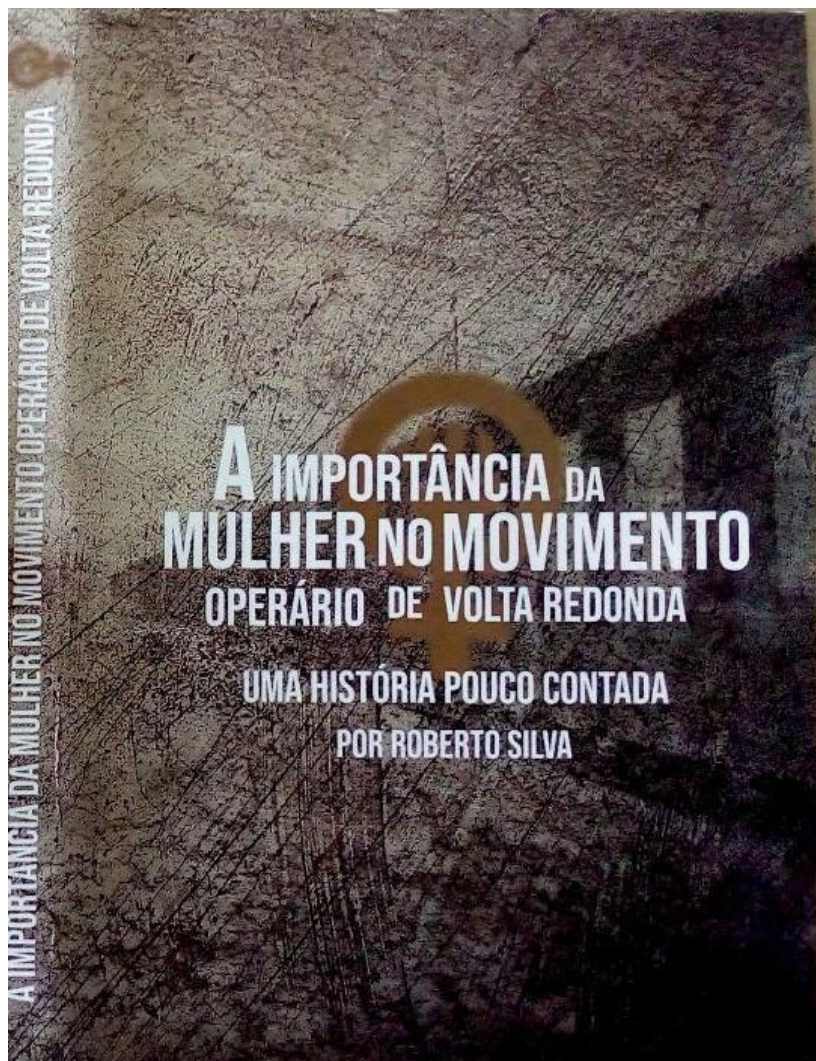
O que nos propusemos neste estudo, tendo como base a história das Mulheres no movimento operário de Volta Redonda, foi ampliar as possibilidades de leitura sobre esse período histórico, de 1940 a 1980, enfocando a importância da educação não formal e suas diversas formas de influência. Também destacamos a importância das referências ligadas à produção imagética, como os filmes, fotografias e monumentos, indicando que ao contextualizar historicamente as produções de arte abrimos possibilidades para análises de relações de poder, de legitimação da fala de determinados grupos, entre outras imagens, ressaltando que essas são construídas em processos de produção de subjetividade.

Nesse constructo, a Pesquisa Baseada em Artes nos possibilitou uma escuta singular de uma narrativa através de imagens, quando utilizamos a Arteterapia como base para que as mulheres convidadas para a pesquisa pudessem se expressar. Como havíamos analisado nas narrativas produzidas nos documentos de pesquisa que aqui nomeamos de Narrativas Acadêmicas, as mulheres que participaram das CEBs, do “novo sindicalismo” e consequentemente das greves de 1984 e 1988 repetem a mesma narrativa através da oralidade, e quando convidadas a desenhar revelaram outros discursos. Quando “escutamos” o discurso dos vídeos com suas edições e supressões estamos escutando o discurso dos montadores, do cinegrafista, do iluminador, atuando sob a estrutura de uma sociedade patriarcal.

Concluimos que, embora o conjunto de narrativas aqui apresentado reúna evidências sobre a força da mulher no período em questão, encontramos, por outro lado, a ausência de uma ação efetiva no âmbito das políticas públicas que fortaleçam práticas emancipatórias em contraposição à prática tutelar do Estado. Podemos pensar nas disputas de poder das facções partidárias que interromperam processos de educação emancipatória de forma violenta, porém sutil, com a crescente política neoliberal, rompendo com o legado construído pelas CEBs. A partir da década de 1990, com a privatização da CSN, cresceu de forma abrupta o desemprego em Volta Redonda e cresceu o número de mulheres chefiando famílias e que, por terem baixa escolaridade, permanecem em subempregos, o que as torna público-alvo dos programas de geração de renda abarcados por políticas de assistência social (SUAS). Hoje, mulheres que participaram ativamente dos grupos de base não se encontram mais mobilizadas, e muitas mulheres dessa geração e das gerações seguintes vivem um momento de segregação ocupacional.

#### 4.6 POPULARIZAÇÃO DA PESQUISA POR MEIO DO AUDIOVISUAL

Desde o estudo na Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde CACS /IOC Fiocruz, iniciada em 2016, surgiu a necessidade de registrar essas narrativas. Assim construímos no grupo de pesquisa Ciência, Arte e Cultura na Saúde, com os estudos da Pesquisa baseada em Artes, o projeto do documentário “A importância da Mulher no Movimento Operário de Volta Redonda” (Figura 24). Apoiados nas pesquisas de Bretas et al (2006), avaliamos que com a crescente popularização das tecnologias de comunicação pela internet, podemos dar visibilidade ampliada a inúmeros temas. Podendo manter ou alterar o debate público, problematizando e tornando o tema conhecido. Assim fornecendo insumos e promovendo a formação de opinião e da argumentação sobre esses temas nas esferas públicas extramidiáticas



**Figura 24** – Capa do DVD A Importância da Mulher no Movimento Operário de Volta Redonda. Produzido pelo autor.

O documentário exibido em sessão do grupo de pesquisa foi avaliado pelo orientador Márcio Luiz Braga de Mello, a coorientadora Maria Paula Bonatto e todos os participantes do grupo de pesquisa. Nessa avaliação, foi tomada a decisão de não apresentar o documentário como resultado de pesquisa da Pós-Graduação em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, pois havia a necessidade de um trabalho de edição para torná-lo menor para a divulgação. Esse registro fílmico foi produzido pelo grupo de pesquisa Arte e Cultura na Saúde com a participação de alunos do curso de graduação de Publicidade e Propaganda do UNIFOA – Centro Universitário de Volta Redonda. Embora o vídeo produzido para ser o trabalho de conclusão do CACS tampouco tenha servido para uma avaliação, pois não foi exibido, decidimos publicá-lo na plataforma *youtube* em 7 de abril de 2021, (Anexo 05). O vídeo obteve 187 visualizações com 7 horas de exibição até a data de 13/10/2021. Para assisti-lo visite a página <https://youtu.be/pqALULrVptE>

A proposta de tornar público este trabalho surge da necessidade de possibilitar que esta narrativa ocupe o lugar de audiência da população nesse novo espaço de disputa pelo poder que são as redes sociais no ambiente da internet. Espaço que se constitui como um potente veículo de ensino formal e não formal. Como afirma Freire (p 108, 2019) “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação e reflexão”.



**Figura 25** – Entrevista com a ex-operária e ativista.  
Imagem Roberto Carlos da Silva – *make off* do documentário.

Atendendo à demanda contemporânea de acesso rápido à informação através das imagens, editamos nossos registros em vídeo de forma a privilegiar uma apresentação dos resultados desta pesquisa. Para isso modificamos a proposta inicial de um documentário, fazendo um vídeo no formato MP4 de 00.02:56 de duração. De forma experimental, representamos nossos dados por meio de desenhos, feitos em uma base branca com caneta piloto. Utilizamos o áudio da entrevista da participante 02 por avaliar que ela trouxe em seu discurso a história que, ao nosso ver, era mais evidenciada nas narrativas audiovisuais e acadêmicas. Registramos com a câmera de um celular, ativando o modo de filmagem *Time-lapse*<sup>5</sup> e realizamos a edição no programa *Youcut* para edição de vídeos. O resumo desta pesquisa foi submetido à avaliação e foi aprovado para participar da Jornada Jovens Talentos do IOC de 2020, (Anexo 01). A forma de apresentação do resumo ocorreu em vídeo. Obteve

<sup>5</sup> *Time-lapse* ou Câmera-Rápida é um processo cinematográfico em que a frequência de cada fotograma ou quadro (frame) por segundo de filme é muito menor do que aquela em que o filme será reproduzido. Quando visto a uma velocidade normal, o tempo parece correr mais depressa e assim parece saltar (*lapsing*). A fotografia *Time-lapse* pode ser considerada a técnica oposta à fotografia de alta-velocidade.  
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Time-lapse>



Menção Honrosa e foi apresentado no evento transmitido online no dia 17 de setembro de 2020, no canal do IOC na plataforma *youtube*. Contemplamos assim um dos nossos objetivos de pesquisa, por meio da elaboração de um vídeo rápido, divertido e que cumpre o papel de divulgação científica.

Para assistir ao vídeo, de 2 minutos e 56 segundos, basta visitar o seguinte endereço eletrônico do Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Saúde (NEACS/IOC/ FIOCRUZ). <https://www.youtube.com/watch?v=llHCZbKxDzw>

Este vídeo publicado em um canal do *Youtube* em 25 de abril de 2021 com o título “Ato experimental CienciArte” (Anexo 03) recebeu 79 visualizações e obteve 1:06 minutos, entendendo que o vídeo apresenta 2:57 segundos. Foi apresentado também no canal do *Youtube* Núcleo de Estudos em Arte, Cultura e Saúde – NEACS tendo como resultado 59 visualizações. (Anexo 04). No canal do Instagram, obteve 194 visualizações, como apresentado no quadro 06. A escolha do canal no *Youtube* se deve à sua popularidade e todos os processos que facilitam a divulgação de conteúdo. Como afirmou Velho (2019), no *YouTube*, os algoritmos filtram, buscam, hierarquizam e recomendam itens – canais, vídeos ou *playlists*. O algoritmo de busca, por exemplo, funciona executando dois processos. Outros autores como Figueiredo, Benevenuto e Almeida (2011), revelam esses dois processos. Em primeiro lugar com itens que combinam com os termos digitados na caixa de busca a partir dos metadados que acompanham cada item, como o título e descrição do vídeo, comentários e likes dos usuários; em seguida, hierarquizando estes resultados a partir de fatores independentes da busca (número de visualizações do vídeo/ canal, tempo de vídeo assistido, número de inscritos no canal) e de fatores contextuais à busca, como o histórico de buscas do usuário ou a frequência de postagem de um certo canal sobre aquele tema. Entendemos que esse tema é vasto e não iremos nos ater a ele nesse estudo, colocamos nosso foco no nosso tema central que se constitui na educação popular e a Pesquisa Baseada em Artes. Leavy (2015) informa que a Internet e as mídias sociais são particularmente importantes para a divulgação de Pesquisas Baseadas em Artes. Freire (2018), nos fala que não há nada que mais contradiga a emergência popular que uma educação que não possibilita ao educando as experiências do debate e da análise dos problemas e que não tragam condições de verdadeira participação. Esperamos que este estudo possa contribuir para suscitar novos debates em espaços que fortaleçam o protagonismo da mulher e os processos de ensino não formal.



### Resultado da Divulgação da Pesquisa nas Redes Sociais

Vídeos/Canal/Youtube/ Instagram	Alcance	Tempo de Tela	Taxa de Rejeição
Importância da Mulher no Movimento Operário de Volta Redonda.	187 visualizações	7 horas	0
Ato experimental CienciArte	79 Visualizações	1:06 minutos	0
NEACS	59 Visualizações		
Instagram	194 visualizações		
<b>Total</b>	<b>519 visualizações</b>		

**Quadro 06** – Divulgação Científica.  
**Fonte:** Resultados do presente estudo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmamos o objetivo principal deste trabalho, no sentido de pesquisar a participação da Mulher no Movimento Operário de Volta Redonda, tendo como base os princípios da Educação Popular na metodologia de Pesquisa Baseada em Artes, considerando o recorte histórico das décadas de 1940 a 1980.

Do ponto de vista metodológico concluímos que os desafios da Pesquisa Baseada em Artes são muitos, considerando abordagens transdisciplinares e experimentais características da CienciArte, mas que têm em o fato de que, ao acionar o pensamento e reflexões por meio do criar artístico, abrem possibilidades de construção de conhecimentos que ampliam narrativas, contribuindo para novos discursos e representatividades, frequentemente remetendo a questões que não foram previstas. Também revelam fenômenos que estão obscurecidos ou ocultados, principalmente quando utilizamos um mosaico de estratégias cujos resultados comentamos a seguir: Importante destacar que o fato de termos utilizado um vídeo como forma de registro dos depoimentos das mulheres propiciou a construção de um lugar de observação dos fenômenos que preserva imagens, palavras e entonações, ou seja, permite um contato próximo da linguagem afetiva das mulheres, por meio das histórias que nos emocionam revelando a potência da Pesquisa Baseada em Arte. Isso possibilita uma dimensão a mais na percepção dos fatos. Essas narrativas nos revelam ainda que as mulheres, ao cumprirem o papel do cuidado, da manutenção da estabilidade doméstica, estavam alimentando a da construção de uma consciência política sustentada por muitos homens que aparecem nas fotos de greves, sustentando a resistência lado a lado, as evidências indicam que houve muitas mulheres por trás daquelas presenças. O processo de construção das narrativas também se mostrou como uma “terapêutica” para todo o grupo, se enfocarmos o de terapia como um processo reflexivo e de autoconhecimento.

Como resultado desse processo, avaliamos que as narrativas das mulheres e suas representações simbólicas por meio dos desenhos da linha da vida, são representações de um discurso construído dentro dos espaços de militância sindical, que está espelhado nas narrativas acadêmicas e, por outro lado, interdito nos documentos audiovisuais analisados. Quanto à narrativa política as visões apresentadas se restringem a homenagens póstumas não fortalecendo o papel das mulheres vivas e atuantes nos movimentos políticos do presente.

Como afirma FOUCAULT (2015, p.84), "em nossa sociedade, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão, tendo como o mais familiar a interdição; sabe-se que não se tem permissão de dizer tudo, que não se pode falar de tudo". Observamos nas narrativas da

participante 02 uma preocupação em repetir cautelosamente sua história, consciente de sua representatividade e também do que ela estava autorizada a dizer diante das interseccionalidades vivenciadas enquanto mulher negra, trabalhadora e militante. Davis (2018) afirma que a interseccionalidade é a interação de múltiplas identidades e experiências de exclusão e subordinação. Nesse sentido, o espaço criado pela pesquisa para a fala dessas mulheres reforça sua luta por superar esses limites, o que pode ser interpretado a partir do conceito de “lugar de fala”, que se apresenta na teoria crítica feminista como um ato identitário. RIBEIRO (2017, p. 33) ressalta que o termo *lugar de fala* aparece na teoria da comunicação, mas para além dessa conceituação dada pela comunicação, não há uma epistemologia determinada sobre o termo “lugar de fala” especificamente. A origem do termo é imprecisa, com possibilidade de ter surgido a partir da tradição de discussão sobre o *feminist stand point* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista”. Ponto de vista este que abraçaria também o compasso da diversidade teoria racial crítica e do pensamento decolonial. Observamos que o processo estabelecido em nossa pesquisa de campo convoca essas mulheres a assumirem seu “lugar de fala” de modo a trazer as narrativas das experiências que vivenciaram no passado, organizando seu pensamento e produzindo reflexões que aportam novos conhecimentos para fortalecer as lutas e questões do presente. Assim, o estudo busca criar um espaço de interação a partir das narrativas dessas lideranças em diálogo com outras formas de linguagens acessando o território da internet, tornando possível uma escuta multidimensional das narrativas citadas neste trabalho, buscando ainda ampliar o resultado e a discussão deste estudo para além do espaço acadêmico.

Acrescentamos que o processo vivenciado em nossa pesquisa, marcado pela crescente onda fascista no mundo e pela emergência da pandemia de COVID-19, está marcado por uma crise que se caracteriza, entre muitos outros fatores, pela necessidade de se criar novas formas de comunicação. Observamos que esta crise agravada pelo isolamento dos protocolos de segurança, fez surgir a legitimação da internet como espaço de posicionamentos com ampla abrangência de vários discursos. Entre estes podemos observar que as mulheres citadas neste estudo estiveram em evidência em *lives*, debates *online*, realizando enfrentamentos e posicionamentos políticos. A participante 02 concorreu nas eleições de 2020 como candidata a vereadora, no entanto a população de Volta Redonda não elegeu nenhuma mulher para a Câmara de Vereadores da cidade. Tal fato corrobora os resultados de nosso estudo que aponta para uma visão conservadora da sociedade de Volta Redonda que, por meio de sua narrativa política, se limita às homenagens póstumas feitas às mulheres e à falta de reconhecimento da importância das lideranças que estão vivas e ativas. Isso nos fez refletir sobre a necessidade

de se valorizar e fortalecer a representatividade destas militantes, resgatando seu papel na história e fornecendo elementos para a formação de novas lideranças, enfatizando a importância dos processos de educação não formal.

Ao analisar aspectos históricos a partir das narrativas sobre e das mulheres operárias sob os enfoques acadêmico, político, audiovisual e das próprias mulheres pudemos sistematizar evidências do papel da mulher nos processos de educação não formal atingindo não apenas o operariado da CSN como também outros setores da população. Verificamos também que os processos educativos se desdobraram em diversas influências políticas sobre a sociedade desse período, o que corrobora o papel das CEBs e sua metodologia de Educação Popular como extremamente eficazes no sentido de reverter as interseccionalidades que legam à mulher um papel subalterno para que possam alçar o protagonismo no sentido da emancipação não apenas da mulher, mas de toda a sociedade sobre a qual atuam. Esse processo, no entanto, precisa ser continuado para que as transformações almejadas atinjam as raízes estruturais de nossa sociedade que se encontram ainda tomadas por uma forte composição opressora da mulher e da sociedade como um todo, desvalorizando trabalhos construídos coletivamente, com suor, no sentido da emancipação social.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO-JORGE, T. C. et al. CiênciArte no Instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiências na construção de um conceito interdisciplinar. *Ciência e Cultura*, v. 70. n. 2. p. 25-34. Rio de Janeiro. 2018
- BARATA, Rita Barradas. *Como e Por Que as desigualdades Sociais Fazem Mal à Saúde*. 1ª. Ed: editora Fiocruz. Rio de Janeiro. 2009.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. 2ªed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2009
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. I Obras Escolhidas – Editora Brasiliense – Nova Edição. 8ª Ed: 2012.
- BERTAUX, D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo; Ed: Paulus, 2010.
- BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BOFF, L. *Igreja Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. (Org). *A Teologia da Libertação Balanços e Perspectivas*. São Paulo: Ática, 1996
- BRETAS, Beatriz. (org.). *Narrativas Telemáticas*. 1º. Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 2006.
- BRUSCHI, Michel Euclides; GUARESCHI. Neusa Maria de Fátima. *A Psicologia Social nos Estudos Culturais*. 1 Ed Vozes. Petrópolis. 2003.
- CAMPOS, R. H. F. Tendências no estudo da evolução da psicologia na América Latina: ensaio de historiografia quantitativa. In: CAMPOS, R. H. F. GUARESCHI, P. A. *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CASTAÑÓN, Gustavo Arja. *Construccionismo social: uma crítica epistemológica*. Vol. 12. *Temas em Psicologia da SBP—2004*.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos. Mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números*. 27ª edição. Rio de Janeiro, José Olympo, 2015.
- COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, *Relatórios Oficiais – Parte II. As Estruturas do Estado e as Graves Violações de Direitos Humanos*, 2004. Disponível em: [https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/relatorio/volume\\_1\\_pagina\\_83\\_a\\_274.pdf](https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/relatorio/volume_1_pagina_83_a_274.pdf). Acesso em 01.06.20.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: Uma perspectiva Global*. 1ª Ed: Versos Editora. São Paulo.2015.

COSTA. Tânia Bassi. Gênero e Trabalho na “Cidade do Aço”. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.

\_\_\_\_\_. As “Vira-latas” e o trabalho feminino na Companhia Siderúrgica Nacional: Gênero e Memória. Atas do II Encontro Nacional do GT Estudos de Gênero. Rio de Janeiro, 2016.

CZERESNIA, D, Freitas CM (org.). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. P.39-53.

DA SILVA, Leonardo Ângelo da. Industrialização, relações de Classe e participação Política: Da criação da CSN à Emancipação de Volta Redonda. Dissertação de Pós-Graduação em História. UFRRJ. Nova Iguaçu, 2010.

DA SILVA, Leonardo Ângelo. Volta Redonda em preto e branco: nacional desenvolvimentismo, trabalhismo e democracia racial (1953 a 1955). XXIX Simpósio de Nacional de História. Contra o preconceito: História e democracia, 2010.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe São Paulo, Bomtempo, 2016.

ESTEVEZ, Alejandra. Igreja Católica em Volta Redonda: Configurações e Enquadramentos. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

FARIA. Camila. As Comunidades Eclesiais de Base no processo de organização política do movimento popular por moradia no município de Volta Redonda (1970-1980). Dissertação de Mestrado em Política Social, Universidade Federal Fluminense: Escola de Serviço Social, Niterói: 2013

FAZENDA, Ivani C. A. (org.). Didática e Interdisciplinaridade. Ed: Papyrus. Campinas, São Paulo, 1998.

FRANÇA. Vera. (org.) Narrativas televisivas: programas populares na TV.1º. Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 2006.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. Que fazer teoria e prática em educação popular. Editora Vozes, Petrópolis – 4º edição .1993

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam Coleção polêmicas do nosso tempo; Vol. 4. Ed: Autores Associados: Cortez, São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. Extensão ou Comunicação. Vol. 24. Ed: Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1983.

\_\_\_\_\_. Educação como prática da Liberdade. Vol. 43. Ed: Paz e terra, Rio de Janeiro/São Paulo,2018.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. Vol. 67. ED: Paz e Terra. Rio de Janeiro- São Paulo, 2019.

FIGUEIREDO, F. BENEVENUTO, F.; ALMEIDA, J. The Tube over Time: Characterizing Popularity Growth of YouTube Videos. In: Fourth ACM international conference on Web



search and data mining, Hong Kong, China, fev. 2011. Disponível em <<https://dl.acm.org/citation.cfm?id=1935925>>. Acesso em 25 de novembro de 2021.

FONTES, Ângela Maria Mesquita; LAMARÃO, Sérgio Tadeu Niemeyer. Volta Redonda: história de uma cidade ou de uma usina? Revista do Rio de Janeiro – dezembro.2006, p.18-19.

FONTOURA, H.A. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa. Niterói: Intertexto, p. 61-82, 2011.

FOUCAULT, Michel. Gênese e Estrutura na Antropologia de Kant – A Ordem do Discurso. Vol. 6. ED: Folha de São Paulo. São Paulo.2015.

GOHN. Maria da Glória. Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. Ed: Edições Loyola. São Paulo. 1997.

GOHN. Maria da Glória. Teoria dos Movimentos Sociais e Luta por Moradia. Ed: Edições Loyola. São Paulo. 1991.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes. 1986.

GUIMARÃES, César. (org). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. 1º. Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 2006.

KIM, Jeong-Hee. Understanding Narrative Inquiry: The Crafting and Analysis of Stories as Research. 2015.

KINCHELOE, Joe L; McLAREN, Peter. Repensando a Teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.) O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.p. 281-314.

JUNG. Carl Gustav. Fundamentos de Psicologia analítica. 3º. Ed. Vozes. Petrópolis. 1985.

JUNIOR. Edson Teixeira da Silva & Col. A Greve Continua! Algumas Considerações Historiográficas Sobre os Movimentos Grevistas de Volta Redonda. Cadernos UniFOA edição nº 07. Volta Redonda agosto. 2008.

LANG. Gerhard Dilger. Filho. Jorge Pereira (Orgs). Descolonizar o imaginário: Debates pós-extrativismo e Alternativas ao desenvolvimento. 1ª. Ed Fundação Rosa de Luxemburgo. Editora: Elefante. São Paulo. 2018.

LASSAK. Sandra. Comunidades de Resistência e Libertação. A Influência da Teologia (Feminista) da Libertação no Movimento de Mulheres Camponesas. Caminhos: Revista de Ciências da Religião, v. 10, n. 2, , jul./dez. Goiânia, 2012, p. 90-109.

LAVERACK, Glenn. Health promotion practice: power and empowerment. ED Sage. London, 2004.

LEAVY, Patricia. *Method Meets Art, Second Edition: Arts-Based Research Practice*. Guilford Publications, 2015.

LEAVY, Patricia. *The Oxford Handbook of Qualitative Research*. ED Oxford University, New York, 2014

LEAVY, Patricia. *Essentials of Transdisciplinary Research: Using Problem-Centered Methodologies*, 2011. ED Taylor & Francis. New York, 2016.

LESBAUPIN, I. *Comunidades de Base e Mobilização Social*. Revista Praia Vermelha 14 – Estudos de Política e Teoria Social. Rio de Janeiro, UFRJ, 2005.

LOBO, Elisabeth Souza. *A Classe Operária Tem Dois Sexos – Trabalho, Dominação e Resistência*. 2ª ed. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2011.

McNIFF, Shaun. *The Arts and Psychotherapy*. 1ª. ED: Charles C Thomas. Publisher. Springfield. Illinois, New York. 2011.

\_\_\_\_\_. *Art Based Research*. 1ª. ED: Jessica Kinsley. Publisher. London and Philadelphia. 1998.

\_\_\_\_\_. *Trust the Process: Na Artist's Guide to Letting Go*. 1ª ED: Shambhala Publications inc. Boston, Massachusetts. 1998.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. 2 eds., 5ª Reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG Art). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 1ª ed. Vozes: Petrópolis, 2000.

MONTEIRO, Geraldo Tadeu Moreira. *Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: 50 anos Brasileiros*. Rio de Janeiro: FSB Comunicações, 1995.

MONTEIRO, Marli Piva. *O carteiro e/ou o poeta*. Estudos de Psicanálise, n.31, outubro. Salvador, pp 124-127, 2008.

NASSER, Ana Cristina. (ORG. Art). *A pesquisa quantitativa: enfoques epistemológicos*. 2.ED. vozes. Petrópolis. 2010.

NODARI, F e Col. *Contribuição do Maxqda e do NVivo para a Realização da Análise de Conteúdo*. XXXVIII Encontro da ANPAD. 13 a 17 de setembro. Rio de Janeiro. 2014.

OLIVEIRA M.O, CHARREU L.A *Contribuições da perspectiva metodológica “investigação baseada em artes” e da A/R tografia para pesquisa em educação*. Educação em Revista. v.32. n.01|p. 365-382 |janeiro-março Belo Horizonte 2016.

PAIVA, A. *A vida e os segredos do criador de Volta Redonda*. Diário do Vale, Volta Redonda, 19 de julho de 2015. Bastidores e Notas. Disponível em: <https://diariodovale.com.br/colunas/a-vida-e-os-segredos-do-criador-de-volta-redonda/>. Acesso em 25.05.20.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos. Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018

REVOLUÇÃO DE 1930. FGV CPDOC. Dicionário de Verbetes. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolucao-de-1930-3>. Acesso em 10.05.20.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? (Feminismos plurais). Belo Horizonte, MG: Editora Letramento: Justificando, 2017. Edição do Kindle.

ROOT-BERNSTEIN, R.; ROOT-BERNSTEIN, M. Centelhas de Gênios: Como pensam as pessoas mais criativas do mundo. São Paulo: Nobel, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 22 • dezembro 2003

\_\_\_\_\_. O que é semiótica, Editora Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. Leitura de Imagens. 1ª ed. Melhoramentos. São Paulo 2012.

SANTOS, Thalita Barros da. A mulher na luta: representatividade e gênero. Monografia apresentada ao Curso de Administração Pública. Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2018.

SCHMIDT, Mario Furley. Nova História Crítica. 1ªed. Editora Nova Geração. São Paulo, 2011.

SEABRA, Carlos & Col. Miniguia de produção de vídeos de curtíssima metragem. 1ª ed. Instituto Claro. Rio de Janeiro, 2009.

SERQUEIRA, R. Bispo lembra a resistência contra a ditadura. Comissão Nacional da Verdade – Outros destaques, 13 de setembro de 2013. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/outros-destaques/330-bispo-lembra-momentos-de-resistencia-contr-a-ditadura-militar>. Acesso em 20.03.20.

SILVA. Roberto Carlos. O Cinema e a Literatura como Promoção de Saúde do Idoso: uma história de educação popular em Volta Redonda. Monografia da Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde. Instituto Oswaldo Cruz, FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 2018.

SOARES. Paulo Célio. As Lutas pela Redemocratização em Volta Redonda (1974-1979). REVISTA EPISTEME TRANSVERSALIS – V. 4, N.2, 2013.

TORRES, R. M. (org.). Educação Popular: um encontro com Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1987.

URRUTIGARAY., Maria Cristina. Arteterapia e a Transformação pessoal pelas imagens. 5ª. Ed: Wak Editora. Rio de Janeiro. 2011.

VASCONCELOS, E. M. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. *Physis: revista de saúde coletiva*, v. 14, p. 67-83, 2004.

VAZ, Paulo Bernardo (org.) *Narrativas fotográficas*. 1º. Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 2006.

VIEIRA, Sergio. *Mulheres de Volta Redonda: A trajetória de Mulheres Revolucionárias*. 1ª. Ed. Gráfica e Editora Ano Bom. Barra Mansa, 2013.

VEICHI, Luís Gustavo. A Hermenêutica Junguiana em estudo: Aplicações possíveis em pesquisa qualitativa em psicologia. *Revista de Psicologia*. Vol. 09. N2, p.21-30. Fortaleza. 2018.

VENÂNCIO, G. M. Lugar de Mulher é... na fábrica; Estado e Trabalho Feminino no Brasil (1910-1934). In: *História Questões e Debates*. Curitiba: Editora da UFRP, 2001.

VERAS, Renato. *Terceira Idade: Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. 3ª ed. Relume Dumará, |UnATI/UERJ. Rio de Janeiro.1995.

## APÊNDICES E ANEXOS

### - Narrativas orais transcritas a partir das entrevistas gravadas em vídeo.

#### • Participante 01

*Uma amiga perguntou-me como eu iniciei nessa história, aí você começa a pensar, não é de agora, mas como aconteceu? Eu atribuo que foi no meu ginásio, no Espírito Santo, em uma cidadezinha do interior que era um colégio interno, até de rapazes, internos praticamente do Brasil todo. Lá já existia grêmio, grêmio com eleição com pichação de muro na rua, era muito interessante! E isso, eu já participava! Tinha as sessões de grêmios com todos os meios culturais, literatura, uma leitura a cada 15 dias: leitura de vida de um escritor; tinha poesia, tinha música e ali eu comecei a ver esse mundo da cultura. Vim para Volta Redonda, já existia a Associação Volta Redondense de Estudantes. Eu fui secretária dessa associação. Nós nos reuníamos aos sábados e tinha jogos estudantis na associação que organizava. Era um período bastante interessante. Veio o Golpe de 1964, foram todos destruídos: os arquivos, as atas etc. Aí começo a trabalhar e estudar. Aqui não tinha faculdade, não tinha como sair daqui (Volta Redonda). Até que abriu faculdade em Valença, quando foram criadas as fundações. Eu fui para Valença estudar, fazer matemática lá. Vamos para o diretório! No diretório acadêmico, promovendo também as coisas. Aí tivemos a ousadia de levar a peça do Plínio Marcos: “Dois Perdidos Numa Noite Suja”, com os atores mesmo! E foi muito bom! E, como eu penso, não fui preta (ato falho, a participante queria dizer “presa”) não sei por quê. Mas o presidente levou lá, ele me falou esses dias, que ele levou lá uma reprimenda. Aí, daqui (Volta Redonda) dando aula, assembleia e reuniões e tal, foi criado o sindicato dos professores. Fiz parte da diretoria também e fui uma das fundadoras do sindicato. Esse sindicato, na época, eu acho que até por medo dos diretores, não tinha uma militância ativa, era burocrático. Ia para aquelas reuniões no Brasil inteiro, mas eram coisas, não construíam uma consciência na categoria. Aí veio na rede pública no Estado, o movimento de greve. Aí foi criado o Centro Estadual de Professores (CEP), avançou e virou o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação que é o SEPE hoje, com “S”. Aí vivemos muitas coisas: fui secretária regional dessas cidades que tinham um movimento. Piraí tinha um movimento, eu ia para lá. Barra do Piraí tinha movimento. Eu ia para lá. Uma vez eu vim sozinha de Paracambi à noite. Depois de ter participado de uma reunião em Paracambi, eu vim para casa. Então, foi uma militância bem forte, bem significativa também. Você fazia, despertava consciência nos professores! O movimento do Sindicato foi muito bom! Aí, o Sindicato é Pouco né? Aí, vamos para o partido político. Aí, eu fui para o PT (Partido dos Trabalhadores) após a abertura e estou até hoje. Junto com isso eu tive a ideia de abrir uma livraria. Não faço a ligação com a militância, mas ela se tornou um espaço da militância, espaço da cultura, espaço de eventos. As pessoas sentavam no chão para discutir Movimento Negro, começamos a trazer escritores, tanto como Lélia Gonzalez, aquela... Neusa (Santos Souza) do “Tornar-se Negro”, José Louzeiro, foi o primeiro escritor que veio*

*aqui. Trouxemos Carlos Eduardo Novaes, Palestra com Luiz Carlos Prestes, Darcy Ribeiro... Fizemos muita coisa! Então a Livraria tornou-se um irradiador de cultura! Ela existe até hoje! Mudou de nome agora, mas o legado está aí! Mas a atividade vai continuar, com certeza! Nessa militância política nós conseguimos, em 1992, eleger o prefeito do PSB, com aliança com o PT. Aí eu cheguei a assumir a Secretaria de Educação, por pouco tempo, por cinco meses, mas, uma experiência bem interessante! E a gente está aí! Continua a luta, não dá pra parar! O retrocesso é muito grande! Acho que Volta Redonda andou bastante para trás, com todas essas conquistas que tiveram aqui, o poder público, na minha avaliação, nunca participou e gostou dessas coisas. Você promover cultura nos bairros, como foi aquela proposta do Gilberto Gil, como ministro da Educação. Eu assistia muito na TV Brasil o que acontecia no Nordeste, no Sul, coisas maravilhosas! Tudo isso está parado ou destruído! E esse poder público não tem visão de nada da cultura! Não sei o que vai ser, mas a gente continua na luta para tentar mudar isso!*

- **Participante 02**

*É uma linha do tempo bastante resumida, a minha história. É que ela começa, comecei como aluna do Colégio Nossa Senhora do Rosário. Meus pais são sergipanos, vieram para Volta Redonda para construção da CSN e colocaram os filhos para estudar. Sempre pensando no melhor para os filhos. Eu estudava no Colégio Nossa Senhora do Rosário, que é um colégio considerado tradicional da cidade. Mas para mim ele trouxe essa inspiração. (É) que lá no Rosário, nós trabalhávamos lá e aí fui ser catequista. Catequista lá na Califórnia, um bairro da periferia, limítrofe aqui da cidade. E nesse colégio, nessa, já lá como catequista, eu percebi uma situação muito diferente da situação que eu estava acostumada. Eu morava no Bairro Aterrado (refere-se ao Bairro Central de Volta Redonda em contraste com a realidade da periferia), e era uma situação muito difícil daquelas crianças. Esgoto a céu aberto, uma pobreza extrema! E isso começou é... a me trazer algum questionamento. Depois participei de um grupo de jovens também, que trazia essa visão crítica da sociedade, percebendo mais essa situação. E da igreja católica. Comecei na igreja católica através da pastoral operária da minha comunidade que é a Nossa Senhora das Graças. Ali, trabalhando mais com os movimentos sociais, começando a trabalhar com a Pastoral Social e percebendo essa situação toda, de diferença, de discriminação na sociedade, dificuldade dos trabalhadores, e me engajei na pastoral operária. Engajei-me na pastoral operária, que era um movimento que tinha, da igreja católica da diocese Barra do Piraí, Volta Redonda, e ali já tinha também uma comissão de direitos humanos. Então se achava assim: se articulando todos esses movimentos da diocese e na pastoral operária, que é onde nós trabalhávamos mesmo, mais diretamente vinculado à luta dos trabalhadores, não só da CSN, mas também nas outras categorias: construção civil, comerciários, domésticas... E dentro da pastoral operária nós conseguimos, começamos a perceber um pouco essa situação, naquela época da década de 1970, essa situação da carestia, inflação que era muito alta... E foi criado ali um movimento contra a carestia: o movimento da pastoral operária. Trabalhando com isso, tinha muitas*

*mulheres na pastoral operária e aí começaram a fazer pesquisas nos mercados: pesquisa de preços, pesagem do gás... e começamos a divulgar e a fazer uma divulgação disso para as comunidades, mais para igreja e também para as comunidades, fazendo atas, boletins, panfletos, e distribuindo nas cidades. Então ali começamos esse movimento com muitas mulheres participando. E dali, da pastoral operária, surgiu a Organização Pastoral de Mulheres, que nós criamos e que acabou... Ela foi retirada... Ela nasceu dentro da Pastoral Operária a partir da percepção também, que tinha... a mulher tinha alguns problemas específicos e um dos maiores problemas era a violência e a falta de acesso à saúde. E criamos esse movimento, essa organização popular de mulheres ali, com a participação grande de muitas mulheres! Fizemos, com esse movimento contra a carestia, as primeiras passeatas. Uma das passeatas maiores que tivemos em volta Redonda: a Passeata contra a Carestia, que foi muito interessante, tendo assim a Passeata da Panela Vazia! Esse trabalho todo sendo feito a partir da igreja, com o movimento de mulheres nascendo dali. A organização de mulheres nascendo dali.*

*Fizemos uma pesquisa sobre violência na delegacia, fazendo esse levantamento e começamos a trabalhar um pouco essas questões mais específicas das mulheres. Ainda na década de 70 eu fui trabalhar na CSN. E também, dentro, como funcionária da CSN, começamos a participar, também impulsionadas pela pastoral operária... (começamos a) perceber aquela situação dos trabalhadores, de exploração de problemas de saúde, uma série de problemas enfrentados pelos trabalhadores daquela época e começamos a pensar e criar... Aí nasceu também a Oposição Sindical Metalúrgica e eu me engajei. Estava também participando desse movimento, dessa oposição sindical metalúrgica e acabava vinculando o trabalho, que era também da diocese, trabalho com mulheres (risos), militando com Mulher também na oposição sindical metalúrgica. Na época, eu era a única mulher, depois surgiu mais uma que era nossa companheira Dodora, que também trabalhava na CSN, participando mais ativamente. Tinha outras também que participavam de uma forma mais afastada. Mas tinham duas que também participavam: a Leila, que estava participando também conosco das reuniões e dentro da oposição sindical metalúrgica... Essa foi a grande conquista que nós tivemos com relação ao Sindicato dos Metalúrgicos, que estava na mão dos pelegos da época em 1983. Na eleição para a presidência do Sindicato, já disputando, foram cinco chapas naquela época. Nós... Participei de uma chapa que estava encabeçada pelo José Emídio e tinha a chapa que era do Juarez Antunes, que foi constituída a grande liderança do movimento Sindical de Volta Redonda. E em 1983, nessas eleições, o Juarez foi eleito e não pôde tomar posse. Teve um problema, que foi detectado, de fraude, uma série de coisas... E aí, o Juarez, foi constatado que ele tinha sido eleito, mas impedido de tomar posse. E nisso, criaram uma junta governativa que ficaria na condução do Sindicato, até que essa situação fosse resolvida, e que o presidente pudesse tomar posse, ou através de uma eleição ou o próprio Juarez mesmo que pudesse tomar posse sem eleição, que ele pudesse tomar posse! E nessa junta governativa, eu fui indicada pela chapa vencedora que foi a chapa do Juarez, para fazer parte dessa chapa governativa. Fui a única mulher a participar e ainda fiquei nessa junta governativa, esse*

*trabalho voltado para a participação das mulheres no sindicato! Era um momento em que tinha poucas mulheres trabalhando, que se envolviam no movimento sindical. No movimento popular da cidade, tinha um grande departamento de mulheres na CSN que eram Chamadas Vira Latas, mas com o pouco envolvimento político dessas mulheres era mais difícil. Mas nós tínhamos algumas mulheres e começamos a trabalhar mais voltadas com as mulheres dos operários, com as mulheres dos trabalhadores. E aí fazíamos as assembleias nos bairros. O movimento sindical naquela época, em 1983, e já iniciamos esse trabalho, na oposição sindical metalúrgica. E nós trabalhávamos nos bairros, não só dentro da sede do sindicato, mas trabalhando com os movimentos organizados na cidade, fazendo assembleias, reuniões e, nisso também, participando, trabalhando com as mulheres dos trabalhadores. A organização popular de mulheres acabou assumindo também essa organização de mulheres. Depois dessa eleição, de 1983, foi quando tivemos, como Solange já citou, a grande greve de Volta Redonda que foi a greve de 1984, com um grande envolvimento das mulheres da cidade. Foi uma greve de ocupação, uma greve onde as mulheres também participavam na porta da CSN nos Piquetes e, depois, durante a greve. Sendo uma greve de ocupação, a CSN cortou a alimentação e aí as mulheres se reuniram em algumas comunidades no entorno da CSN: Conforto, Nossa senhora das Graças e Retiro. Fazendo, criando ali grandes refeitórios, fazendo a alimentação que se fornecia dentro da CSN para dar sustentação, para que eles não desistissem da luta, não saíssem da CSN por falta de alimentação. Então o Movimento de Mulheres teve esse papel que foi importante, naquele momento, para sustentação daquela greve. Esse movimento, sendo ampliado para toda Volta Redonda, através da diocese. Nós tínhamos a organização social, uma organização popular muito grande, vários movimentos populares naquela época. Também, década de 70, década de 80, nós tínhamos uma presença muito forte das associações de moradores. Então, essa articulação, essa integração dos movimentos, foi fundamental para a organização dos trabalhadores, para a manutenção daquela greve 84. As mulheres, falando mais especificamente da organização das mulheres na cidade, naquela greve de 1984, depois que os trabalhadores desocuparam a empresa, tinha as grandes passeatas dos trabalhadores saindo. E assim, um momento que me chamou muito atenção e que até hoje me fala muito disso, que é a história do saudosismo (riso contido). Mas que nós mulheres... a polícia, quando chegava para agredir os trabalhadores, para que eles não fossem agredidos, durante toda aquela passeata que saiu da CSN, daqui da Vila Santa Cecília até a praça da prefeitura e a polícia chegando, as mulheres fizeram um grande corredor no entorno, ao lado dos trabalhadores, como uma forma de proteção. Naquela época as polícias não batiam em mulheres (risos), então, hoje mudou. Mas naquela época não. Então era aquele grande corredor, os trabalhadores no meio e as mulheres enfileiradas ao lado. Esse era um momento muito importante, um momento muito rico para nós. Acho que foi um dos grandes momentos que tivemos na cidade. E depois, nessa organização, todas as outras greves, os movimentos de trabalhadores, não só da CSN, mas também dos professores do SEPE, as mulheres sempre estiveram presentes em uma organização importante. Então, acho que essa história que nós vivemos, ela foi muito rica na construção da*



*consciência sindical popular, da consciência política na cidade de Volta Redonda! E essa consciência, essa organização, nós devemos ao Dom Waldyr Calheiros de Novaes, bispo da cidade. Um grande incentivador, uma pessoa que veio para cá, para diocese, em 1966. E ele foi fundamental nessa organização. Na organização da igreja, na organização dos trabalhadores... era um incentivador, estava sempre presente, sempre próximo e conseguimos criar nesta cidade... tivemos momentos fortes na cidade! Na época da Constituinte, Pró-Constituinte... também nos organizamos muito para isso, recolhendo assinaturas, discutindo quais eram nossas reivindicações para aquela constituinte, o que nós queríamos ver de fato na constituinte. Então, essa luta, mais voltada para a organização popular, para os conselhos de direitos, que, naquela época, para nós, era fundamental essa participação popular, importante! Então, naquela época tivemos toda essa construção da luta, não só da cidade, mas também participamos da construção da organização, em nível de estado e nacional, como participamos da Constituição Federal! E foram várias pessoas à Brasília, levando as assinaturas que foram recolhidas aqui: homens, mulheres trabalhadoras de diversas categorias, então, fomos várias vezes à Brasília! Tivemos uma forte participação nessa organização social, nessa organização popular da cidade! Hoje, um pouco me... Hoje bem menor né? Nesse movimento, há uma perda muito grande nisso! Participamos da organização da Central Única dos Trabalhadores, do Partido dos Trabalhadores, como Solange já disse, na construção de um partido que, pensávamos que construir um partido, seria um partido de referência dos trabalhadores na construção de direitos, de salários iguais, para homens e mulheres.*

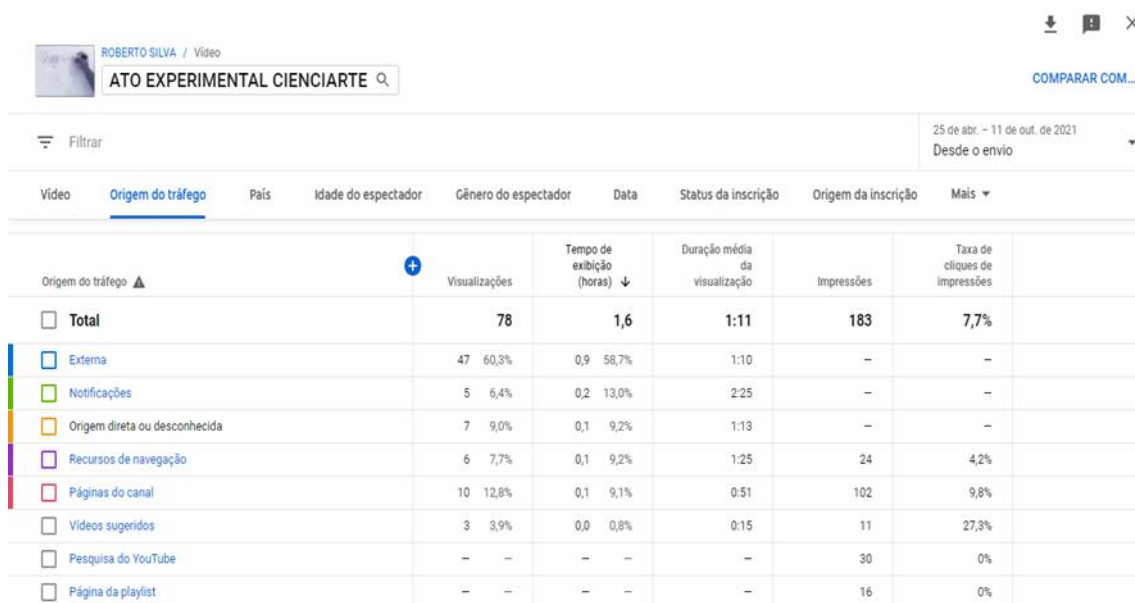
## ANEXO 01 – CERTIFICADO JOVENS TALENTOS 2020



## ANEXO 02 – CERTIFICADO PALESTRANTE INSTITUTO OSWALDO CRUZ



## ANEXO 03 – ATO EXPERIMENTAL CIENCIAARTE



ROBERTO SILVA / Video

ATO EXPERIMENTAL CIENCIAARTE

COMPARAR COM...

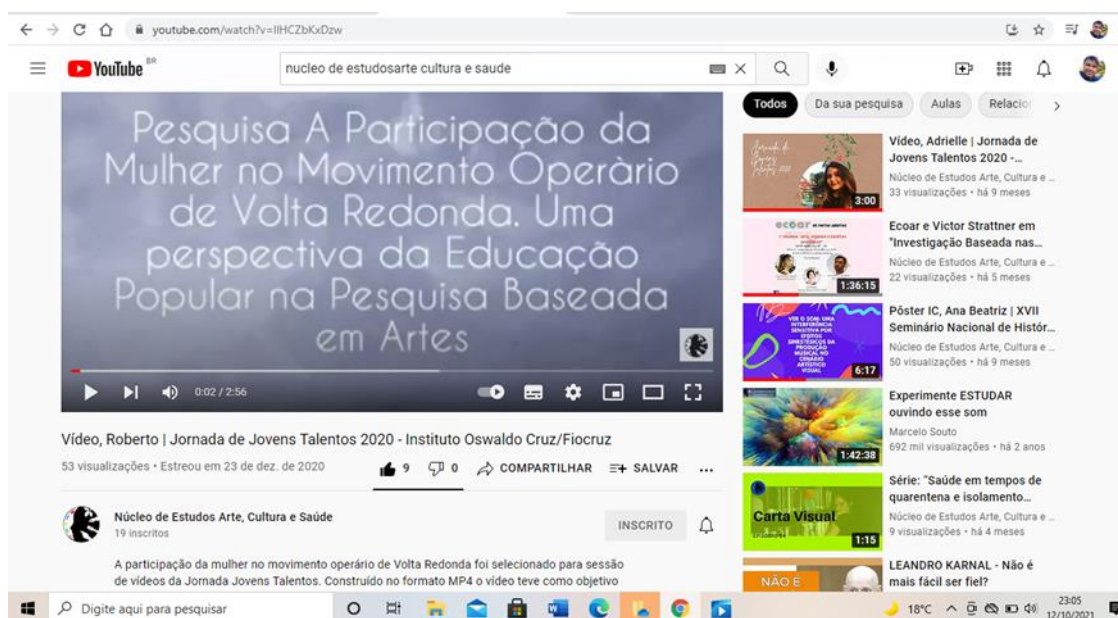
Filtrar

25 de abr. - 11 de out. de 2021  
Desde o envio

Vídeo **Origem do tráfego** País Idade do espectador Gênero do espectador Data Status da inscrição Origem da inscrição Mais ▾

Origem do tráfego ▲	Visualizações	Tempo de exibição (horas) ↓	Duração média da visualização	Impressões	Taxa de cliques de impressões
<input type="checkbox"/> Total	78	1,6	1:11	183	7,7%
<input type="checkbox"/> Externa	47 60,3%	0,9 58,7%	1:10	–	–
<input type="checkbox"/> Notificações	5 6,4%	0,2 13,0%	2:25	–	–
<input type="checkbox"/> Origem direta ou desconhecida	7 9,0%	0,1 9,2%	1:13	–	–
<input type="checkbox"/> Recursos de navegação	6 7,7%	0,1 9,2%	1:25	24	4,2%
<input type="checkbox"/> Páginas do canal	10 12,8%	0,1 9,1%	0:51	102	9,8%
<input type="checkbox"/> Vídeos sugeridos	3 3,9%	0,0 0,8%	0:15	11	27,3%
<input type="checkbox"/> Pesquisa do YouTube	– –	– –	–	30	0%
<input type="checkbox"/> Página da playlist	– –	– –	–	16	0%

## ANEXO 04 – VÍDEO - JORNADA DE JOVENS TALENTOS 2020/IOC



youtube.com/watch?v=IHCZbKx0zw

nucleo de estudiosarte cultura e saude

Todos Da sua pesquisa Aulas Relacionar

Pesquisa A Participação da Mulher no Movimento Operário de Volta Redonda. Uma perspectiva da Educação Popular na Pesquisa Baseada em Artes

0:02 / 2:56

Vídeo, Roberto | Jornada de Jovens Talentos 2020 - Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz

53 visualizações · Estreou em 23 de dez. de 2020

9 0 COMPARTILHAR SALVAR

Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Saúde

19 inscritos

INSCRITO

A participação da mulher no movimento operário de Volta Redonda foi selecionado para sessão de vídeos da Jornada Jovens Talentos. Construído no formato MP4 o vídeo teve como objetivo

Vídeo, Adrielle | Jornada de Jovens Talentos 2020 - ...

Núcleo de Estudos Arte, Cultura e ...

33 visualizações · há 9 meses

Ecoar e Victor Strattnr em "Investigação Baseada nas..."

Núcleo de Estudos Arte, Cultura e ...

22 visualizações · há 5 meses

Pôster IC, Ana Beatriz | XVII Seminário Nacional de Histór...

Núcleo de Estudos Arte, Cultura e ...

50 visualizações · há 9 meses

Experimente ESTUDAR ouvindo esse som

Marcelo Souto

692 mil visualizações · há 2 anos

Série: "Saúde em tempos de quarentena e isolamento..."

Núcleo de Estudos Arte, Cultura e ...

9 visualizações · há 4 meses

Carta Visual

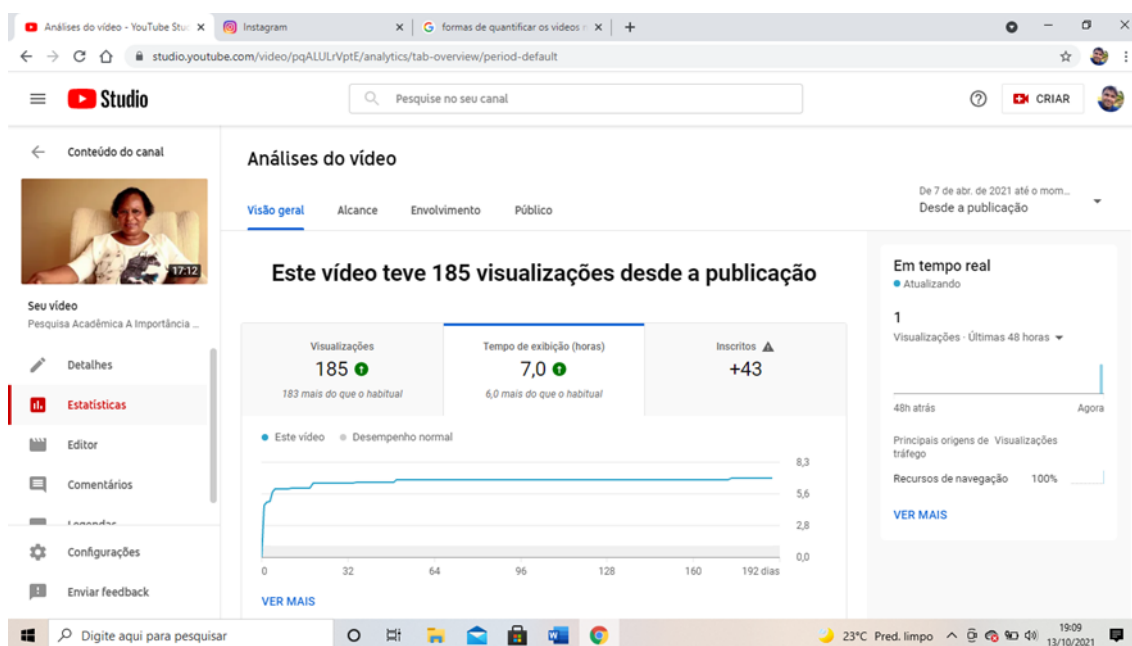
1:15

NÃO É

LEANDRO KARNAL - Não é mais fácil ser fiel?

18°C 23:05 12/10/2021

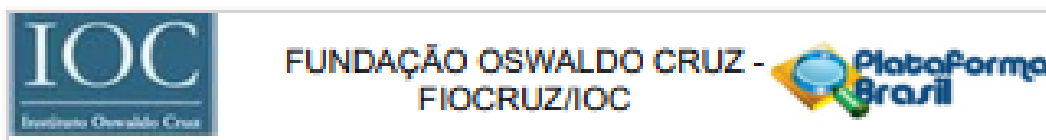
## ANEXO 05 – ANÁLISE DE VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO



## ANEXO 06 – SITE INSTAGRAM - VÍDEO IOC/FIOCRUZ



## ANEXO 07 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A Importância da Mulher no Movimento Operário em Volta Redonda

**Pesquisador:** Marcio Luiz Braga Comba de Mello

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 14080818.0.0000.5248

**Instituição Proponente:** FUNDACAO OSWALDO CRUZ

**Patrocinador Principal:** Fundação Oswaldo Cruz

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.535.384

**Apresentação do Projeto:**

Segundo o autor, trata-se de uma "pesquisa realizada para conclusão do Mestrado acadêmico, será realizada no formato de vídeo mini documentário. O estudo visa pesquisar a história da mulher no movimento operário em Volta Redonda, durante a década de 60 a década de 80.

As "falas das colaboradoras" serão analisadas e resgatadas, "através de documentos, a história de mulheres que em vida contribuíram para a construção de políticas e garantias de direitos através das lutas de classe." Utilizarão como metodologia a pesquisa baseada em artes (arts based research) e pesquisa ação participante, através da "produção imagética (desenhos, pinturas e fotografias), na produção textual(poemas, cartas, livros...) produzidos ao longo dos anos até o momento atual.

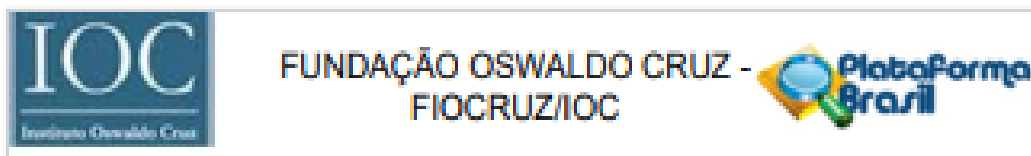
**Objetivo da Pesquisa:****Objetivo Primário:**

Investigar através da pesquisa participante a importância da mulher no movimento operário em Volta Redonda.

**Objetivos Secundários:**

1. Formação do grupo através do convite e explicitação da proposta e assinatura do TCLE.
2. Promover as oficinas artes, na construção ou resgate de desenhos, poemas, fotografias, filmes

**Endereço:** Av. Brasil 4336, sala 705 (Campus Expansão)  
**Bairro:** Manguinhos **CEP:** 21.040-360  
**UF:** RJ **Município:** RIO DE JANEIRO  
**Telefone:** (21)3882-8011 **Fax:** (21)2561-4815 **E-mail:** cep@ioc.fiocruz.br



Continuação do Parecer: 3.635.384

Outros	Carta.pdf	21:09:48	Comêa de Mello	Aceito
Outros	TCL.docx	27/06/2019 20:43:34	Marcio Luiz Braga Comêa de Mello	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

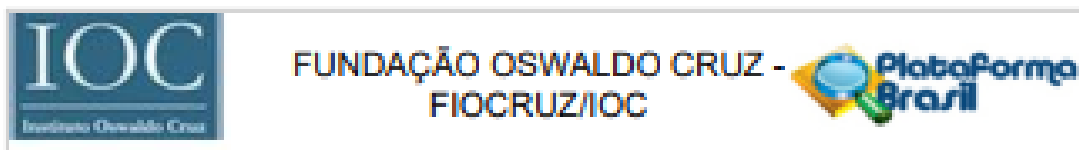
**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIO DE JANEIRO, 27 de Agosto de 2019

---

**Assinado por:**  
**José Henrique da Silva Pilotto**  
 (Coordenador(a))



Continuação do Parecer: 3.535.584

na Educação.

TCLE em conformidade com a pesquisa e de fácil esclarecimento ao participante da pesquisa

TCI corrigido Termo de autorização de imagem e som e em conformidade com a pesquisa e de fácil esclarecimento ao participante da pesquisa

Anexo carta resposta ao Parecer: Nº 3.387.253 do CEP/IOC

**Recomendações:**

Correção digitação no TCI

Campo patrocinador principal Fundação Oswaldo Cruz (Falta CNPJ da Instituição)

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Oswaldo Cruz (CEP FIOCRUZ/IOC), em sua 253ª reunião (extraordinária), realizada em 27.08.2019, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa supracitado.

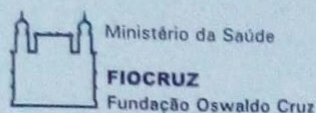
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1147372.pdf	06/08/2019 10:09:47		Aceito
Outros	CARTA.docx	26/07/2019 00:28:31	Marcio Luiz Braga Conda de Mello	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	25/07/2019 15:04:34	Marcio Luiz Braga Conda de Mello	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	23/07/2019 21:48:44	Marcio Luiz Braga Conda de Mello	Aceito
Outros	entrevista.docx	27/06/2019 23:43:53	Marcio Luiz Braga Conda de Mello	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.doc	27/06/2019 23:43:16	Marcio Luiz Braga Conda de Mello	Aceito
Outros	Carta.pdf	27/06/2019	Marcio Luiz Braga	Aceito

Endereço: Av. Brasil 4036, sala 705 (Campus Espanhol)  
 Bairro: Manguinhos CEP: 21.040-360  
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO  
 Telefone: (21)3882-9011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cep@iocruz@ioc.fiocruz.br

## ANEXO 08 – AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA



**IOC**  
Instituto Oswaldo Cruz

Brasil, 4.036 - 7º andar, sala 705 - Expansão - Manguinhos - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 21.040-360 / e-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br e telefone: 21 3882-9011).

Este órgão é responsável para avaliar e aplicar as sanções cabíveis no descumprimento deste termo TCLE. Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo. Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias de igual teor, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).  
Local e data.

Nome do (a) participante: Solange Jacob Whehaibe  
Assinatura: SJ Whehaibe  
Nome do (a) pesquisador (a): \_\_\_\_\_  
Assinatura: \_\_\_\_\_

Roberto Carlos da Silva e Marcio Luiz Braga Corrêa de Mello.

Robertocs16@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP Fiocruz/IOC

Av. Brasil, 4036, 7º andar - sala 705 - Expansão

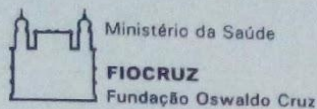
Manguinhos - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 21.040-360

Tel.: (+55 21) 3882-9011

e-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br



## ANEXO 09 – AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA



**IOC**  
Instituto Oswaldo Cruz

Brasil, 4.036 - 7º andar, sala 705 - Expansão - Manguinhos - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 21.040-360 / e-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br e telefone: 21 3882-9011).

Este órgão é responsável para avaliar e aplicar as sanções cabíveis no descumprimento deste termo TCLE. Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo. Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias de igual teor, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).  
Local e data.

Nome do (a) participante: MARIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Assinatura: [Assinatura]

Nome do (a) pesquisador (a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Roberto Carlos da Silva e Marcio Luiz Braga Corrêa de Mello.

[Robertocs16@hotmail.com](mailto:Robertocs16@hotmail.com)

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP Fiocruz/IOC


Av. Brasil, 4036, 7º andar - sala 705 - Expansão


Manguinhos - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 21.040-360

Tel.: (+55 21) 3882-9011

e-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br

## ANEXO 10 – AUTORIZAÇÃO PARA REGISTRO DE IMAGENS


 Ministério da Saúde  
**FlOCRUZ**  
 Fundação Oswaldo Cruz


 IOC  
 Instituto Oswaldo Cruz

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM**




Eu Solange Jacob Wehabe, CPF nº 047060647-91, RG nº 80687285-9 IEP, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Roberto Carlos da Silva do projeto de pesquisa intitulado “A Importância da Mulher No Movimento Operário de Volta Redonda”, realizar os registros de imagens que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento para fins desta pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004). Este documento terá duas vias, sendo uma do participante e outra do pesquisador. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor desta pesquisa, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma. O sigilo e anonimato devem ser preservados.

Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2020


Participante da pesquisa Solange Jacob Wehabe  
 Pesquisador Responsável Roberto Carlos da Silva  
*Rua Alimo Antônio Francisco 133*  
*Jardim Belvedere, Volta Redonda RJ . robertocs16@hotmail.com Tel (24)988072974*

1/1 Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP Fiocruz/IOC (Avenida Brasil, 4.036 - 7º andar, sala 705 - Expansão - Manguinhos - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 21.040-360 / e-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br e telefone: 21 3882-9011).

## ANEXO 11 – EXPLICAÇÕES SOBRE A PESQUISA

 <p>Ministério da Saúde <b>FIOCRUZ</b> Fundação Oswaldo Cruz</p>	<p><b>IOC</b> Instituto Oswaldo Cruz</p>
<p>constrangedoras. Estaremos atentos a quaisquer sinais verbais e não verbais de desconforto e após as gravações e edições do minidocumentário iremos garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos do que será colocado para domínio público. f) <b>BENEFÍCIOS:</b> Ao participar da pesquisa, você estará contribuindo para fortalecer o ensino no país e no resgate da memória do movimento operário e para história da participação da mulher nos movimentos sociais. g) <b>ESCLARECIMENTOS:</b> exemplo: Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada a pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo. h) <b>LIBERDADE:</b> Sua participação nessa pesquisa não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento. i) <b>SEM GASTOS E REMUNERAÇÃO:</b> Caso tenha alguma despesa relacionada à pesquisa, você será ressarcido (a) e você não receberá pagamento pela sua participação no estudo. j) <b>SIGILO E DA PRIVACIDADE:</b> As suas informações serão gravadas e posteriormente transformadas em vídeos que serão colocados ao domínio público para consulta. Os dados relacionados à sua identificação serão divulgados caso você autorize, sendo este um pré-requisito para esta pesquisa. k) <b>DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS:</b> Os resultados da pesquisa serão divulgados em uma dissertação de Mestrado. l) <b>DÚVIDAS:</b> Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento dos pesquisadores ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, você pode entrar em contato com o pesquisador Roberto Carlos da Silva, tel (24)988072974 e caso se considera prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP Fiocruz/IOC (Avenida</p>	
<p>rubrica pesquisador </p> <p>rubrica participante </p>	
<p>Página 2 de 3</p>	

## ANEXO 12 – AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

 Ministério da Saúde <b>FIOCRUZ</b> Fundação Oswaldo Cruz	<b>IOC</b> Instituto Oswaldo Cruz
<p>Brasil, 4.036 - 7º andar, sala 705 - Expansão - Manguinhos - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 21.040-360 / e-mail: <a href="mailto:cepfiocruz@ioc.fiocruz.br">cepfiocruz@ioc.fiocruz.br</a> e telefone: 21 3882-9011).</p> <p>Este órgão é responsável para avaliar e aplicar as sanções cabíveis no descumprimento deste termo TCLE. Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo. Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias de igual teor, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).</p> <p>Local e data.</p>	
Nome do (a) participante: <u>Solange Inacio Whehaibe</u>	
Assinatura: <u>Solange Whehaibe</u>	
Nome do (a) pesquisador (a): _____	
Assinatura: _____	
<p>Roberto Carlos da Silva e Marcio Luiz Braga Corrêa de Mello. <a href="mailto:Robertocs16@hotmail.com">Robertocs16@hotmail.com</a></p> <p>Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP Fiocruz/IOC Av. Brasil, 4036, 7º andar - sala 705 - Expansão Manguinhos - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 21.040-360 Tel.: (+55 21) 3882-9011 e-mail: <a href="mailto:cepfiocruz@ioc.fiocruz.br">cepfiocruz@ioc.fiocruz.br</a></p>	
<small>Página 3 de 3</small>	